



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO**  
**MATEMÁTICA**

**LETÍCIA MARIA DA SILVA**

**O EXAME DE ADMISSÃO AO GINÁSIO: A MATEMÁTICA NO PROCESSO DE**  
**SELEÇÃO HIERARQUIZADA**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2020**

**LETÍCIA MARIA DA SILVA**

**O EXAME DE ADMISSÃO AO GINÁSIO: A MATEMÁTICA NO PROCESSO DE  
SELEÇÃO HIERARQUIZADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Área de concentração: Educação Matemática.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Silvanio de Andrade

Linha de Pesquisa: História, Filosofia e Sociologia das Ciências e da Matemática

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Leticia Maria da.  
O exame de admissão ao ginásio [manuscrito] : a matemática no processo de seleção hierarquizada / Leticia Maria da Silva. - 2020.  
117 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Dissertação (Mestrado em Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. Silvanio de Andrade, Departamento de Matemática - CCT."  
1. Exame de admissão. 2. História oral. 3. Michel Foucault.  
4. Processo de hierarquização. I. Título

21. ed. CDD 510

**LETÍCIA MARIA DA SILVA**

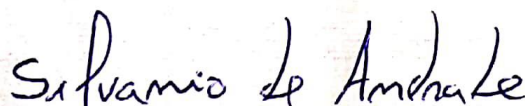
**O EXAME DE ADMISSÃO AO GINÁSIO: A MATEMÁTICA NO PROCESSO  
DE SELEÇÃO HIERARQUIZADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**Área de Concentração:** Educação Matemática.

Aprovada em: 09 de novembro de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**



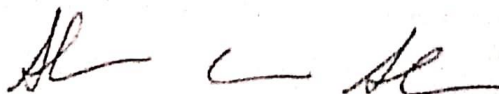
---

**Prof. Dr. Silvanio de Andrade (Orientador)**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

**Prof. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

**Prof. Dr. Alessandro Coelho Alencar**  
Universidade Regional do Cariri (URCA)

CAMPINA GRANDE- PB  
2020

Dedico este trabalho aos meus pais, Severino Pedro da Silva Filho e Cícera Maria Silva de Lima, e ao meu esposo, Edson dos Santos Silva, que sempre impulsionaram meu crescimento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter guiado todas as minhas escolhas e conquistas, por estar sempre comigo durante todo o processo, por sua bondade imerecida e por me proporcionar viver esta incrível experiência.

Aos meus pais, Severino Pedro da Silva Filho e Cícera Maria Silva de Lima, por cada ensinamento e por cada intercessão a Deus por minha vida.

Ao meu Esposo, Edson dos Santos Silva, que, durante todo o processo, sempre esteve ao meu lado me apoiando e incentivando, orando por mim e sempre apresentando palavras de apoio em meio às dificuldades.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Silvanio de Andrade, por cada ensinamento e orientação, pelas trocas de experiências e conhecimentos que foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Muito obrigada por sua paciência e dedicação.

Aos meus familiares, por cada torcida e cada apoio ofertado durante este período de grandes desafios, especialmente à minha irmã, Laís Maria da Silva Santos, por cada oração, por todas as vezes em que esteve pronta a ajudar e por cada palavra de apoio e incentivo.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação e defesa, contribuindo com sugestões valiosas para a pesquisa e nos proporcionando excelentes reflexões sobre o tema.

Aos meus colaboradores da pesquisa, Severino Araújo da Silva, Zenaide César de Mendonça e Osvaldo de Matos e Silva, por todas as contribuições para esta pesquisa e por aceitarem compartilhar suas lembranças sobre o Exame de Admissão ao Ginásio. Recebam o meu muito obrigada!

Ao prof. Dr. Eduardo Gonçalves dos Santos, pelo incentivo para continuar a pesquisa que iniciamos na graduação em um mestrado e por todo apoio durante a elaboração do projeto de pesquisa.

Aos meus sogros, Luiz Júlio da Silva e Maria da Soledade dos Santos Silva, e aos meus cunhados, por todas as orações e palavras de apoio.

Aos amigos que fiz durante o mestrado, em especial, Renata, Jorge e Osilene, que, de maneira especial, sempre estavam dispostos a ajudar e dividir as experiências e aflições.

*Porque o Senhor dá sabedoria, e da sua boca  
vem o conhecimento e o entendimento.  
(Provérbios 2, 6)*

## RESUMO

Neste trabalho de dissertação, buscamos descrever e analisar como o Ensino de Matemática influenciou na construção de um processo de hierarquização no Exame de Admissão ao Ginásio. Tendo em vista que o Exame de Admissão ao Ginásio funcionou, durante décadas, como o único meio de acesso ao Ensino Secundário e considerando seu poder de seletividade e de classificação, tratamos de trazer às nossas análises as reflexões e pensamentos do filósofo Michel Foucault sobre as relações que se estabelecem entre o poder e o saber nas instituições disciplinares e como o Exame é um instrumento eficaz de seleção, comparação e exclusão. Segundo os procedimentos metodológicos da História Oral, partimos dos depoimentos de três colaboradores da pesquisa que vivenciaram o processo do Exame de Admissão ao Ginásio como alunos e, junto às análises das falas dos depoentes, tratamos de analisar e investigar arquivos, especificamente, as provas de Matemática contidas no CD-ROM, organizado por Valente (2001), dos anos de 1930 a 1969. A partir das análises, passamos a refletir como esse processo de hierarquização se torna presente nos Exames de Admissão ao Ginásio e como as provas de Matemática contribuíram para acentuar as classificações neste processo de hierarquização. As textualizações das entrevistas realizadas durante a pesquisa são apresentadas no texto em forma de monólogos, pois consideramos que, assim, os leitores poderão ter maior engajamento com as histórias narradas. Por meio das falas e arquivos analisados, tornou-se possível refletir sobre este processo de hierarquização que aparece, de maneira sutil, nos relatos dos depoentes e, também, nas provas de Matemática que se apresentam como um mecanismo eficaz de seleção e controle do acesso à continuidade dos estudos.

**Palavras-chave:** Exame de Admissão ao Ginásio. História Oral. Michel Foucault. Processo de hierarquização.



## ABSTRACT

In this thesis we aim to describe and analyze how the mathematics teaching influenced to construct a process of hierarchy in the entrance exam of middle school (Ginásio). Take into account that the entrance exam to the middle school worked for decades as the only way of access it, and considering his power of selectivity and classification, we brought to our analysis the reflections and thoughts of the philosopher Michel Foucault about the relations that are established between power and knowledge in the disciplinary institution and how the exam is an effective instrument of selections, comparison and exclusion. According to the methodological procedures of Oral History, we started from the testimonials of three voluntaries to the searching who experienced the Entrance Exam as students, and, together with the analysis fo the testimonials, we analyzed and investigated archives, specifically the mathematics tests in the CD-ROM organized by VALENTE (2001), from 1930 to 1969 and from the analysis we started to reflect how this hierarchy process becomes present in the middle school Entrance Examinations and how the Mathematics tests contributed to accentuate the classifications in this hierarchy process. The textualizations of the interviews carried out during the research are presented in the text as monologues, as we believe that this way the readers will be able to have greater engagement with the narrated stories. Through the speeches and files analyzed, it became possible to reflect on this process of hierarchization that appears in a subtle way in the reports of the interviewees and also in the Mathematics tests that present themselves as an effective mechanism for selecting and controlling access to the continuity of studies.

**Keywords:** Middle School exam . Oral History. Michel Foucault. Hierarchy process.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Questão de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio .....	25
<b>Figura 2-</b> Exercício de expressão aritmética com decimais do Manual “Programa de Admissão” 14a edição do ano de 1966.....	26
<b>Figura 3-</b> Prova de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio .....	28
<b>Figura 4 -</b> Questão de geometria da prova de Matemática do exame de Admissão ao Ginásio .....	29
<b>Figura 5 -</b> Prova de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio .....	30
<b>Figura 6 -</b> Prova de Matemática do exame de Admissão ao Ginásio.....	32
<b>Figura 7 -</b> Questão envolvendo cálculo de expressões algébricas com frações e números decimais.....	33
<b>Figura 8-</b> Questão de Matemática sobre valor monetário .....	33
<b>Figura 9 -</b> Questão envolvendo sistema de unidades de medida .....	33
<b>Figura 10 -</b> Severino Araújo da Silva .....	58
<b>Figura 11-</b> Prof. Zenaide César de Mendonça.....	67
<b>Figura 12-</b> Prof. Osvaldo de Matos Silva .....	76
<b>Figura 13-</b> Certificado de aprovação no Exame de Admissão ao Ginásio .....	112
<b>Figura 14-</b> Ficha de inscrição para o Exame de Admissão ao Ginásio .....	113
<b>Figura 15-</b> Atestado de vacinação contra varíola .....	113
<b>Figura 16 -</b> Atestado de vacinação e sanidade mental- .....	114

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 RECORTES HISTÓRICOS SOBRE O EXAME DE ADMISSÃO AO GINÁSIO.....	19
1.1 A prova de Aritmética do Exame de Admissão ao Ginásio .....	24
1.2 Manuais de preparação para o Exame de Admissão ao Ginásio: a disciplina de Matemática. ....	35
2 RELAÇÃO PODER X SABER PRESENTES NO EXAME DE ADMISSÃO AO GINÁSIO.....	40
3 METODOLOGIA.....	46
3.1 Procedimentos metodológicos .....	53
4 MONÓLOGOS.....	58
4.1 Monólogo sobre os desafios do Exame de Admissão ao Ginásio .....	58
4.2 Monólogo sobre minha infância e o Exame de Admissão ao Ginásio .....	67
4.3 Monólogo sobre minhas lembranças do Exame de Admissão ao Ginásio .....	76
5 TECENDO VOZES E SIGNIFICADOS... ..	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	99
REFERÊNCIAS .....	103
APÊNDICES .....	107
ANEXOS .....	111

## INTRODUÇÃO

A História da Matemática apresenta possibilidades para o Ensino dos conteúdos em sala de aula, talvez por isso, tem sido um campo mais debatido por professores e pesquisadores do que o campo da História da Educação Matemática (GARNICA; SOUZA, 2012). No entanto, é preciso chamar atenção para as contribuições que a História da Educação Matemática pode oferecer no entendimento do Processo Educativo presente no Sistema Educacional. A análise de arquivos escolares, como, provas antigas, diários de classe, livros didáticos e relatos de experiências nos possibilita reconstruir, mesmo que parcialmente, um cenário educacional pelo qual é possível dar significados e buscar respostas para questões de interesse de formação de professores, práticas de ensino, meios avaliativos, relações de poder e tantos outros aspectos que fazem parte deste vasto campo da Educação. Garnica e Souza (2012, p. 40) ressaltam que:

A História da Educação Matemática visa compreender as alterações e permanências nas práticas relativas ao ensino e à aprendizagem de Matemática; dedica-se a estudar como as comunidades se organizavam para produzir, usar e compartilhar conhecimentos matemáticos e como, afinal de contas, as práticas do passado podem – se é que podem – nos ajudar a compreender, projetar, propor e avaliar as práticas do presente.

Reconhecendo a importância dessas alterações e permanências nas práticas relativas ao Ensino e Aprendizagem em Matemática, como também as relações e compartilhamentos de saberes entre os indivíduos, buscamos aqui fazer uma análise minuciosa e descritiva sobre o Exame de Admissão ao Ginásio, que se trata de um processo seletivo no qual os alunos que pretendessem ingressar no Ensino Ginásial deveriam ser submetidos, a fim de conseguir classificação suficiente para a quantidade de vagas ofertadas nas escolas da época. Esse Exame surge em um período de significativas mudanças no âmbito político, econômico e educacional do país. Dentre essas mudanças, iremos, aqui, situar o leitor sobre os avanços e reformas que se alavancaram a partir do movimento revolucionário de 1930. Esse movimento contribuiu para o fim da República Velha e, com o Governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1934), o terreno da Educação se torna fértil para as mudanças que surgem durante esse período, no qual foi criado o Ministério da Educação e da Saúde Pública, pelo jurista Francisco Campos, promovendo significativas reformas no âmbito educacional. Dentre elas, destacamos a reforma do Ensino Secundário e do Ensino Superior, o Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova, a Constituição Federal de 1934 e as Leis Orgânicas do Ensino (reforma Capanema).

Em abril de 1931, o ministro da Educação passa a ter um maior interesse pelo Ensino Secundário<sup>1</sup> e, também, pelo Ensino Superior. Segundo Filho (2005), o Ensino Secundário era organizado em dois segmentos, sendo o primeiro correspondente ao Ensino Ginásial, com duração de cinco anos, e o segundo chamado de Curso Complementar, com duração de dois anos, que tinha caráter de especialização e era subdividido em pré-jurídico, pré-médico e pré-politécnico. Nesse período, o Ensino Secundário<sup>1</sup> continuava sendo um curso preparatório para o ensino Superior. Segundo Filho (2005, p. 3), “o conteúdo curricular continuava a serviço de uma elite intelectual, que se pretendia formar”. O caráter elitista não se tratava apenas do conteúdo curricular, mas, também, do Sistema de avaliação criado por essa reforma. Podemos citar o Decreto 19.890, o qual estabelecia que, para ingressar no Ensino Ginásial, o aluno deveria ser submetido ao Exame de Admissão ao Ginásio.

No ano de 1931, o governo solicita uma Conferência Nacional de Educação a fim de que sejam traçadas diretrizes para a criação de uma política nacional de Educação. Dentre os participantes, estavam dois grupos distintos. De um lado, os influenciados pelo comunismo, liderados por Luiz Carlos Prestes e, do outro, os católicos e conservadores, liderados por Plínio Salgado. Entre os dois grupos não houve acordo quanto ao movimento renovador para a Educação, logo, os líderes desse movimento fizeram públicos seus objetivos e princípios quanto à proposta de criação de um sistema nacional de educação para a sociedade e para o governo, por meio de um documento que ficou denominado como “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. Nesta proposta, aborda-se a obrigatoriedade do ensino elementar para todos, a gratuidade desse ensino, o currículo escolar laico e a coeducação dos sexos.

A Constituição Federal de 1934 segue os mesmos princípios propostos pelo Manifesto dos Pioneiros, dando ênfase, na criação de seus artigos, a questões educacionais. Mais tarde, na Constituição Federal de 1937, são mantidos alguns desses artigos, no entanto, a obrigação do Estado quanto à educação passa a ser menos intensa. A partir de 1942, Gustavo Capanema, agora Ministro da Educação, passa a estabelecer oito decretos voltados para a educação, as Leis Orgânicas do Ensino, que começaram a ser emitidas no Estado Novo. Esses decretos, em forma e em conteúdo, evidenciam a ideologia do Estado novo sobre a política educacional: centralizada, dogmática, rígida, elitista, vinda de cima para baixo, sem respeitar a opinião pública e a visão de educadores (CAMPELO, 2017).

A partir da década de 1920, houve uma forte busca por melhoria na educação do Brasil, “a era Vargas trazia, no seu bojo, a preparação da sociedade para novos tempos e a educação

---

<sup>1</sup> Corresponde ao que hoje são as séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) mais o Ensino Médio.

como o principal motor para auxiliar o processo de modernização do país rumo ao desenvolvimento urbano-industrial preconizado naquela época” (ZUIN, 2018, p.2). Nesse contexto, o Ensino secundário torna-se foco dos debates sobre a Educação no Brasil. Como consequência desta busca e anseio por qualidade educacional e, especificamente, no Ensino Secundário, surge uma proposta para a criação de um método de avaliação altamente classificatório e rigoroso para o ingresso ao Ginásio, considerando que era no Ensino Secundário em que deveria ser estabelecido o modelo de formação daqueles que passariam para um curso superior. Dentre as reformas que ocorreram no período do primeiro Governo de Getúlio Vargas, por meio do jurista Francisco Campos, destaca-se o decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, o qual estabelecia que, para o ingresso no primeiro ano do Ginásio, o aluno deveria se submeter a provas escritas e orais de Matemática (cálculo elementar) e Português (redação e ditado) e, também, provas escritas de História do Brasil, Geografia e Ciências Naturais. Esses Exames tornaram-se obrigatórios para o ingresso ao Ginásio em todo o Brasil até o ano de 1971, deixando registrados, na história e nas memórias daqueles que vivenciaram este período, fortes marcas de um tempo em que o acesso ao curso ginásial era extremamente restrito.

Esses Exames perduraram durante décadas nas instituições escolares, sofrendo, durante esse período, algumas alterações quanto aos programas, à data para requerimento de inscrição e de aplicação das provas, ao cálculo da média para aprovação e quanto aos conteúdos programáticos das provas. Esse Exame passa a ser extinto a partir da Lei nº 5.692/1971 que unificou o Ensino Primário ao Ginásio, passando, agora, a ser o ensino de 1º grau e, conseqüentemente, eliminando o Exame de Admissão ao Ginásio.

Ao pesquisar sobre o Exame de Admissão ao Ginásio durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Matemática, houve o empenho em investigar sobre a história desse Exame, dando ênfase à disciplina de Matemática, nos municípios de Pedras de Fogo (PB) e Itambé (PE), cidades gêmeas<sup>2</sup>, nas quais não havia nenhuma pesquisa sobre o tema. Durante esta pesquisa na graduação, buscamos trazer aos leitores algumas reflexões sobre as características, as normas e os benefícios e malefícios do Exame para a sociedade, por meio de análise de manuais de preparação e através de depoimentos de três professoras que vivenciaram esse processo seletivo nestes municípios. A partir do trabalho de conclusão de curso, surgiram questões que impulsionaram a ampliação dos estudos sobre o tema, no intuito de realizar uma análise e uma investigação mais descritiva sobre o Exame de Admissão ao Ginásio e o processo

---

<sup>2</sup> Pedras de Fogo (PB) tem relação contígua com o estado de Pernambuco, através da cidade de Itambé. Pedras de Fogo e Itambé surgiram como um único aglomerado urbano e, mais tarde, se separaram por questões políticas.

de hierarquização, dando atenção principal à disciplina de Matemática. Tendo em vista que o Exame de Admissão ao Ginásio funcionou como o único meio de acesso ao Ensino Secundário e considerando seu poder de seletividade e de classificação, tratamos de trazer às nossas análises as reflexões e pensamentos do filósofo Michel Foucault sobre as relações que se estabelecem entre o poder e o saber nas instituições disciplinares e, também, na sociedade como um todo. Junto a essas reflexões, buscamos analisar e investigar, por meio dos arquivos e das falas dos depoentes, como esse processo de hierarquização se torna presente nos Exames de Admissão e como as provas de Matemática contribuíram para acentuar as classificações neste processo de hierarquização. A disciplina de Matemática torna-se um meio pelo qual são realizadas mais facilmente as exclusões e seleções nos meios avaliativos, pois, sendo conhecida por sua imparcialidade e pelas dificuldades que a grande maioria dos alunos apresenta no desenvolvimento de seus conceitos, podemos encontrar, a partir das análises das provas de Matemática do Exame, um número significativo de alunos que não conseguiam alcançar a nota suficiente para sua aprovação e, portanto, não poderiam prosseguir no Exame.

O objetivo desta pesquisa surge a partir das contribuições que a História da Educação Matemática tem na compreensão dos processos educacionais e, especificamente, na compreensão da Matemática Escolar, logo, neste trabalho de dissertação, buscamos descrever e analisar como o ensino de Matemática influenciou na construção de um processo de hierarquização no Exame de Admissão ao Ginásio. Dessa forma,

Quando pensamos sobre um conceito para hierarquia, a primeira coisa que vem a nossa cabeça é sobre as relações de autoridade, que se estabelecem entre superiores e subordinados. Quanto maior as diferenças sociais, maiores serão os efeitos dessa subordinação no desenvolvimento geral de uma cultura. (ROLIN; ZANETE, 2010).

É de fundamental importância voltar o nosso olhar para o contexto social, econômico e político da sociedade, a fim de refletirmos acerca dos aspectos educacionais que são moldados a partir das relações entre os sujeitos, de seus compartilhamentos de saberes e conhecimentos em um determinado momento histórico:

As próprias políticas educacionais estão intimamente relacionadas com a conjuntura social, política e econômica do Estado; por isto a educação vem sofrendo consequências de uma sociedade dividida pelas relações entre capital e trabalho, voltada, portanto, ao modo de produção. As políticas educacionais têm reforçado o dualismo estrutural e oferecem diferentes formações para as diferentes classes sociais. (AKSENEN, 2013, p. 17).

Aksenén (2013) ressalta ainda que, ao estabelecer o Exame de Admissão ao Ginásio como único meio de acesso ao Ensino Ginásial, a educação brasileira passa a ser vista como um mecanismo de valorização de uns em detrimento de outros, deixando, então, de considerar as origens, as diferenças e as possibilidades de cada indivíduo.

Diante dessa concepção e dos aspectos de seletividade, exclusão e privilégios de classes que ganham destaque no Exame de Admissão ao Ginásio, é pertinente considerar as concepções do filósofo Michel Foucault sobre o exame e as relações de poder e saber e os processos de hierarquização que, de forma peculiar, estão presentes nesse processo avaliativo. Sobre o exame, Foucault (1987) diz que:

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. (FOUCAULT, 1987, p.154).

Foucault (2014, p. 183) ressalta ainda que o exame “supõe um mecanismo que liga um certo tipo de saber a uma certa forma de exercício do poder”, portanto, olhar para a História desse Exame e analisar como se dava o processo de ensino-aprendizagem de Matemática neste contexto histórico permite a reflexão sobre o que mudou, ou não, na forma de avaliar a aprendizagem dos indivíduos e, além disso, refletir sobre as verdadeiras intenções relacionadas aos processos avaliativos e quais os impactos causados por este Exame na vida daqueles que vivenciaram esta experiência no contexto histórico de significativas mudanças na Educação do Brasil.

O Exame de Admissão ao Ginásio, segundo Pinto (2004) e Valente (2001), durante décadas, funcionou como uma linha divisória entre o Ensino Primário<sup>3</sup> e o Ensino Secundário, pois se tratava de um exame altamente seletivo e rigoroso, funcionando, assim, como um mecanismo de exclusão e controle da escolarização da população. Torna-se um desafio e uma necessidade analisar as práticas avaliativas vigentes em um período histórico de significativas mudanças no país por consequência do desenvolvimento industrial e urbano da década de 1930, que proporcionaram um aumento na procura pela educação. Segundo Pinto (2004), a Matemática presente nos Exames servia como um mecanismo necessário para atender às classes dominantes, pois o ensino de qualidade estava voltado apenas para uma pequena parcela da população escolarizada e as provas de Matemática refletiam uma trama ideológica de um momento histórico marcado por conflitos.

Esses Exames despertaram a atenção não apenas dos alunos, mas, também, de seus familiares, pois a aprovação no Exame possibilitava ao estudante a inserção em um grupo seletivo e privilegiado da sociedade. Segundo Silva (2006, p. 84) as políticas educacionais voltadas ao

---

<sup>3</sup>Era constituído normalmente por quatro séries, cada um correspondendo a um ano. Podia prolongar-se por até mais duas séries complementares, com vista a ampliar o conhecimento do aluno e a sua formação para os trabalhos. A conclusão do ensino primário permitia o ingresso no Ensino Ginásial.



Ensino Secundário atendiam a uma parcela bastante reduzida da população, a classe média urbana, e reforçavam ainda mais as hierarquias e dualidades do sistema escolar vigente. O Ensino Secundário tornou-se um caminho para se chegar ao Ensino Superior, e, para conseguir este ingresso, os alunos que saíam do primário deveriam se submeter ao Exame de Admissão ao Ginásio.

Segundo Machado (2002), isso representou um adiantamento da seleção daqueles que iriam para o Ensino Superior, pois aqueles que cursavam o Ensino Secundário tinham o objetivo de prosseguir com os estudos e chegar ao nível superior. Ainda segundo Machado (2002), antes e depois da criação do Colégio Pedro II, vários Liceus Provinciais tinham objetivos bem definidos para a Educação secundária, objetivos esses voltados para os interesses da elite, que era o acesso ao curso superior. A Reforma de Francisco Campos (1930) e Gustavo Capanema (1942) deixaram claro que o Ensino Primário e o profissional eram voltados para as classes menos favorecidas e o Ensino Secundário e Superior para as classes dominantes.

Para alcançar nosso objetivo, trabalhamos segundo os procedimentos metodológicos da História Oral. Nos empenhamos em analisar as falas dos colaboradores da pesquisa, os quais vivenciaram o processo do Exame de admissão ao Ginásio e as normas de seleção e aplicação do Exame, bem como o manual de preparação “ Programa de Admissão” e as provas de Matemática do colégio de São Paulo (1931-1969), traçando, assim, alguns objetivos específicos, como: identificar conteúdos matemáticos contidos no manual “Programa de Admissão” e adotados na prova de Matemática; verificar em documentos institucionais normas de orientação para os estudantes se submeterem ao referido Exame e averiguar, nos depoimentos dos colaboradores, marcas discursivas sobre normas de orientação quanto à efetiva seleção e aprovação do referido Exame enfrentadas pelos estudantes.

As questões apresentadas aos colaboradores nos possibilitam olhar para o passado a fim de tentar compreender o presente e, assim, adquirir informações mais descritivas sobre o objeto de estudo. Podemos ressaltar que, por meio da História Oral, os relatos de experiências dos sujeitos que vivenciaram o Exame de Admissão ao Ginásio nos proporcionaram uma melhor compreensão sobre este Exame. Entendemos que as contribuições dadas pelos depoimentos de cada colaborador, junto aos arquivos aqui analisados, nos direcionam, de maneira significativa, para a compreensão do objeto de estudo apresentado, que é o Exame de Admissão ao Ginásio.

Segundo Garnica (2013), Delgado (2014), Freitas (2006), Saladim e Souza (2010), a metodologia da História Oral permite ao pesquisador constituir, intencionalmente, fontes historiográficas a partir das narrativas de sujeitos que vivenciaram experiências comuns sobre determinado objeto de estudo. Essas narrativas são colhidas pelo pesquisador através de

entrevistas que podem ser gravadas por meio de recursos audiovisuais. De posse das entrevistas, tratamos de registrar cada narrativa oral na forma escrita. Esses registros escritos, junto com os documentos e arquivos coletados durante a pesquisa, nos possibilitam uma melhor análise sobre o objeto de estudo aqui apresentado. Esta metodologia segue um conjunto de procedimentos que estão em constante desenvolvimento e que, nem sempre, seguem os mesmos procedimentos para pesquisas que trabalham com esta mesma metodologia.

Seguindo as concepções de Garnica (2013), dentre algumas etapas que devem ser seguidas ao optar por trabalhar com a História Oral, podemos citar: Seleção dos colaboradores para a pesquisa, realização das entrevistas, transcrição das entrevistas na íntegra, textualização das transcrições. Após as textualizações, deve ser realizada a devolutiva para os colaboradores para validação, assinatura da carta de cessão dos direitos autorais das textualizações, tratamento dos dados e publicação. Essas são as etapas que devem ser seguidas por quem se dispõe a trabalhar com a metodologia da História oral, no entanto, não estabelecem como cada pesquisador deve fazer suas pesquisas, pois as formas de realizar a produção de dados podem ser moldadas dependendo das escolhas de cada pesquisador. A maneira como decidimos a dispor o texto para os leitores pode colaborar para uma melhor compreensão do objeto de estudo.

Apresentaremos as textualizações, em forma de monólogos, elaboradas a partir das narrativas dos colaboradores, que, em nosso caso, são sujeitos que vivenciaram o Exame de Admissão ao Ginásio como alunos. Optamos por apresentar as textualizações por meio de monólogos através do contato com a tese de doutorado que tem por título *Vozes do Cariri: monólogos e diálogos sobre a história da formação de professores de Matemática no interior do Ceará*, na qual o autor, Alexsandro Coelho Alencar, expõe uma composição de histórias construídas por meio de fontes documentais e testemunhais sobre a atuação e formação de professores que ensinavam Matemática no interior do Cariri a partir da década de 1970. O autor utiliza a metodologia da História Oral, entrevistando doze professores que atuaram ensinando matemática no contexto estudado pelo autor. Em seu texto, o autor apresenta os depoimentos de seus colaboradores por meio de monólogos. Essa forma de elaboração textual não deixa evidente que esses depoimentos são desenvolvidos a partir de entrevistas com roteiros pré-estabelecidos, mas, sim, que fazem parte de uma fala livre do depoente.

Seguindo essa forma de elaboração textual da pesquisa citada acima, decidimos apresentar nossos depoimentos em forma de monólogos, pois consideramos que a forma como expomos esses depoimentos contribuem para um melhor engajamento dos leitores com as histórias narradas. Para elaboração desses monólogos, fizemos, de início, entrevistas, guiadas

por roteiros, que direcionavam as falas dos colaboradores para o tema aqui estudado. As transcrições dessas entrevistas apresentam tanto as perguntas quanto, também, as respostas dos depoentes na íntegra. No entanto, no momento das textualizações, tratamos de retirar nossas intervenções como entrevistadores e optamos por apresentar as falas dos depoentes em forma de monólogos com o objetivo de “minimizar a presença do pesquisador no desenrolar das textualizações, de modo que a leitura soe como a fala de um único ator, que é o nosso depoente, para uma plateia da qual o leitor é parte.” (ALENCAR, 2019, p.18).

Ainda de acordo com Alencar (2019, p.19), o monólogo é, frequentemente, usado na literatura, no cinema e no teatro e é caracterizado por ser um discurso sem interrupções de um receptor, discurso proferido por um personagem que fala para si ou para um receptor externo, que pode ser oculto e que não interage com o enunciador. Na nossa pesquisa, consideramos este segundo caso em que os receptores são os leitores que, ao deparar-se com as narrativas, passam a conhecer as histórias de vida temática de cada depoente. Chamamos de histórias de vida temática, pois trata-se de focalizar um determinado tema. Nessa perspectiva, segundo Garnica (2003), pretende-se reconstruir aspectos da vida dos entrevistados, pretende-se investigar algumas experiências de vida dos depoentes baseando-se em temas previamente selecionados pelo pesquisador. Com isso não queremos afirmar que os fatos e acontecimentos que venham a ser relatados no decorrer da entrevista relacionados a aspectos fora do campo de pesquisa do pesquisador não sejam considerados, mas, sim, que esses fatos não terão um papel decisivo na interpretação das narrativas.

Nosso texto está organizado da seguinte forma:

Nesta Introdução, procuramos situar o leitor sobre nosso objeto de estudos, nosso objetivo da pesquisa, e algumas informações importantes acerca de algumas reformas que foram estabelecidas no período do Exame de Admissão ao Ginásio.

No primeiro capítulo, fazemos um recorte histórico sobre o Exame de Admissão, suas normas, decretos e o processo de ingresso nas escolas ginásiais do Brasil durante os anos de 1930 a 1971. Ainda trazemos, neste capítulo, uma explanação a respeito de como eram as provas de Matemática neste exame e também como ocorreu o avanço editorial voltado para a preparação dos alunos que se submeteriam ao Exame.

No capítulo dois, tratamos da fundamentação teórica, apresentando as contribuições do filósofo Michel Foucault sobre o exame e as relações de poder e saber presentes nas instituições disciplinares e nos discursos perpassados pela sociedade.

No terceiro capítulo, apresentamos as contribuições da História Oral como metodologia de pesquisa para os trabalhos em História da Educação Matemática, mostrando seus potenciais

e destacando as características e procedimentos necessários para aqueles que decidem trabalhar com esta metodologia. Ainda neste capítulo trazemos nossos procedimentos metodológicos, e destacamos como se deu a escolha dos colaboradores e a coleta de dados da pesquisa.

No quarto capítulo, intitulado de “Monólogos”, apresentamos o resultado de cada uma das nossas entrevistas em forma de texto corrido, em que cada depoente apresenta suas lembranças e contribuições sobre nosso objeto de estudo.

Logo após, no capítulo cinco, destacamos as falas de nossos depoentes e os dados analisados da nossa pesquisa, considerados principais para nossas reflexões, fazendo, assim, uma ponte entre os dados coletados e nosso referencial teórico.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais e fazemos uma síntese de tudo que analisamos e de tudo que ouvimos de cada colaborador da pesquisa. Retornamos, então, ao nosso objetivo, buscando elementos da nossa pesquisa que contribuem para responder às questões que nos propomos a investigar.

## 1 RECORTES HISTÓRICOS SOBRE O EXAME DE ADMISSÃO AO GINÁSIO

A industrialização favoreceu o desenvolvimento da urbanização no Brasil, atraindo um número de pessoas cada vez maior para o consumismo. Esta intensificação do capitalismo industrial no Brasil, ou seja, a transição da civilização agrário-comercial para a urbano-industrial impulsionou o interesse pela expansão da escolaridade, pois se acreditava no poder da Educação para modernizar o país.

O sistema de Ensino tradicional torna-se, então, um obstáculo para o sistema econômico, que passa a pressionar por uma renovação do Sistema Educacional, o que impulsionou a criação de exigências no campo educacional da época e significativas mudanças na rede primária e secundária de ensino. Assim,

Um momento que merece destaque na História da Educação brasileira é o período em que se tornaram obrigatórios os Exames de Admissão para o acesso ao Ensino Secundário – uma alteração significativa no processo de avaliação e seleção dos alunos para o ingresso neste nível de instrução. A Era Vargas trazia, no seu bojo, a preparação da sociedade para novos tempos e a educação como o principal motor para auxiliar o processo de modernização do país rumo ao desenvolvimento urbano-industrial preconizado naquela época. (ZUIN, 2018, p. 49).

Durante o governo provisório (1930-1934), Getúlio Vargas estabeleceu mudanças no campo da Educação. Destaca-se, então, a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública, em 14 de novembro de 1930, para o qual foi nomeado como titular o jurista Francisco Campos que estabeleceu o Decreto 19.851, em 11 de abril de 1931, no intuito de reformular o Ensino Secundário e o Ensino Superior. Segundo Filho (2005, p. 3),

Nos termos do Decreto 19.851, o ensino secundário é organizado em dois segmentos. O primeiro deles, com a duração de cinco anos, corresponde ao ensino ginasial, ao qual se segue o curso complementar com a duração de dois anos, com caráter de especialização.

O Exame de Admissão ao Ginásio foi instituído em 18 de abril de 1931 pelo Decreto nº 19.890, o qual estabelecia que, para o ingresso ao primeiro ano ginasial dos estabelecimentos de Ensino Secundário, o candidato deveria submeter-se ao Exame de Admissão na segunda quinzena de fevereiro. O Exame constava de provas orais e escritas de Português (redação e ditado) e Matemática ou Aritmética (cálculo elementar) e provas escritas de Ciências Naturais, Geografia e História do Brasil, e o candidato deveria, ainda, ter idade mínima de 11 anos. No caso em que o estabelecimento de ensino se destinasse à educação de rapazes, e o regime fosse de internato, a idade do candidato não poderia ser superior a 13 anos. Além disso, o aspirante

deveria apresentar recibo de pagamento da taxa de inscrição e apresentar atestado de vacinação antivariólica recente e, ainda, ter classificação suficiente, ou seja, a matrícula só era realizada se a quantidade de vagas na instituição de ensino correspondesse à classificação do candidato.

Em relação às provas, o artigo 22 estabelecia que:

Art. 22 – O exame de admissão constará de provas escritas, uma de Português (redação e ditado) e outra de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências naturais. (BRASIL, Decreto nº 19.890/ 1931).

Para se inscrever no Exame de Admissão ao Ginásio, os documentos que deveriam ser apresentados pelo candidato para comprovar as exigências do decreto incluíam: requerimento firmado pelo candidato ou por seu representante legal (neste requerimento, deveria constar a idade, filiação, naturalidade e residência do candidato). Este requerimento deveria vir acompanhado de certidão de nascimento, comprovando ter idade mínima de 11 anos completos ou a completar até 30 de junho seguinte, prova de sanidade constituída por atestado médico e certidão de vacinação antivariólica recente e do recibo de pagamento de inscrição.

No Colégio Pedro II, a política dos exames de Admissão já estava presente de maneira marcante e obrigatória desde o Decreto nº 4.468, de primeiro de abril do ano de 1870, o qual estabelecia que os candidatos à matrícula do 1º ano ginásial, deveriam comprovar, em exame, os conhecimentos considerados indispensáveis ao aluno desse estabelecimento de Ensino, entre eles, estava conhecer a doutrina cristã, ler e escrever corretamente, ter domínio sobre as quatro operações fundamentais da aritmética, o sistema decimal de pesos e medidas e as noções elementares da gramática portuguesa (MACHADO, 2002). Diante desse processo, acredita-se que o Ministro da Educação Francisco Campos sofreu influência da política adotada nessa instituição de ensino que, durante décadas, passou por alterações em suas normas e exigências quanto ao Exame de Admissão para aqueles que desejavam ingressar no ensino ginásial deste colégio.

Ao estabelecer o Exame de Admissão ao Ginásio como único meio de acesso ao Ginásio, a legislação em vigor a partir de 1930 tem como objetivo homogeneizar o Ensino Secundário nas instituições públicas e particulares do Brasil. Segundo Aksenén (2013), citando o artigo 55 do decreto estabelecido por Francisco Campos, entre as principais mudanças, estava o serviço de inspeção, subordinado ao Departamento Nacional de Ensino, que era colocado em prática por inspetores concursados, que tinham como dever fiscalizar, em todos os distritos, os serviços, a fim de solucionar problemas e acompanhar as realizações das provas, como também a tarefa de acompanhar as aulas e enviar, mensalmente, relatórios descritivos sobre a instituição

de ensino secundário inspecionada. “Verifica-se por meio da prática de inspeção, a preocupação do Estado em controlar o universo escolar” (AKSENEN, 2013, p. 43).

Entre os anos de 1942 e 1946, o novo ministro da Educação, Gustavo Capanema, criou novas reformas de ensino que foram regulamentadas por decretos-leis, ficando conhecidas como Leis Orgânicas do ensino. Essas novas reformas estruturaram o ensino industrial, reformularam o ensino comercial, criaram o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e trouxeram importantes mudanças no Ensino secundário, estabelecendo que o Ensino Secundário fosse ministrado em dois ciclos: o curso ginásial, composto por quatro anos, e o segundo ciclo, que era composto por dois cursos paralelos, o clássico e o científico, com três anos de duração, com o intuito de preparar os alunos para o curso superior. Destacamos, ainda, que, entre as mudanças estabelecidas nessas reformas, estava o Decreto-lei 4.244, de 9 de abril de 1942, estabelecendo que a realização das provas do Exame de Admissão ao Ginásio poderia ser realizada em duas épocas, sendo elas em dezembro e fevereiro, respectivamente. O candidato que não participasse do processo avaliativo ou reprovasse na primeira época poderia submeter-se, novamente, ao exame na segunda época.

O Decreto 19.890, art.20, diz que não era permitida a inscrição para o Exame de Admissão ao Ginásio, na mesma época, em mais de um estabelecimento de ensino secundário, logo, os candidatos que assim procedessem teriam seu exame invalidado. As inscrições e o exame eram realizados no estabelecimento de ensino no qual o candidato desejava ingressar.

Quanto à banca examinadora, temos que:

Art. 21 — A banca examinadora será constituída, no colégio Pedro II, por três professores do mesmo, designados pelo diretor; nos estabelecimentos sob regime de inspeção permanente ou preliminar, por dois professores do respectivo quadro docente, sob a presidência de um dos inspetores do instituto. (BRASIL, Decreto nº 19,890/ 1931).

O Ensino Primário era dividido em fundamental e supletivo. O primeiro era destinado ao ensino de crianças de 7 a 12 anos, com uma duração de quatro anos para o curso elementar e um ano de curso complementar preparatório para o Exame de Admissão ao Ginásio (BRASIL, 1946). Ao concluir o primário, os alunos eram submetidos a esse Exame, que funcionou durante anos como uma espécie de vestibular, no qual eram testados os conhecimentos adquiridos durante o primário.

Alunos que se submetessem ao Exame no final da quarta série do Ensino Primário e obtivessem aprovação e classificação suficiente, poderiam passar direto para a primeira série do Ginásio, sem, necessariamente, fazer o quinto ano complementar do Primário, o que era uma

vantagem para aqueles que tinham facilidade em aprender e para os que tinham condições para pagar um curso preparatório durante o período de férias da escola. Segundo Palma Filho (2005), até o ano de 1945, a legislação não exigia a formação primária para o ingresso no ginásio, bastava o certificado de aprovação no Exame e classificação satisfatória para a obtenção da vaga.

Nas provas escritas de português e Matemática, os candidatos deveriam alcançar nota igual ou superior a 50 pontos, caso contrário, não poderiam prosseguir nos exames, pois estas tinham caráter eliminatório:

Em 24 de abril de 1939, foi baixada a portaria n.142, determinando que as provas escritas de Português e Aritmética deveriam ser realizadas no mesmo dia, tendo caráter eliminatório. Só poderiam prestar exame oral os candidatos que obtivessem uma nota mínima de 50 pontos em qualquer das provas. Pela mesma portaria, estabelecia-se que a prova escrita de aritmética contivesse cinco problemas elementares e práticos. Em relação às provas orais, estipulavam-se arguições “sobre pontos sorteados dentre os 20 (vinte) em que serão divididos os programas. Cada examinador deverá arguir o candidato no mínimo durante 5 (cinco) minutos” (Brasil,1939). A aprovação estava condicionada à obtenção, por parte do candidato, de uma média mínima de 50, considerando-se todas as disciplinas do exame. (ZUIN, 2018, p. 53).

Para obter a média geral do Exame de Admissão, segundo a portaria n° 142 de 24 de abril de 1939, as notas de Português e Matemática tinham peso 3, a prova de História tinha peso 2 e as notas de Geografia e Ciências tinham peso 1. A fórmula usada para a obtenção da média geral era:

$$MG = \frac{N. port. x 3 + N. arit. x 3 + N. hist. x 2 + N. geo. x 1 + N. cien. x 1}{10}$$

Como já foi dito, seria considerado aprovado o aluno que obtivesse média geral igual ou superior a 50 (cinquenta) pontos no conjunto das disciplinas. Após o fim dos Exames, os candidatos eram submetidos a uma classificação segundo sua quantidade de pontos obtidos. A matrícula, na 1ª série do ginásio, seria efetuada de acordo com o número de vagas instituídas pelo estabelecimento de ensino que se pretendia ingressar.

Segundo Valente (2001), durante quatro décadas, os Exames de Admissão sofreram algumas mudanças, entre elas, podemos destacar a alteração no número de questões de cada prova, a forma de calcular a média final do aluno, as disciplinas obrigatórias exigidas no exame e, também, o número de professores que participavam da aplicação e correção das provas. No entanto, sua principal característica e finalidade permaneceram durante todo período, que era, na verdade, selecionar e classificar, sendo estas um obstáculo para a continuidade dos estudos e, conseqüentemente, para o acesso ao ensino Superior:



É interessante lembrar que a fixação do exame, em âmbito nacional para todos os estabelecimentos de ensino secundário reconhecidos oficialmente, ocorreu na mesma época em que a passagem pelo curso ginásial completo se transformou no único caminho de acesso ao ensino superior. Em outros termos, o exame foi usado como instrumento oficial de seleção de indivíduos para uma opção diferenciada de inserção social. (MINHOTO, 2007, p. 3).

O Colégio Pedro II era o estabelecimento no qual todas as reformas eram implantadas e, posteriormente, disseminadas para os outros estabelecimentos de ensino no país. Como exemplo, podemos citar as instruções apresentadas em um documento do Colégio Pedro II, quanto à prova de Matemática do Exame de Admissão entre 1930 e 1940, estabelecendo, segundo Machado (2002), que a prova escrita de Aritmética constava de três problemas elementares e práticos. A prova oral deveria constar da resolução de questões fáceis e práticas do cálculo aritmético e seria considerado aprovado o candidato que obtivesse, pelo menos, a média cinco no conjunto de provas. Este padrão é seguido em provas de Matemática de vários estabelecimentos de ensino.

Esse exame perdurou nacionalmente, durante décadas, até que a criação da LDB<sup>4</sup> 5692/71, no período do regime militar, que unificou os cursos Primário e Ginásio em um mesmo curso e instaurou o ensino obrigatório de 1º grau, tendo duração de oito anos. Essa lei fixou diretrizes e bases para o 1º e 2º graus. As principais mudanças apresentadas a partir da LDB de 1971 foram a obrigatoriedade escolar para oito anos, juntando o antigo curso Primário e o ginásial, de forma a não haver mais necessidade de permanência do Exame, o qual foi extinto no ano de 1971. Conseqüentemente, para o ingresso a 1º série ginásial, o candidato deveria comprovar a aprovação na 5ª série da escola primária.

O Exame de Admissão ao Ginásio esteve presente por muito tempo nas instituições escolares de Ensino Secundário como forma de seleção e de averiguação dos conhecimentos daqueles que saíam do Primário para o Ginásio e por ser um Exame de grande impacto na vida dos estudantes desse contexto histórico marcado por grandes mudanças no país, sejam elas econômicas, políticas ou sociais, tornando-se o foco de debates e pesquisas entre diversos pesquisadores que se dispõem em analisar e investigar os aspectos históricos da Educação no nosso país.

Dentre as pesquisas e trabalhos sobre o Exame de Admissão ao Ginásio, gostaríamos de destacar, aqui, a dissertação de mestrado de Aksenen (2013), intitulada *Os Exames de Admissão ao ginásio, seu significado e função na educação paranaense: análise dos conteúdos*

---

<sup>4</sup> LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) – Define e regulariza a organização da educação brasileira com base nos princípios presentes na constituição.

*matemáticos*, na qual a autora busca compreender como funcionaram os Exames de Admissão ao Ginásio na realidade educacional paranaense, verificando as instruções nacionais e estaduais para a realização do Exame e os conteúdos matemáticos presentes no Exame de Admissão ao Ginásio. Também queremos destacar a dissertação de mestrado de Machado (2002), que tem como título: *Uma análise dos Exames de Admissão ao Secundário (1930-1970): Subsídios para a história da Educação Matemática no Brasil*. Nesta pesquisa, a autora apresenta uma análise das provas de Matemática dos Exames de Admissão ao ensino secundário, a fim de mostrar que esse Exame constituiu um entrave referente à proposta de modernização do ensino de Matemática no Brasil e apresenta uma lista de decretos estabelecidos na legislação brasileira quanto ao Exame de Admissão. Vale ressaltar, ainda, a dissertação de Santos (2017), que tem como título: *Saberes matemáticos identificados em provas do Exame de Admissão ao Ginásio do colégio São Paulo (1931-1969)*, a qual tem como objetivo identificar saberes matemáticos utilizados nos enunciados das questões das provas dos Exames de Admissão ao Ginásio no período entre 1931 e 1969. Essas pesquisas apresentam um grande número de informações e características importantes sobre o Exame, nos mostrando o quanto este marcou a Educação e, especificamente, a Educação Matemática.

### **1.1 A prova de Aritmética do Exame de Admissão ao Ginásio**

As provas escritas de Matemática (Aritmética) tinham caráter eliminatório, portanto, o candidato que obtivesse nota inferior a 50 pontos na prova escrita dessa disciplina não poderia prestar o exame oral. O Exame oral perdurou de 1930 até o ano de 1959, de forma obrigatória, no entanto, em 11 de novembro de 1959, a circular n° 3 estabelecia que, em relação à prova de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio, seria obrigatória a prova escrita, e a prova oral ficaria a critério do estabelecimento de ensino. Aqui, tratamos do porquê ser necessário dar uma maior importância às provas escritas de Português e Matemática, pois as provas dessas disciplinas permitiam uma melhor avaliação dos conhecimentos e habilidades dos candidatos ao Ensino Secundário. Segundo a circular n° 13, de 3 de dezembro de 1940:

A prova escrita de Matemática visa, de modo especial, apurar o domínio das operações fundamentais e o desembaraço no cálculo. Os problemas e exercícios propostos devem, portanto, verificar, realmente estes dois pontos, evitando-se os de exposição intrincada e fácil resolução, como são geralmente os chamados “quebra-cabeças”.(CIRCULAR n° 3, de 30 de dezembro de 1940).

Segundo Machado (2002), o termo “quebra-cabeça” faz referência ao tipo de questão longa que exige do aluno mais atenção e, também, um tempo maior para decifrar a questão e, a partir de então, descobrir a resposta de cabeça, sem precisar realizar cálculos para encontrar a solução. Na circular citada acima, podemos ver que deveriam ser evitados os problemas desse tipo, a fim de que os alunos mostrassem, por meio de suas soluções, terem a capacidade de desenvolver cálculos, devendo provar que tinham a habilidade de fazer contas. “A circular impôs que os alunos deveriam fazer bastante contas, pois poderiam mostrar que sabiam calcular, em vez de ficarem pensando na resolução dos problemas.” (MACHADO, 2002, p. 46).

As expressões numéricas que eram cobradas nas provas de Matemática no Exame caracterizavam bem o que prescrevia a circular quanto ao domínio das operações fundamentais e o desembaraço dos cálculos. Machado (2002) ressalta que esses tipos de expressões eram chamadas de “carroção” ou de “carro-chefe”. Questões como essa mostram bem como eram extensas as expressões numéricas cobradas no Exame.

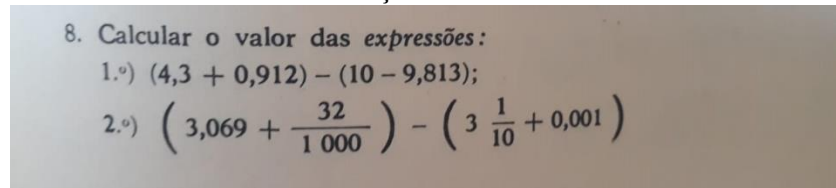
**Figura 1-** Questão de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio

$$\begin{aligned}
 10) \quad & 3 - (1 \div 0,444\dots) = 3 - \left(\frac{1}{\frac{4}{9}}\right) = \frac{3}{1} - \frac{9}{4} \\
 & 1 + \frac{3}{2 + \frac{5}{9}} = 1 + \frac{3}{\frac{18 + 5}{9}} = \frac{1}{1} + \frac{3}{\frac{23}{9}} \\
 & \frac{3}{1} - \frac{9}{4} = \frac{3}{1} - \frac{9}{4} = \frac{3}{1} - \frac{9}{4} = \frac{3}{4} \\
 & \frac{1}{1} + \frac{3}{2 + \frac{45}{4}} = \frac{1}{1} + \frac{3}{\frac{8 + 45}{4}} = \frac{1}{1} + \frac{12}{53} = \frac{65}{53} \\
 & \frac{3}{4} \div \frac{65}{53} = \frac{159}{260} \\
 \text{Resposta: } & \boxed{\frac{159}{260}}
 \end{aligned}$$

Fonte: Imagem coletada no CD-ROM (Valente, 2001, v.3)

Vale ressaltar que os alunos, no Ensino Primário e nos cursos preparatórios, eram treinados para desenvolverem essa habilidade nos cálculos. Podemos diagnosticar esse fato a partir da análise dos exercícios propostos nos manuais de preparação para o Exame, nas falas dos depoentes que reforçam estas informações e, também, nas questões propostas nas provas para o ingresso ao Ginásio da Escola Estadual de São Paulo. No manual de preparação para o Exame “Programa de admissão”, encontramos diversas listas de exercícios, os quais apresentam questões que exigem dos alunos a resolução de expressões numéricas extensas, como na figura que segue.

**Figura 2-** Exercício de expressão aritmética com decimais do Manual “Programa de Admissão” 14a edição do ano de 1966



8. Calcular o valor das expressões:

1.º)  $(4,3 + 0,912) - (10 - 9,813)$ ;

2.º)  $\left(3,069 + \frac{32}{1\,000}\right) - \left(3\frac{1}{10} + 0,001\right)$

**Fonte:** manual de preparação “Programa de Admissão”

Em relação às provas orais de Matemática, tinham uma duração de, no mínimo, 5 minutos e, no máximo, 10 minutos. Deveriam ser evitadas perguntas sobre as definições teóricas e eram recomendados cálculos mentais rápidos, desenvolvimento de expressões aritméticas simples e problemas de raciocínio simples.

O programa da disciplina de Matemática contava, segundo a Portaria n° 479 de 30, de novembro de 1940, dos seguintes conteúdos:

- Número. Algarismos arábicos e romanos.
- Numeração decimal: unidade das diversas ordens, leitura e escrita dos números inteiros.
- Operações fundamentais sobre números inteiros. Prova real e prova dos nove.
- Divisibilidade por 10, 2, 5, 9 e 3.
- Número primo. Decomposição de um número em fatores primos.
- Máximo divisor comum.
- Mínimo múltiplo comum.
- Fração ordinária. Fração própria, fração imprópria, número misto. Extração de inteiros.
- Números decimais. Operações sobre números decimais.
- Conversão das frações ordinárias em decimais e vice-versa.
- Exercícios fáceis sobre expressões em que entrem frações ordinárias e decimais, para a aplicação das regras de conversão e das operações.
- Noções do sistema métrico decimal. Metro: metro quadrado e metro cúbico, múltiplos e submúltiplos. Litro; múltiplos e submúltiplos. Grama; múltiplo e submúltiplos. Sistema monetário brasileiro.
- Resolução de problemas fáceis, inclusive sobre as medidas do sistema métrico decimal.

Segundo Machado (2002), antes da Reforma de Francisco Campos, o programa de Matemática da 1ª série do Ensino Secundário possuía apenas o curso de Aritmética e, após essa reforma, a Geometria intuitiva passou a compor o programa, no entanto, as provas de Matemática do Exame de Admissão, antes de 1931, ainda não sendo obrigatórias em todo o

país, constavam de questões de Aritmética e de noções de Geometria. Após 1931, com a obrigatoriedade do Exame em todas as instituições de Ensino Secundário, as provas de Matemática do Exame de Admissão passaram a ter apenas questões de Aritmética. “Dessa forma, ao mesmo tempo em que se acrescenta no 1º ano do Secundário a Geometria, proveniente da reforma, nos Exames de Admissão esse tema não foi mais contemplado” (MACHADO, 2002, p. 32).

Na Reforma Capanema, os programas de Matemática preservaram a Geometria intuitiva na primeira série do Ginásio e as provas de Matemática do Exame continuaram cobrando apenas questões de Aritmética. A Geometria Intuitiva perdurou durante 20 anos como parte do programa de matemática para a 1ª série ginasial. Em 1951, foi estabelecido que o primeiro ano do ginasial seria uma continuação do Exame de Admissão, logo, apenas os conteúdos de Aritmética seriam contemplados nessa série.

É importante destacar que as provas escritas de Português e de Matemática deixaram de ser eliminatórias a partir de 1941, por meio da Circular nº 13, de 12 de dezembro, estabelecendo que, apesar de o aluno não obter nota igual ou superior a cinco nessas provas escritas, poderia prosseguir nos exames, seria aprovado se a média alcançada fosse igual ou superior a cinco no conjunto de provas. Isso perdurou até o ano de 1951, quando uma nova circular volta a considerar, novamente, as referidas provas como eliminatórias. Quanto à prova de Matemática, a Circular nº 1, de 15 de março de 1951, alterou a forma como a prova de Matemática era organizada, passando, agora, a constar de três questões em forma de problemas e dez questões de caráter prático e de resolução imediata.

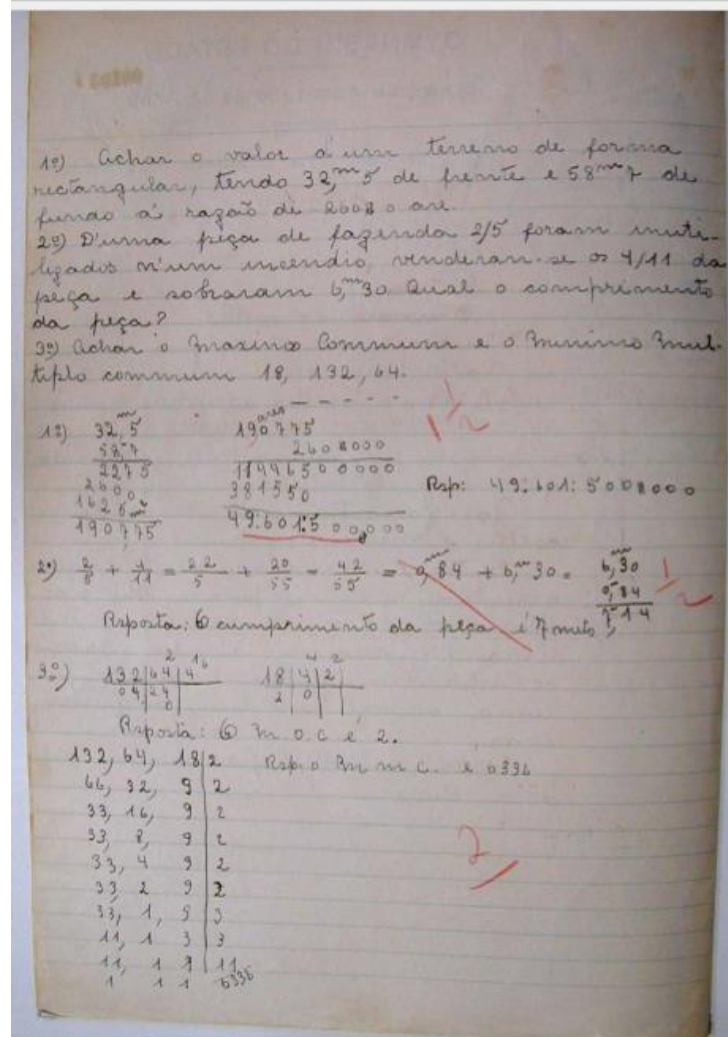
As provas de Matemática utilizadas nesta pesquisa foram extraídas de CDs ROM, de Wagner Valente (2001), compostos por um extenso acervo de provas do Ginásio do Estado de São Paulo de 1931 a 1969. Por meio de observações feitas através dessas provas, podemos traçar, aqui, algumas categorias que consideramos pertinentes para uma melhor análise desses arquivos, são elas: Os tipos de questões presentes nesses exames, os conteúdos abordados e os erros mais evidentes encontrados nas soluções dos candidatos.

Através dos dados coletados a partir da análise de provas da Escola Estadual de São Paulo, selecionamos algumas provas para que possamos entender melhor como eram abordados os conteúdos e como os alunos lidavam com os desafios que lhes eram propostos, especificamente, na disciplina de Matemática.

No ano de 1931, as provas de Matemática eram compostas por três questões de Aritmética. As questões seguiam as normas estabelecidas pela portaria que orientava quanto à sua elaboração, logo, as questões exigiam dos candidatos a interpretação dos enunciados,

seguida de uma solução recheada de números e cálculos expressivos, incluindo unidades de medida, frações e cálculos de MDC e MMC:

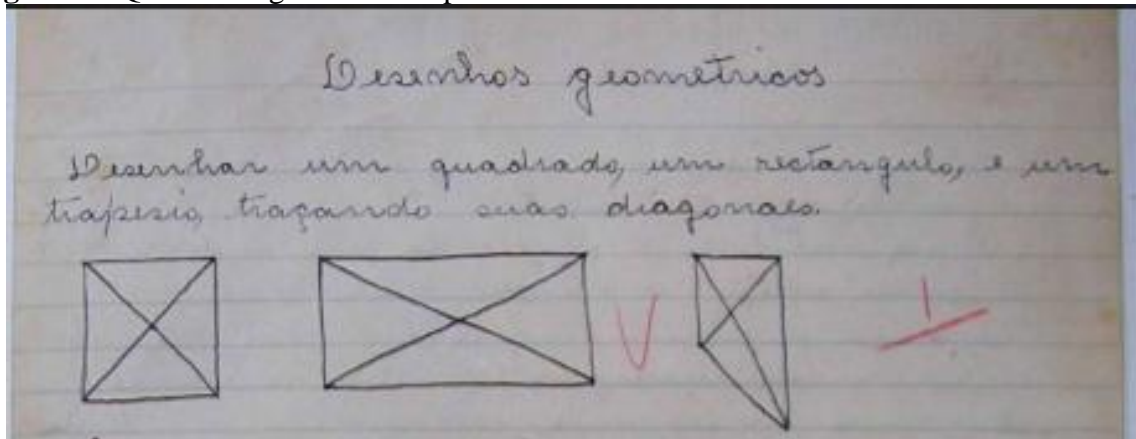
**Figura 3-** Prova de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio



Fonte: Imagem coletada do CD- ROM (Valente, 2001, v.1)

Ainda podemos observar que era exigida dos candidatos uma noção sobre desenhos geométricos. Entre as provas analisadas do ano de 1931, podemos perceber que uma boa parte dos alunos não obteve um desempenho muito bom quanto à disciplina de Matemática, além de detectarmos suas dificuldades em resolver questões que envolvem o cálculo de frações:

**Figura 4** - Questão de geometria da prova de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio



**Fonte:** Imagem coletada no CD-ROM (Valente, 2001, v.3)

Durante a década de 1930, foram poucas as alterações nos formatos das provas e, também, nos conteúdos abordados. O conteúdo de frações está presente em todas as provas analisadas, como também as questões que exigem dos candidatos habilidades para desenvolver contas.

Na prova apresentada abaixo, podemos verificar uma questão do tipo “carroções”, as quais exigem que os candidatos realizem cálculos extensos e, a partir de então, demonstrem suas habilidades na solução da questão, mostrando, assim, estar apto para ingressar na 1<sup>o</sup> série ginasial:

**Figura 5** - Prova de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio

Aritmética

1ª) João comprou 25 ares de terra. Reservou para si  $\frac{3}{8}$  dessa terra; empregou  $\frac{1}{10}$  na construção de uma rua, e dividiu o resto em lotes, com tendo cada lote  $\frac{5}{8}$  de are. quantos lotes formou?

$$\begin{array}{r} 2500 \overline{) 18} \\ 70 \quad 812,5 \\ 20 \quad \quad 3 \\ \hline 40 \quad 937,5 \\ 0 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 9375 \overline{) 100} \\ 375 \quad 93,75 \\ \hline 750 \\ 500 \\ 00 \\ \hline 100 \overline{) 18} \\ 20 \quad 12,5 \\ 40 \quad \quad 5 \\ \hline 0 \quad 62,5 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 8,4375 \\ \hline 62,5 \\ \hline 421875 \\ \hline 168750 \\ \hline 446250 \\ \hline 467,39375 \end{array}$$

R. João formou 467,39375 lotes.

2ª) Sabendo-se que um cm cúbico pesa 925 miligramas qual é o custo deste azete a 1500 o kilogramma

$$\begin{array}{r} 15000 \\ \hline 50 \\ \hline 75000 \end{array}$$

R. O 50<sup>o</sup> custar 75000

3ª) 
$$\left(\frac{4}{5} - \frac{1}{6}\right) \times \frac{7}{8} = \frac{24-5}{30} \times \frac{7}{8} = \frac{19}{120} = \frac{46170}{6600}$$

$$\begin{array}{r} 6219 \\ \hline 220 \end{array}$$

Fonte: coletada do CD-ROM (Valente, 2001, v1)

Em 1939, as provas de Matemática passam a ter 4 questões, mas sua composição, nove anos depois, ainda continuava com as mesmas características, os tipos de questões que compunham a prova demonstravam o quanto eram extensas as expressões numéricas e o quanto era importante que os candidatos mostrassem habilidade para o cálculo.

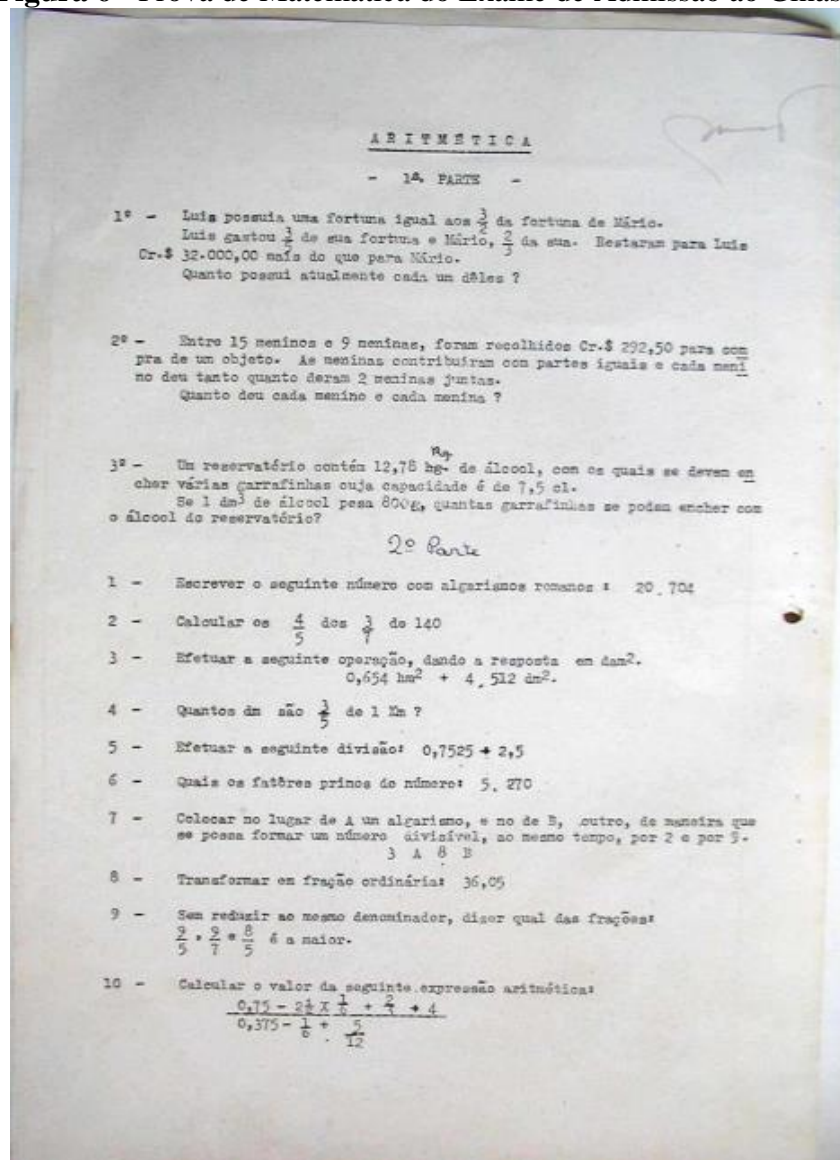
Até o ano de 1942, as provas escritas de Português e Matemática eram eliminatórias, então, se um candidato obtivesse nota inferior a 5,0 nessas provas escritas, não poderia prosseguir no Exame, logo, estaria reprovado e deveria tentar em 2º época.



No entanto, no ano de 1941, com a Circular N° 13, de 12 de dezembro, as provas de Português e Matemática deixam de ser eliminatórias, portanto, o aluno seria aprovado caso sua média total tivesse como resultado nota igual ou superior a 5,0, mesmo tendo obtido nota abaixo da média nas disciplinas citadas acima. Com o passar dos anos, as provas sofreram poucas alterações e continuaram sendo compostas por questões que exigissem dos alunos seu adestramento para os cálculos e suas habilidades para aplicar os conteúdos propostos no programa da disciplina. Para alunos que estavam saindo do Ensino Primário eram grandes os desafios a serem enfrentados a fim de conseguir prosseguir nos estudos, no entanto, acreditamos que os exercícios e atividades praticados na escola durante o ano do Admissão os deixavam preparados para encarar cálculos extensos como os cobrados nas provas do Exame, ou os deixavam preocupados em saber que seriam cobrados de uma maneira tão formal e adestrada quanto à disciplina de Matemática, a qual, desde o primário, desperta nos alunos certa impressão de que é uma disciplina para poucos, para aqueles que têm o dom de fazer cálculos. Acreditamos que o ensino tão formal e fora de contexto pode despertar essas crenças em grande parte das pessoas. Logo, uma disciplina tão presente nas situações do nosso dia a dia, quando colocadas em um papel, torna-se algo tão distante da compreensão de muitos.

A Circular N° 1 de 15, de março de 1951, trouxe mudanças quanto à forma das provas de Matemática do Exame de Admissão. A partir de então, as provas de Matemática deveriam ser divididas em duas partes, na qual a primeira deveria conter três questões apresentadas em forma de problemas e a segunda parte deveria conter 10 questões de caráter prático imediato. Nesta parte, os candidatos deveriam mostrar suas habilidades para realizar contas e aplicar os conteúdos propostos no Exame. Ainda na mesma circular, foi estabelecido que as provas orais e escritas de Português e Matemática voltariam a ter caráter eliminatório. Segue, abaixo, um exemplo do novo modelo da prova de Matemática proposto pela portaria:

**Figura 6** - Prova de Matemática do Exame de Admissão ao Ginásio



**Fonte:** Imagem coletada do CD-ROM (Valente,2001, v.2)

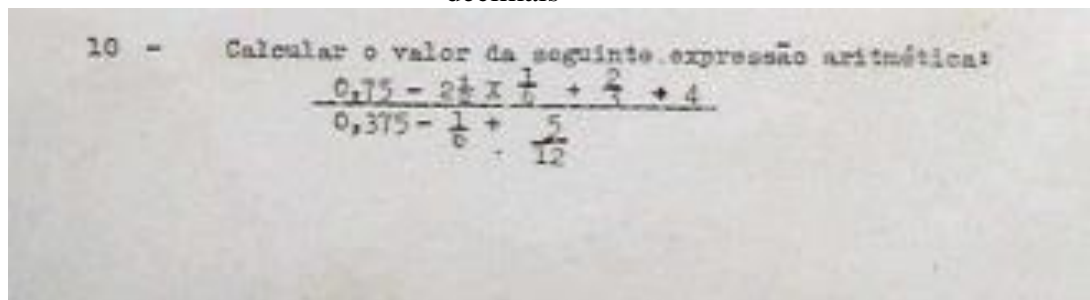
Os conteúdos que aparecem de maneira predominante nas provas de Matemática durante todas as décadas do exame de admissão na Escola Estadual de São Paulo são: Conversão de frações ordinais em decimais e vice-versa; Expressões com frações ordinais e decimais, com aplicação das regras de conversão e das operações; sistema métrico decimal; sistema monetário brasileiro; Transformações de unidades do Sistema métrico decimal.

A partir das observações das provas apresentadas nos CDs-ROM, pudemos ver que existem dois tipos de questões, são elas: as questões em que os conteúdos estão aplicados de maneira direta e exigem do candidato uma resolução imediata e técnica, com aplicação de algoritmos e aqueles em que podemos observar as questões que exploram os conteúdos em

forma de problemas. Podemos notar, ainda, que, nos anos iniciais do Exame de Admissão, as provas de Matemática eram compostas por três questões apresentadas na forma de problemas, mas que exigiam cálculos detalhados para sua resolução, no entanto, não abrangiam muitos conteúdos. Após o ano de 1950, as provas de Matemática passaram a apresentar um maior número de questões e, com isso, tornou-se possível acrescentar mais conteúdos às provas, como o M.M.C, Algarismos Romanos, fatores primos e tantos outros que faziam parte do programa para a disciplina de Matemática. Com o aumento no número de questões, a prova de Matemática passa a apresentar questões em forma de problemas e questões de aplicações diretas.

Podemos, então, a partir das observações feitas por meio das provas de Matemática, concordar que a elaboração do Exame de Admissão ao Ginásio seguia a legislação estabelecida para sua elaboração e que, durante as décadas que existiu nas instituições escolares, essas provas sofreram diversas mudanças quanto ao número de questões, quanto à sua organização e quanto à avaliação. No entanto, como citado acima, alguns conteúdos apareceram de maneira constante nas provas de Matemática durante os anos que perduraram o exame. Veja, abaixo, algumas questões comuns nas provas de Matemática envolvendo os conteúdos mais abordados nas provas.

**Figura 7** - Questão envolvendo cálculo de expressões algébricas com frações e números decimais

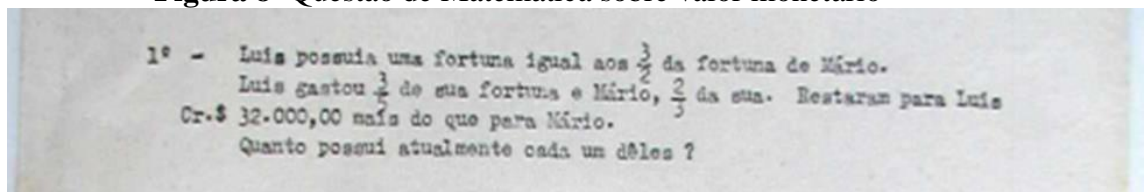


10 - Calcular o valor da seguinte expressão aritmética:

$$\frac{0,75 - 2\frac{1}{2} \times \frac{1}{6} + \frac{2}{3} + 4}{0,375 - \frac{1}{6} + \frac{5}{12}}$$

Fonte: Imagem coletada do CD-ROM (Valente, 2001,v.2.)

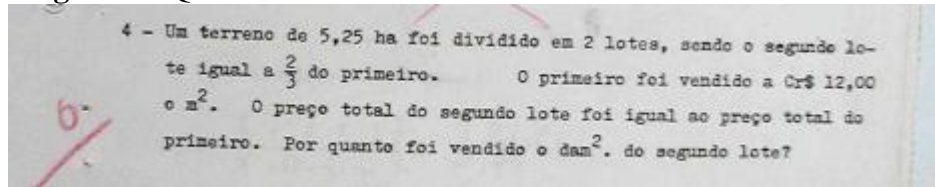
**Figura 8**- Questão de Matemática sobre valor monetário



1º - Luís possuía uma fortuna igual aos  $\frac{3}{2}$  da fortuna de Mário.  
Luís gastou  $\frac{3}{4}$  de sua fortuna e Mário,  $\frac{2}{5}$  da sua. Restaram para Luís Cr.\$ 32.000,00 mais do que para Mário.  
Quanto possui atualmente cada um deles ?

Fonte: Imagem coletada do CD-ROM (Valente, 2001,v.2)

**Figura 9** - Questão envolvendo sistema de unidades de medida



**Fonte:** Imagem coletada do CD-ROM (Valente, 2001, v.2)

Como podemos observar nas figuras acima, os tipos de questões predominantes nas provas de Matemática dos Exames de Admissão são questões em forma de problemas que envolvem significativas marcas do contexto sociocultural da época analisada. Ao analisar os enunciados das questões de Matemática, podemos detectar os principais conteúdos que faziam parte do Programa de Matemática da escola primária da época. Vemos fortes marcas da supervalorização dos cálculos das operações fundamentais. Os alunos também deveriam mostrar habilidades no uso do sistema monetário brasileiro, deveriam saber realizar operações com números racionais na forma fracionária e decimal e, também, deveriam demonstrar ter a capacidade de realizar cálculos e resolver problemas envolvendo o sistema métrico decimal.

A maior parte dos erros cometidos pelos alunos concentra-se nas questões que envolvem expressões numéricas com frações e números decimais, em que era exigido dos candidatos que aplicassem as operações fundamentais para encontrar a solução da expressão a partir das aplicações das regras e propriedades dos números racionais. Também podemos observar que boa parte dos erros encontrados nas provas aparece nos cálculos, pois, apesar de demonstrarem ter domínio quanto aos algoritmos, os alunos mostram uma certa dificuldade na armação das contas no alinhamento das parcelas. Também fica notória a dificuldade dos alunos de lidar com a grande quantidade de algarismos dos valores envolvidos na questão, inclusive nas questões que envolviam o sistema monetário.

Podemos destacar, a partir da análise dos enunciados das provas de Matemática, a relação entre a verdadeira finalidade do Exame, a procedência socioeconômica dos candidatos e o formalismo nas questões que envolvem aplicações desconsiderando o contexto do aluno. As questões analisadas nos mostram que, apesar das provas de Matemática conter alguns problemas, estes estavam aliados a um ensino formalista e, muitas vezes, fora do contexto social dos candidatos. Sabemos que o fracasso na escola é predominante nas classes menos favorecidas e são vários os fatores que contribuem para isso, entre eles está o fato de predominarem, nas salas de aula, uma aritmética descontextualizada. Segundo Pinto (2001, p.10) “a Matemática necessária era a que deveria atender as necessidades da classe dominante:

o bom ensino para uma pequena parcela da população escolarizada, garantindo o acesso dessa camada da população ao ensino secundário”. O fracasso em Matemática é um fracasso generalizado e, em geral, naquela época, as pessoas que prestavam o Exame de Admissão já apresentavam suas dificuldades para resolver as questões propostas no Exame. Durante muitos anos, o conhecimento matemático decorrente desse formalismo foi visto como um conhecimento apenas para mentes brilhantes.

A partir das análises das provas de Matemática, vimos que grande parte dos alunos apresentaram um baixo rendimento na referida disciplina. Os erros e dificuldades aparecem com mais frequência nas questões que envolvem os conteúdos de frações decimais e valor monetário de maneira conjunta. Neste tipo de questão, podemos notar que alguns alunos começavam as soluções e não conseguiam dar andamento à sua resposta de maneira correta, outros deixavam em branco e passavam para as questões mais simples.

A Matemática, portanto, acentua a classificação nesse processo seletivo e, assim, contribui para a hierarquização existente nos Exames de Admissão, pois, sendo uma disciplina considerada um modelo de imparcialidade, torna-se um mecanismo eficaz neste processo de controle da população escolarizada.

## **1.2 Manuais de preparação para o Exame de Admissão ao Ginásio: a disciplina de Matemática.**

O Exame de Admissão ao Ginásio contribuiu, de modo expressivo, para o crescimento do mercado editorial no Brasil. Segundo Silva (2016, p.8):

A obrigatoriedade dos exames constituiu-se em solo fértil para a emergência de um novo nicho no mercado editorial brasileiro: livros preparatórios dirigidos a professores e estudantes, principalmente os que frequentavam o 4º e 5º ano do primário.

A produção e circulação de livros voltados, especialmente, para a preparação dos alunos que estavam saindo do Ensino Primário para o Ginásio cresceu de forma significativa nas décadas de 1950 a 1970. Dentre os manuais de preparação para o Exame de Admissão, está o manual intitulado “Admissão ao Ginásio” (Editora Brasil), “Curso de Admissão” (Francisco Alves), Minhas Lições (Francisco Alves), Curso Moderno de Admissão (Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas) e Programa de Admissão (Companhia Editora Nacional). Esses livros foram escritos por autores consagrados que atuaram como professores nas escolas prestadoras dos Exames.

Pretendemos, neste capítulo, apresentar apenas alguns dos manuais que tiveram uma maior circulação nacional nas décadas de 1930 a 1970, os quais tiveram maior repercussão entre as instituições escolares da época analisada. No entanto, iremos nos empenhar em analisar, de maneira detalhada, o manual intitulado “Programa de Admissão”, por ser um dos mais lembrados pelos alunos que se submeteram ao Exame de Admissão e, também, por termos adquirido esse manual durante a busca de arquivos:

Os livros mais lembrados são os multidisciplinares, que se dividiam em quatro partes – Português, Matemática, História do Brasil e Geografia – e que traziam na capa os nomes dos professores responsáveis por cada área de saber, quase sempre reconhecidos nacionalmente, é o caso do livro Admissão ao Ginásio. (SILVA, 2018, p. 3).

Como afirma Silva (2018), os manuais eram multidisciplinares e se dividiam entre as disciplinas de Português, Geografia, História do Brasil e Matemática e, em suas capas, estavam os nomes dos autores responsáveis por cada área de conhecimento. Esses manuais eram utilizados por todos aqueles que se submeteriam ao Exame de Admissão ao Ginásio e eram utilizados nas escolas, em casa, nos cursinhos preparatórios para o exame, como um material indispensável. Os alunos que conseguiam a aprovação no Exame passavam o livro para irmãos, primos ou amigos que também seriam submetidos a este processo avaliativo.

A 14ª edição da obra “Programa de Admissão”, de autoria de Domingos Paschoal Cegalla (Português), Aroldo de Azevedo (Geografia), Joaquim Silva (História) e Osvaldo Sangiorgi (Matemática) e Coordenação geral de texto do professor J. B. Damasco Penha, foi editada pela Companhia Editora Nacional no ano de 1966. Sua primeira edição foi no ano de 1956 com 50 mil exemplares. No total, o livro tem 412 páginas, sendo 127 páginas destinadas para a disciplina de Matemática:

Todas as disciplinas apresentam muitas ilustrações e/ou imagens ao longo do texto. O fato de a matemática ocupar um maior número de páginas decorre tanto de o conteúdo ser mais extenso como da preocupação com essa disciplina, por representar a maior dificuldade para os alunos, em geral. (ERMEL E BASTOS, 2012, p.10).

Deu-se ênfase, aqui, à disciplina de Matemática no intuito de analisar como os conteúdos foram organizados, quais os conteúdos predominavam e como os exercícios eram propostos para os alunos, já que a maioria ainda considera a disciplina de Matemática como a que apresenta maiores dificuldades e, também, por ser a disciplina específica desta pesquisa.

A parte do livro destinada para a disciplina de Matemática tem como autor Osvaldo Sangiorgi<sup>5</sup>. Os conteúdos trabalhados estão divididos em 4 capítulos e, no fim, o autor traz curiosidades sobre a Matemática. O primeiro capítulo abrange os conteúdos de números inteiros; operações fundamentais; problemas-modelo; divisibilidade; M.D.C; M.M.C. No segundo capítulo, os conteúdos trabalhados são: números fracionários; operações fundamentais e números decimais. No terceiro capítulo, sistema legal de unidade de medir; sistema métrico decimal; sistema monetário brasileiro. E, no quarto capítulo, morfologia geométrica aplicável ao cálculo elementar aritmético. Para explanação de cada conteúdo, o autor traz definições e explicações de maneira clara e objetiva. Posteriormente, apresenta exercícios-modelos, que são os exemplos resolvidos, um questionário sobre as definições e conceitos trabalhados e, por fim, propõe uma lista de exercícios, nos quais predominam exercícios técnicos e diretos e poucos exercícios contextualizados. No final de cada lista, o autor disponibiliza as respostas para que os alunos possam verificar se suas soluções estão corretas ou não.

Os conteúdos matemáticos eram abordados no livro “Programa de Admissão” seguindo o padrão dos Exames conforme se exigia no processo seletivo. Ermel e Bastos (2012) têm como premissa que as Portarias e os manuais foram dispositivos de engessamento dos currículos, ou seja, o programa dos Exames passava a ser constituído como o programa mínimo para as escolas.

Com uma abordagem tradicional, a tendência era apresentar os conceitos principais seguidos de questionários e exemplos resolvidos, mostrando regras e técnicas para resolver as questões, depois era apresentada uma lista extensa de questões que seguem um “padrão”, como: efetue as seguintes adições, efetue as subtrações, calcule o valor numérico das expressões aritméticas, calcule. Esses exercícios eram propostos de forma mecânica, com expressões extensas e em grande quantidade. Após esta vasta lista de exercícios, o autor trazia métodos de resolução de problemas-modelo, apresentando uma série de exercícios para serem resolvidos dentro de cada método ensinado. O autor traz, por exemplo, no capítulo sobre as quatro operações, uma lista com 12 modelos de questões diferentes que podem ser cobrados dentro desse conteúdo e, em seguida, apresenta uma lista com 35 problemas a serem resolvidos.

No capítulo sobre frações, o autor segue essas mesmas características, usando poucas figuras para apresentar o conteúdo. Ao final de cada conceito, é apresentada uma lista de

---

<sup>5</sup> Osvaldo Sangiorgi é reconhecido como referência maior para o ensino de matemática, Sangiorgi, como grande autor de livros didáticos, carrega consigo a autoridade matemática, didática e experiência de grande articulador de ações conjuntas entre a editora de suas obras- a Cia. Editora Nacional e – e a Secretaria da Educação na promoção de encontros e cursos para professores. (VALENTE, 2008, p. 604).

exercícios seguindo o padrão das questões diretas e técnicas que direcionam a cálculos específicos sobre a forma de reduzir ao mesmo denominador as frações, transformar em frações impróprias os números mistos, efetuar as adições de frações. Em seguida, são apresentados métodos de resolução de problemas modelo sobre frações e é proposta uma lista de 45 questões-problemas.

Os manuais de preparação para o Exame de Admissão ao Ginásio são lembrados até a atualidade por todos aqueles que participaram deste processo seletivo. Alunos, pais e professores da época trazem fortes lembranças desse material que era indispensável para todos que almejavam a aprovação, pois, só assim, conseguiam uma vaga no Ensino Ginasial.

Pode-se ter uma ideia mais clara sobre as expectativas dos candidatos a partir do relato de um dos colaboradores que, em sua fala, deixa bastante clara a importância dada ao livro de preparação para o Exame de Admissão:

O livro de Admissão ao Ginásio era uma espécie de Bíblia Sagrada. Por mais humilde que fosse a pessoa, tinha que ter, porque você sabia que em um determinado momento da vida dos seus filhos, você iria precisar dele. Daí eu me lembro bem que o meu era bem novinho. Por que era novinho? Porque minha mãe encapava, e quando terminava o ano colocava outra capa para passar para outro filho. (Osvaldo de Matos e Silva, colaborador da pesquisa, 2019).

Os livros de preparação para o Exame de Admissão ao Ginásio eram, segundo o relato do colaborador, como uma espécie de Bíblia, pela importância dada ao manual e por ser indispensável àqueles que seriam submetidos ao exame e, até nas famílias menos favorecidas, os pais se esforçavam para que seus filhos tivessem acesso ao material necessário para uma boa preparação e, conseqüentemente, para que estes conseguissem a aprovação.

Diante das análises feitas do Manual “Programa de Admissão”, podemos ver quais os conteúdos de Português, Matemática, História do Brasil e Geografia eram abordados nesta fase escolar pelos alunos que estavam passando do Primário para o Ginásio, mas tratamos, aqui, especificamente, de investigar quais os conteúdos matemáticos que eram explorados neste manual e, conseqüentemente, os conteúdos matemáticos cobrados nas provas do Exame de Admissão ao Ginásio.

Como já citado acima, o Exame de Admissão ao Ginásio, durante os quarenta anos que esteve imposto à sociedade, sofreu mudanças quanto ao número de questões da prova, quanto aos conteúdos, à organização, ao formato das questões, dentre outras alterações. Mas um dos fatores importantes a ser citado, segundo Neves (2019), era o número elevado de reprovados, e alguns dos fatores que contribuíam para isso era a falta de preparação dos alunos ou, ainda, a composição do Exame. A partir de então, foram criados cursos preparatórios gratuitos nos



estabelecimentos oficiais de ensino com o objetivo de sanar as dificuldades dos alunos e diminuir o número de reprovações.

## **2 RELAÇÃO PODER X SABER PRESENTES NO EXAME DE ADMISSÃO AO GINÁSIO**

Neste capítulo, pretendemos apresentar as contribuições do Filósofo Michel Foucault sobre o exame, a fim de refletirmos acerca de suas concepções e fazermos uma ponte entre suas principais ideias sobre as relações de poder e saber nas instituições disciplinares e o Exame de Admissão ao Ginásio, que funcionou, durante décadas, como um mecanismo de seleção que definiria quem estava apto ou não para dar continuidade aos estudos, além de refletirmos sobre as formas de exclusão que se estabelecem a partir dos discursos e relações de poder presentes no sistema educacional que esse autor considera como um aparelho disciplinar. Dessa forma, para Foucault (2010, p. 30) “o poder produz saber [...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”.

Ao submeter-se ao Exame de Admissão ao Ginásio, os alunos que estavam migrando do Primário para o Curso Ginásial se deparavam com um momento decisivo em sua história escolar, um processo altamente seletivo e classificatório. Para aqueles que conseguiam a aprovação e classificação no exame, ficava o sentimento de vitória, orgulho, reconhecimento, e o certificado de aprovação no Exame de Admissão que lhe garantia a vaga na instituição de Ensino Ginásial. Para aqueles que não conseguiam um bom êxito no exame, restavam as marcas de uma experiência ruim, a oportunidade de tentar novamente em segunda época a aprovação em busca de conseguir sua vaga no ginásio, ou a desistência da sua vida escolar, sendo assim impossibilitados de prosseguir nos estudos. E para estes? O que lhes reservava o futuro, sem os conhecimentos que a escola lhes possibilitaria obter? Foucault (2010), diz que o saber supõe e constitui relações de poder, logo, poderíamos, então, nos perguntar sobre como estão aqueles que não tiveram oportunidade de continuar seus estudos, como estão hoje inseridos na Hierarquia Cultural na qual a sociedade é constituída.

Ainda podemos trazer à reflexão e nos perguntar como aqueles que conseguiram a aprovação estão hoje inseridos nesta mesma sociedade que, de maneira discreta, impõe, por meio de um discurso dialético, a verdade aos que ouvem, excluindo aqueles que estão fora dos padrões impostos pela sociedade.

O filósofo Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 2004), considera a escola como um aparelho disciplinar e ressalta que, ao quantificar, ao compensar ou punir, ao calcular as notas a mais ou a menos, estes aparelhos disciplinares hierarquizam e dizem quem

são os “bons” e os “maus” indivíduos, e, a partir disso, é feita uma diferenciação dos próprios indivíduos, e não apenas de seus atos, mas, também, de sua natureza, suas virtudes, seu nível e valor. Ainda sobre os dispositivos disciplinares, Foucault (2004, p.151) diz que “a divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar”. O autor traz uma reflexão sobre a Escola Militar, a qual tinha um sistema complexo de hierarquização, em que as roupas dos soldados refletiam a classificação, de maneira visível, a fim de mostrar a todos as categorias que eram distribuídas, como castigos e privilégios. No Exame, não era e não é diferente, uma vez que, neste processo, os indivíduos estavam sujeitos a essa classificação e, assim como eram expostas, nas roupas dos soldados, suas classificações, as dos alunos, no Exame de Admissão, também eram expostas nas portas das salas, a fim de anunciar aqueles que foram aprovados ou não no Exame. Nessa perspectiva,

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. (FOUCAULT, 2004, p.154).

O exame tem a função de selecionar, classificar, diferenciar e sancionar os indivíduos, e assim são estabelecidas as relações de poder-saber sobre a sociedade que, sem perceber, passa a conceber como “normal” o controle que, agora, aparece mascarado como algo inofensivo à sociedade. Bordin (2014, p.10) ressalta que “se antes o poder fazia valer por sua força, seus castigos; hoje ele não tem mais face, está em todas as formas, em todos os lugares”.

Para Foucault (2004), o conhecimento é fruto das relações entre os sujeitos e entre os poderes, logo, ele aborda o saber como uma forma de poder, ou seja, o saber gera poder na pessoa que se apropria dele. Segundo o autor “a superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo seu brilho visível” (FOUCAULT, 2004, p.154). Por meio dos exames, podemos ver essas relações de maneira clara, e a escola torna-se o lugar onde a comparação de cada indivíduo com o outro possibilita um mecanismo para medir e sancionar seus conhecimentos e capacidades.

No regime do poder disciplinar, a punição tem como objetivo relacionar atos, desempenhos e comportamentos a um conjunto de regras pré-estabelecidas, como também promover a diferenciação entre os indivíduos, “medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a ‘natureza’ dos indivíduos.” (FOUCAULT, 2004, p. 152).

A escola, agora, passa a ser um aparelho normalizador, em que, cada vez mais, será aguçada uma comparação constante de cada indivíduo com todos. O Exame e as provas de classificação são o mecanismo pelo qual essa comparação é realizada nas instituições disciplinares. Segundo a concepção de Foucault (2004, p.156), “o exame inverte a economia da visibilidade no exercício do poder”. Quando falamos em poder, o que vem a nossa mente são as formas pelas quais este se manifesta na sociedade de maneira clara e visível. Outro aspecto importante é que os indivíduos submetidos a este poder são, de certa maneira, esquecidos e não estão em evidência. No poder disciplinar, acontece de maneira contrária, uma vez que o poder é exercido de modo despercebido, no entanto, os indivíduos submetidos a esta forma de poder devem ser vistos, pois, segundo Foucault (2004, p.156) “ sua iluminação assegura a garra do poder que se exerce sobre eles. ” O exame, por sua vez, é a técnica pela qual os indivíduos experimentam uma alienação de sua real natureza subjetiva e, assim, o poder exercido sobre estes fica imperceptível e não mais em evidência, como sempre foi exercido tradicionalmente.

“O exame faz também a individualidade entrar em um campo documentário” (FOUCAULT, 2004, p. 157). Assim, ao submeterem-se ao exame, os indivíduos são inseridos em um campo de vigilância pelo qual se torna possível ser situados em uma rede de anotações escritas que os compromete, e a partir das quais são criados documentos nos quais ficam registrados suas aptidões, seus níveis e capacidades. “O exame, cercado de todas as suas técnicas documentais, faz de cada indivíduo um “caso”: um caso que ao mesmo tempo constitui um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder” (FOUCAULT, 2004, p.158). Partindo desta produção de documentos que o exame possibilita por meio de suas técnicas, em que as características, conhecimentos e capacidades dos indivíduos são descritas em sua forma escrita, o sujeito passa a ser visto como um objeto de análise, pelo qual o sistema avalia suas competências e, também, passa a exercer seu poder sobre seus súditos, que se tornam um caso a partir do momento em que são descritos, mensurados e comparados uns com os outros. Ainda segundo a perspectiva de Foucault, os indivíduos tornam-se um caso quando precisam ser treinados, “retreinados”, classificados, normalizados e excluídos.

Surge, então, uma nova forma de poder, na qual cada um tem como status sua própria individualidade, por meio de uma “nota” escolar que caracteriza o indivíduo e faz dele um “caso”:

O exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. (Foucault, 2004, 160).

Entre os processos que tornam o indivíduo um objeto de poder e de saber, o exame é o principal deles, pois tem a função de selecionar, classificar, medir as capacidades e excluir. Dentre as instituições disciplinares que Foucault (2004) ressaltava que a escola é uma delas, e o exame é uma técnica presente até hoje nas instituições de ensino. Assim como o Exame de Admissão ao Ginásio serviu, durante décadas, como um mecanismo de exclusão e controle da população escolarizada, hoje os processos seletivos, como, por exemplo, as avaliações escolares, os concursos e os vestibulares exercem sobre a sociedade a mesma função, tornando, assim, cada indivíduo um “caso” e os caracterizando por um status de sua individualidade, que depende da nota atribuída naquele exame, e, assim, os seleciona e os classifica, dizendo quem está apto ou não a desfrutar de suas vantagens.

Segundo Torres (2016), poder, em uma perspectiva foucaultiana, é entendido como princípio ou relação de dominação sobre os sujeitos sociais que, na ocasião, são constituídos por instituições ou princípios que produzem a “ordem” por meio de discursos de “verdade”. De acordo com o autor, a partir do poder, cria-se, na sociedade, uma cultura normalizante que exerça sobre os sujeitos uma dominação, como, por exemplo, os discursos que, há décadas, são perpassados acerca do papel das mulheres na sociedade, dos negros, dos pobres, enfim, dos que, de maneira tendenciosa, foram sendo marginalizados pela sociedade que incorporou, de certa forma, suas “verdades” sobre estes.

Qual a razão de trazer, aqui, esta reflexão sobre discurso e poder? A sociedade, os indivíduos que vivenciaram um processo avaliativo como o Exame de Admissão ao Ginásio, de características tão marcantes, excludentes e seletivas, foram condicionados a acreditar e ter como verdade que os indivíduos mereciam uma educação de qualidade e, por isso, precisavam passar por este “teste”, para, assim, provar que estavam aptos a ingressar no Ginásio, e atribuíam à reprovação a falta de interesse ou a incapacidade dos candidatos. Tinham como verdade, em seu discurso, que os aprovados eram os inteligentes. E os que eram reprovados? Estes eram vistos pela sociedade com quais olhos? Será que hoje, em nossas escolas, como também em nossas aulas de Matemática, discursos como: “Matemática não é para todo mundo”, “fulano tirou nota baixa, então sou mais inteligente que ele”, ainda estão circulando entre nós e soando como algo normal? E no vestibular? Nos concursos? Será que estes discursos exercem algum poder ou dominação sobre os sujeitos envolvidos? Estamos condicionados a pensar e conceber aqueles que são aprovados como os detentores do conhecimento, como os inteligentes e, a partir de então, desconsideramos todo o contexto pelo qual os processos avaliativos estão envolvidos. Somos, segundo Foucault (2004, p.159), tidos como um “caso” que pode ser

descrito, mensurado, medido, comparado a outros, treinado ou retreinado, classificado, normalizado, excluído.

Os discursos estão presentes no âmbito de toda e qualquer sociedade e aqueles que possuem o poder fazem com que os saberes que lhes interessam sejam projetados na cultura dessa sociedade através de suas colocações e interpretações, a fim de desenvolver o conceito de “verdade” que lhes convém. “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem, revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1996, p.10).

Através dos métodos discursivos, a cultura vai sendo estruturada, pois a partir daí são determinadas as posições que cada sujeito deve exercer no contexto que está inserido. Estas “verdades” que se estabelecem e se enraízam em uma cultura de um povo são impostas na sociedade e determinam como devemos nos comportar e agir. Consequentemente, surgem, nesse contexto, as várias formas de exclusão que perpassam de gerações para gerações e que, muitas vezes, nem temos consciência de tamanha seletividade. Desse modo,

Assim como uma harmonia entre o “saber” e o “poder” as sociedades se revestem de discursos para produzirem as disciplinas sociais. Nos espaços cotidianos essas práticas genealógicas do poder são aplicadas com frequência, porque o que se pretende entre os pares sociais é o poder de docilizar os corpos. (TORRES, 2016, p.68).

As normas pré-estabelecidas na sociedade, por meio dos discursos, têm o papel de doutrinar e induzir as formas de pensar e de fazer do sujeito, pois é interessante para os “donos da verdade” ter esses sujeitos sob controle. Aqueles que não seguem suas verdades e normas devem, portanto, ser excluídos. Este outro, segundo Torres (2016), está fora de uma atmosfera de entendimento do “consenso social”. Nesse viés, cada discurso tem como objetivo estabelecer uma disciplina social, impondo como devemos viver. Estamos constantemente sendo comparados, classificados, julgados, por meio de nossas atitudes e em virtude de nossa obediência ou não obediência às normas que nos foram impostas, além disso, também por meio de nossa aceitação do discurso de verdade que ditam os valores da sociedade, haja vista que

Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos de poder. Portanto, regras de direito, mecanismos de poder, efeitos de verdade, ou regras de poder e poder dos discursos verdadeiros, constituem aproximadamente o campo muito geral. (FOUCAULT, 1979, p. 180).

A escola, como instituição disciplinar, tem um papel fundamental na disseminação de discursos com os poderes e saberes que são carregados. O campo da Educação torna-se um

solo fértil para a reprodução de “verdades” que moldam as crenças e os valores sociais. “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p.44).

Portanto, a escola é uma instituição disciplinar na qual as relações de poder e saber estão presentes de maneira eficiente e o Exame tem um papel fundamental no processo de hierarquização que se estabelece a partir das relações e discursos de verdades que, de forma sutil e eficaz, determina padrões, seleciona os bons, classifica e exclui aqueles que, de algum modo, estão fora desses padrões impostos.

### 3 METODOLOGIA

Adotou-se, neste trabalho, a metodologia da História Oral, aqui entendida como um método de pesquisa qualitativo pelo qual se podem constituir fontes de pesquisa que contribuam para a uma melhor compreensão do objeto estudado. Cabe, então, explicitar, de forma detalhada, o que se entende por História Oral:

‘O que é história oral? É um método? Uma disciplina? É um tema novo?’ Bem, na minha opinião, é uma abordagem ampla, é a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas. A habilidade fundamental na história oral é aprender a escutar. (THOMPSON, 2006, p. 20).

Como história Oral, entendemos a perspectiva — essencialmente híbrida e multifacetada— de, diante da impossibilidade constituir fontes que recriem “a” história, registrar algumas das várias versões possíveis, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais nesse processo as memórias desses atores. (GARNICA; SOUZA, 2012. p. 95).

Ao optar por trabalhar com a metodologia de História Oral, o orador deve ter bastante cautela, pois é desafiante construir fontes de pesquisa por meio de depoimentos daqueles que foram os principais atores deste cenário que se deseja conhecer. É preciso estar consciente do porquê de construí-las e qual a finalidade para isso. Ao analisar e estudar o passado, o pesquisador vai ao encontro de um outro tempo, na busca de compreender questões do presente referente ao seu objeto de estudo por meio de relatos de pessoas unidas por experiências comuns. Os dados coletados das entrevistas colaboram para compreender e complementar os dados obtidos por meio de outras formas de registro, como provas, diários de classe, livro didáticos e outros.

Logo, não se podem deixar de lado as contribuições que os documentos oficiais, as fontes escritas e as tantas outras formas de registro possuem, pois as fontes orais, junto a estes arquivos, dão subsídios para melhor compreender o contexto histórico analisado. Garnica e Souza (2012, p. 42) ressaltam que “o exercício historiográfico fica enriquecido quando mobilizamos, de forma articulada, o maior número e tipos de fontes possíveis”.

As análises dos arquivos e dos dados coletados nas entrevistas tornam-se essenciais para investigar quais eram os conteúdos matemáticos considerados como básicos para o acesso ao primeiro ano ginásial, como eram exploradas as situações problemas em sala de aula, como os conteúdos eram apresentados para os alunos nos manuais de preparação para o Exame e, além disso, refletir como as provas de Matemática contribuíram com este processo seletivo e classificatório que, durante anos, foi considerado como um mecanismo de controle e um obstáculo ao acesso à Educação.



Neste sentido, ressaltamos a importância de analisar as provas de Matemática presentes no Exame de Admissão e a necessidade de investigarmos este processo avaliativo, a fim de analisar as formas vigentes de avaliação que se tem no sistema educacional brasileiro, especificamente, na disciplina de Matemática, e buscar entender quais os vestígios que esse período deixou na vida daqueles que não conseguiram a classificação no Exame de Admissão ao Ginásio, visto que aqueles que não conseguiram continuar os estudos foram pessoas mais propícias a permanecerem em uma camada social menos favorecida da sociedade.

Quando decidimos pesquisar sobre determinado objeto de pesquisa, como o Exame de Admissão ao Ginásio, torna-se de grande importância ter acesso a depoimentos (testemunhos) de indivíduos que vivenciaram esse processo, pois, a partir das análises de suas narrativas, o pesquisador busca conhecer, ouvir e registrar as vozes daqueles que foram excluídos da história oficial e assim buscar inseri-los nela (ALVES, 2016. p. 3).

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que nos permite constituir, no presente, reflexões e fontes de pesquisa a partir das narrativas dos sujeitos que vivenciaram e compartilharam de experiências comuns, sejam elas sociais, políticas ou educacionais, e a narração permite uma manifestação dessas experiências que não podem ser totalmente entendidas, mas que nos possibilitam entender, mesmo que parcialmente, o objeto de pesquisa a ser estudado. O debate sobre História Oral torna possíveis reflexões sobre o registro dos fatos na voz dos próprios protagonistas desta história (FREITAS, 2006, p.15). Nessa perspectiva,

O passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar decompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado. (DELGADO, 2003. p. 13).

Quando os colaboradores da pesquisa nos relatam, através de suas narrativas, as lembranças de seu passado, temos, a partir de então, a possibilidade de juntar os fragmentos de suas memórias e, assim, analisar e tornar essa narrativa uma fonte de pesquisa, ainda que não seja possível compreender totalmente a história narrada, pois, como ressalta Delgado (2003), seria uma tarefa impossível, mas a análise de seus fragmentos nos permite refletir sobre as questões que são, no presente, levantadas, a partir das vozes daqueles que se dispõem a compartilhar parte de suas vivências e de um passado que estava adormecido, há um tempo, em suas memórias.

A utilização dessa metodologia, segundo Freitas (2002), fornece novas perspectivas para que possamos entender o passado recente, e, assim, nos possibilitam conhecer diferentes versões sobre o que nos dispomos a estudar. Permite-nos, de acordo com Baraldi e Gaertner

(2008), olhar o indivíduo como sujeito no processo histórico, a partir das entrevistas, como documento legítimo, por seu valor informativo, bem como por seu valor simbólico.

Ao se dedicar a analisar o passado, o pesquisador vai ao encontro de um outro tempo, trata-se, segundo Delgado (2003), do encontro da história já vivida com a história pesquisada, estudada, analisada, enfim, narrada. Através dos depoimentos, o pesquisador passa a buscar informações sobre sujeitos, lugares e vivências do passado que o estimula e possibilita refletir acerca dos aspectos e acontecimentos do presente no qual está inserido, a fim de encontrar respostas para as indagações e inquietações que foram, inicialmente, levantadas sobre seu objeto de estudo.

Segundo Delgado (2003, p.23), “a História Oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. O pesquisador trata de constituir, através das narrativas dos sujeitos colaboradores da pesquisa, fontes históricas, possibilitando, assim, a criação de novas narrativas a partir das que foram criadas. Ao escolher a História Oral como metodologia de pesquisa, levamos em consideração as contribuições dos depoimentos de pessoas que vivenciaram, como alunos, este processo do Exame de Admissão ao Ginásio, junto aos arquivos, como provas, atas, e documentos, com o intuito de movimentar as informações obtidas nesses arquivos, tendo como principal instrumento a oralidade. Os testemunhos e lembranças trazidas por esses sujeitos enriquecem a pesquisa e nos possibilita trazer à tona as vozes que, durante anos, ficaram ocultas e que, agora, passam a ser ouvidas e percebidas. A partir dessa exploração, damos a oportunidade dos sujeitos se verem como autores de suas próprias histórias:

Essas versões ou narrativas – ao iniciar um exercício de releitura, acréscimos e detecção de contradições em relação às informações que se tinha sobre a época ou situação- permitem a elaboração de uma “outra” história, tão relativa e subjetiva quanto o são todas as histórias possíveis, mas certamente com uma amplitude diferenciada, pois escrita a partir de uma pluralidade de vozes e perspectivas. (GARNICA, 2005, p.2).

Constituir fontes de pesquisa a partir da História Oral não é uma tarefa fácil, pois exige do pesquisador bastante cautela. Ao dedicar-se a analisar o passado, o pesquisador vai ao encontro, através das narrativas, de um outro tempo, a fim de buscar respostas para as questões que hoje o motiva no presente.

Conhecer o passado é uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar estrelas, já que, mesmo bem documentado, ele tende a se tornar fugidio e imenso em sua extraordinária dimensão e variedade de situações. (LOWENTHAL, 1981, p. 7 *apud* DELGADO, 2003, p. 13).

Silva e Souza (2007) descrevem a História Oral como um método de pesquisa qualitativa para diversas áreas das ciências humanas e traça aspectos para seu uso na Educação Matemática, ainda trazem a perspectiva de que qualquer área que utilize a História Oral visa valorizar as narrativas orais como fontes de pesquisa. Nesse viés,

O que se convencionou chamar de pesquisa qualitativa prioriza procedimentos descritivos à medida em que sua visão de conhecimento explicitamente admite a interferência subjetiva, o conhecimento como compreensão que é sempre contingente, negociada e não é verdade rígida. O que é considerado verdadeiro dentro dessa concepção é sempre dinâmico e passível de ser mudado. (BORBA, 2004, p. 2).

Segundo Garnica (2012), dizer que um trabalho tem como metodologia a História Oral implica afirmar que a pesquisa busca constituir fontes de pesquisa que servirão para enriquecer nossos dados sobre o objeto de pesquisa estudado. Trata-se, também, de seguir parâmetros específicos, que são um conjunto de procedimentos que tratam desta constituição das fontes. Dentre esses procedimentos, podemos citar o critério de seleção dos colaboradores da pesquisa, o processo de coleta das entrevistas, da gravação, as etapas das textualizações, até a elaboração do texto e a cessão de direitos para uso desses textos. Junto a essas características podemos ainda dizer que se trata, também, da intenção do oralista de registrar os relatos de experiências vividas e as memórias e a partir delas constituir fontes históricas.

“Temos concebido a História Oral como metodologia de pesquisa que envolve a criação de fontes a partir da oralidade e compromete-se com análises coerentes com sua fundamentação” (GARNICA, 2011, p.4). Segundo o autor, a diferença desta metodologia para as outras de abordagem qualitativa que também utilizam entrevistas como forma de coleta de dados, é que, na História Oral, o pesquisador tem a intenção de criar as fontes a partir da oralidade e fundamenta uma estrutura que o orienta ao analisar os dados obtidos, tendo sempre em vista o porquê construí-las e para que utilizá-las.

Devido ao surgimento dos gravadores portáteis, a prática da História Oral ganha espaço nos debates na área da Historiografia e da Sociologia. A partir de então, as vozes dos excluídos começam a aparecer na sociedade, servindo, agora, como um forte instrumento que possibilitava ao povo ter voz, oportunizando, assim, conhecer a realidade dos “excluídos”. No meio acadêmico, o desenvolvimento da História Oral como metodologia de pesquisa se deu de forma lenta no Brasil, pois a valorização do popular, da cultura e dos acontecimentos sociais não era considerada como algo importante para ser pesquisado e tido como fontes de pesquisa. Vê-se que:

A História Oral possibilita novas versões da História ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Este tipo de projeto propicia sobretudo fazer da História uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite produzir história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, por intermédio de suas referências e também do seu imaginário. (FREITAS, 2013, p. 79).

Os sujeitos da pesquisa nos possibilitam, a partir de suas narrações, a buscar significados de um tempo para encontrar valores, culturas e modos de vida que, quando juntos, relatam a vida da sociedade na época analisada. As informações e relatos dos colaboradores da pesquisa nos permitem ter uma visão mais descritiva sobre o Exame de Admissão ao Ginásio que, durante décadas, esteve presente no âmbito educacional do Brasil, marcando, assim, a vida de muitos estudantes que guardam, ainda hoje, em suas memórias, recordações de um tempo em que o acesso à escola era limitado e, para conseguir alcançar uma vaga no Ginásio, era preciso passar nesta seleção, que de 1931 a 1971, determinava quem iria ou não prosseguir nos estudos. Para apurar informações e relatos dessa época, vamos nos apropriar da metodologia da História Oral já aqui citada e detalhada a partir das visões de vários autores que trazem ao debate o uso desta metodologia para a História da Educação Matemática que vem crescendo como campo de pesquisa, de maneira significativa, proporcionando, a nós pesquisadores da Educação Matemática, abranger nossos horizontes e buscar, não apenas a História da Matemática, ou a Educação Matemática, mas trazer à discussão questões referentes ao processo de disseminação do conhecimento matemático, no tempo, nos espaços e nas relações entre os indivíduos.

Um dos pioneiros no processo e avanço da História Oral como metodologia de pesquisa foi o historiador Paul Thompson, que se tornou um dos principais autores na reflexão e utilização deste método de pesquisa. O seu livro, intitulado “A voz do passado: História Oral” tornou-se um clássico por suas grandes contribuições na formação da teoria da História Oral. O autor traz um pouco das características da História Oral, apresentando uma definição ampla sobre esta metodologia, segundo o Thompson (2006), trata-se de uma abordagem ampla que nos permite interpretar a história, as sociedades e a cultura que está em constante processo de transformação, fazendo isto por meio da escuta de pessoas e do registro da história de vida de cada uma delas.

Segundo o autor, a habilidade que deve ser inerente ao pesquisador que decide trabalhar com a História Oral é aprender a escutar. Durante as entrevistas, os sujeitos colaboradores da pesquisa narram suas histórias de vida, suas vivências e “toda narrativa tem como participantes, em sua constituição, autor e ouvinte” (CURY; SOUSA; SILVA, 2014, p. 915). O sujeito que narra faz esta tarefa em relação a alguém que se mostra disponível e interessado em ouvi-lo e,

neste processo, a partir dos relatos, esses sujeitos tecem suas experiências e atribuem significados a suas próprias vivências e memórias.

No Brasil, uma das primeiras experiências com a História Oral aconteceu no Museu de Imagem e do Som - MIS/SP (1971) que, segundo Freitas (2006), tem se dedicado à preservação e à memória cultural brasileira. A autora destaca que outras experiências com a História Oral ocorreram, também, em algumas universidades de Londrina (PR) e no estado de Santa Catarina. Destaca, ainda, que a experiência mais importante e enriquecedora tem sido a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil- (CPDOC), que dispõe de um setor de História Oral desde sua criação no Rio de Janeiro no ano de 1975. Cita, também, que o CPDOC é um dos melhores exemplos de experiências que tiveram sucesso utilizando a História Oral no Brasil por meio de entrevistas realizadas com grandes personalidades políticas e pelos debates e comunicações realizadas, nesse centro, sobre a teoria e a metodologia da História Oral.

Segundo Garnica (2005), a História Oral é bastante utilizada no Brasil na área dos estudos culturais, por sociólogos, antropólogos e historiadores, como metodologia de pesquisa. A História Oral chegou, tardiamente, em alguns países, como a França que, por sua vez, foi o berço de um dos maiores movimentos historiográficos: a Escola dos *Annales*. O grupo dos *Annales* propiciou um grande avanço na História como ciência e possibilitou aos historiadores uma nova forma de conceber a história, na qual o foco passa a ser não apenas os acontecimentos políticos, mas, também, a história de vida da sociedade que passaria, agora, a ser ouvida, por meio da constituição de fontes orais. Conforme Garnica (2005), a Associação Brasileira de História Oral foi fundada no ano de 1975 e, a partir da década de 1980, passa a ser notável sua utilização nas universidades e em outras instituições.

A Educação Matemática é o campo de pesquisa no qual o uso da História Oral como metodologia de pesquisa é considerado um dos mais recentes:

Embora no cenário mundial a História Oral tenha surgido vinculada, especificamente, aos estudos antropológicos, no Brasil ela é introduzida com estudos em Psicologia Social para, a partir disso, espalhar-se por outras inúmeras esferas acadêmicas, dentre as quais a Educação Matemática pode ser listada como uma das mais recentes a integrar o rol das áreas que a utilizam como referencial teórico metodológico. (GARNICA, 2005, p.1).

Quando pensamos na História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa, torna-se possível sua utilização para pesquisas em Educação Matemática, mais especificamente no campo da História da Educação Matemática, que traz questões referentes à história da formação

de professores, das instituições de ensino, das práticas escolares, dos meios avaliativos e tantos outros aspectos que esse campo de estudo nos permite pesquisar e explorar.

Há uma resistência no meio acadêmico e, principalmente, no meio dos pesquisadores na área da Matemática em trabalhar com fontes orais, pois, alguns desses pesquisadores ainda mantêm vínculo com a tradição historiográfica do século XIX, que considerava como documentos históricos de valor o testemunho escrito, e os depoimentos eram tidos como fontes de baixo valor histórico para embasar as pesquisas. O testemunho oral era considerado uma fonte inadequada que só passaria a ser utilizada como último recurso, e ainda assim, com muita cautela (FREITAS, 2006, p.40).

Nesta metodologia de pesquisa, a entrevista pode ser desenvolvida segundo duas tendências: a primeira é a história temática, na qual existe um interesse do pesquisador em uma determinada área de pesquisa, determinada época e temas históricos pelos quais será conduzido o roteiro de entrevista, norteando, assim, o relato do depoente durante o diálogo. A segunda tendência trata-se da história de vida, na qual o interesse do pesquisador, ao realizar a entrevista, está na vida do depoente como um todo, não havendo, assim, um interesse por determinado período ou tema a ser tratado durante as entrevistas. (SILVA; SOUZA, 2007). Dessa forma,

A realização de entrevista pensada na história oral não possui, portanto, somente o intuito de obter informações acerca de um dado tema, mas coloca-se como um meio de produzir documentos históricos (orais ou escritos) a serem disponibilizados ao público, independente de áreas. Por isso a fundamentação na história, por isso os cuidados com cartas de sessão para publicação, por isso o respeito incontestável ao que o depoente quer dar a conhecer, por isso o necessário reconhecimento da historicidade dos indivíduos e da importância da narrativa histórica para compreendermos um pouco mais o indivíduo, o mundo, as relações sociais. (SILVA; SOUZA, 2007, p.157).

Trabalhar com a História Oral como metodologia de pesquisa vai além de obter informações sobre determinado tema, torna-se preciso e necessário seguir regras e procedimentos, para que as fontes produzidas pelo pesquisador sejam documentos históricos, fontes de pesquisa para novos pesquisadores e leitores que venham a ter acesso aos relatos dos depoentes que, através de suas memórias e experiências, nos fazem conhecer e ter acesso ao seu passado e, assim, favorecem uma relação entre as diversas áreas, inclusive a Educação Matemática.

É preciso que o pesquisador em Educação Matemática tenha uma perspectiva cultural que o faça refletir sobre a importância e a necessidade de abordar questões educacionais sobre o conhecimento matemático, sobre o ensino e aprendizagem da Matemática e sua produção e disseminação na sociedade.

Macena (2013) considera a memória, a identidade e a comunidade como as matérias-primas para a História Oral e afirma que estas contribuem para a constituição de um campo investigativo fértil, pois possibilitam esclarecer informações e sensações que seriam difíceis ou até mesmo impossíveis de ter acesso a partir de outra forma de coleta de dados.

Na era da tecnologia e da velocidade, em um tempo marcado pela cultura virtual, a cada dia, as pessoas têm a necessidade de buscar informações da forma mais rápida e mais fácil possível. Os meios de comunicação e de tecnologias trazem dados e conhecimentos, de maneira acelerada e desenfreada. Os sujeitos narradores, de maneira espontânea, nos fazem conhecer, por meio de suas lembranças, fatos e experiências de um tempo, de um espaço e de uma cultura, nos possibilitando conservar esses aspectos tão importantes para a sociedade que, em meio a todo esse avanço, tendem a desaparecer. Logo, torna-se de fundamental importância que os pesquisadores tenham certa preocupação com a transmissão das heranças do passado, para direcionar o futuro. Desse modo, as comunidades acadêmicas:

Têm buscado criar alternativas para que o registro da fala de narradores, anônimos ou não, possa funcionar como um dos elos entre o que passou e o ficou, possa se transformar no olhar do tempo presente sobre as experiências do tempo ido, mas não mais perdido. (DELGADO, 2003, p. 22).

Segundo Baraldi e Gaertner (2008, p. 48), os trabalhos em Educação Matemática que utilizavam a História Oral como metodologia de pesquisa, até os anos 2000, eram quase inexistentes. As autoras ressaltam, ainda, que a intensificação do uso dessa metodologia de pesquisa nos trabalhos em Educação matemática tem se expandido e que a constituição dos Ghoem (Grupo História Oral e Educação Matemática) possibilitou uma maior visibilidade destes trabalhos. Baraldi e Gaertner (2008) citam a intensificação que esses trabalhos passam a ter após a criação desse grupo de pesquisa e destacam a possibilidade que a História Oral tem de organizar a busca de traços de um cenário histórico que o pesquisador deseja conhecer, traços estes de instituições escolares, da formação de professores, de práticas escolares e, também, da possibilidade de buscar os significados dos fatores e dos aspectos atuais que, no presente, nos instigam.

### **3.1 Procedimentos metodológicos**

Metodologicamente, neste trabalho, decidimos utilizar a História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa, para constituir fontes históricas por meio dos testemunhos de três colaboradores que vivenciaram como alunos, a experiência do Exame de Admissão ao

Ginásio. Gaertner e Baraldi (2008, p.48) destacam o trabalho metodológico de Garnica (2005) sobre as várias “possibilidades e a legitimidade de usar a História Oral como método de pesquisa adequado e produtivo para a Educação Matemática”. As autoras ainda ressaltam a importância das questões éticas que devem ser levadas em consideração na relação entre o pesquisador e os colaboradores da pesquisa nas entrevistas, nas transcrições, no trabalho das textualizações e no uso do acervo iconográfico que, durante as entrevistas, os depoentes nos apresentam, como fotos, cadernos, documentos, e etc.

De início, o nosso objetivo era entrevistar três colaboradores que tivessem reprovado no Exame de Admissão ao Ginásio, especificamente na disciplina de Matemática, pois nosso objetivo inicial seria investigar como estes indivíduos que foram excluídos do sistema educacional estavam hoje inseridos na sociedade e como a disciplina de Matemática contribuiu para a cultura de hierarquia que existe na sociedade como um todo, entendendo que aqueles que apresentavam maior dificuldade em Matemática não alcançavam a média necessária para a aprovação no exame e, conseqüentemente, tinham seus estudos interrompidos por este processo altamente seletivo que determinava quem eram os alunos aptos para ingressar no curso ginásial. No entanto, nossa procura pelas pessoas que foram reprovadas no Exame não teve sucesso.

Sendo assim, nossa busca começou a partir de outras pessoas que fizeram o Exame de Admissão e, por meio desse contato, perguntamos se estes conheciam alguém que fez o Exame e foi reprovado, mas as respostas sempre seguiam um mesmo padrão: “Não lembro de quem reprovou”, “ Eu sei de um colega que reprovou, mas não lembro o nome”, “ Lembro de fulana, mas não sei onde mora, pois já faz muitos anos”. A partir de então, tentamos conseguir mais informações através dos arquivos das escolas nas quais os alunos dos municípios de Pedras de Fogo (PB) e Itambé (PE) eram submetidos ao Exame. Logo, por meio dos arquivos das escolas, conseguimos detectar um senhor que tinha reprovado no Exame, especificamente na disciplina de Matemática, mas que infelizmente tinha falecido neste mesmo mês da coleta de dados. Além deste, detectamos nomes e o quantitativo de muitos outros alunos que foram reprovados no exame. Conseguimos esses dados por meio da análise dos arquivos do Colégio Municipal Professor Nivaldo Xavier de Araújo, mas, por serem arquivos de muito tempo atrás, não tínhamos como entrar em contato com estas pessoas. Até que conseguimos identificar um outro senhor que fez o Exame de Admissão e que reprovou. Logo de imediato, fomos à sua procura e esse senhor se disponibilizou a dar a entrevista e contribuir para a pesquisa, mas, infelizmente, por questão de saúde do colaborador, não foi possível entrevistá-lo.

Ainda na busca incessante por pessoas que reprovaram no Exame de Admissão, conhecemos e detectamos vários sujeitos que viveram a experiência do Exame de Admissão ao



Ginásio e ficou notório, em suas falas, a satisfação e o orgulho com o qual estes relatavam sobre sua aprovação no processo seletivo. Vejamos, abaixo, o seguinte depoimento:

Então o que era o Admissão ao Ginásio? Você tinha que provar certas capacidades na área de Matemática e Língua Portuguesa, eu não lembro, por exemplo, se... hoje eu não lembro mais se a gente tinha História, Geografia e, se tinha, o peso era muito menor em relação a Português e Matemática. E eu me lembro bem que a gente passava todo o ginásio com os pais e professores o tempo todo na cabeça da gente dizendo: estude!(Oswaldo Matos, 2019).

Logo, decidimos mudar nossos objetivos e passamos analisar como se dava o processo de Hierarquização no contexto do Exame de Admissão ao Ginásio, dando principal atenção à disciplina de Matemática.

A partir de então realizamos a primeira entrevista com o colaborador Oswaldo de Matos e Silva, de 56 anos de idade. Este, por sua vez, indicou outros sujeitos que também passaram no Exame de Admissão. Em seguida, realizamos a segunda entrevista com o senhor Severino Araújo da Silva, de 70 anos de idade. Usamos, então, o que chamamos de critério de rede, em que um colaborador sugere a participação de outro que, por sua vez, indicará outros colaboradores. O contato com a terceira colaboradora, a senhora Zenaide Cesar de Mendonça, de 71 anos, se deu a partir de mais buscas por colaboradores para a pesquisa.

Ao decidimos trabalhar com a História Oral como metodologia de pesquisa, passamos a ter acesso a relatos orais de cada colaborador que estão, de certo modo, ligados por experiências comuns. A utilização desta metodologia de pesquisa nos possibilita, segundo Gaerttner e Baraldi (2008, p. 52), “o conhecimento de diferentes versões sobre determinado tema”. O relato oral dos colaboradores para a pesquisa, obtido por meio das entrevistas, nos permite investigar as vivências de cada sujeito, conhecendo, de certa maneira, processos, lugares, culturas, e tantos outros aspectos que, de outra forma, não poderiam ser compreendidos.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa são parte essencial desta dissertação, logo, decidimos disponibilizar os registros em um capítulo titulado como “Monólogos”, no qual o texto está apresentado em uma fala contínua dos colaboradores, para melhor fluir e engajar o leitor para as experiências narradas.

Realizamos, então, uma “pré-entrevista”, em que tivemos o primeiro contato com o sujeito colaborador. Também marcamos a data e o local a ser realizada a entrevista e nesta contamos com um gravador para registrar os relatos de cada sujeito.

Fizemos, antes de tudo, um roteiro de entrevista, no qual estabelecemos quais os tipos de perguntas e quais temas seriam abordados durante a entrevista, considerando que estamos

trabalhando com a História Oral temática, na qual focamos o tema do Exame de Admissão ao Ginásio, que é o nosso objeto de pesquisa.

Ao realizar cada entrevista, entramos em contato com a vida do depoente, que, ao relatar suas vivências, nos possibilita ter acesso a fatos, sentimentos e emoções que, durante muito tempo, estavam guardados, e que, agora, estão sendo colocados à nossa frente. De posse desses relatos, temos a missão de analisar e, a partir de então, tecer significados para as informações obtidas, significados estes que podem ser reinterpretados por outros e, assim, constituir várias versões sobre aquilo que se pretende investigar.

De posse dos áudios obtidos em cada entrevista, passamos para a fase da transcrição a qual se trata da “passagem da gravação oral para o escrito” (GAERTNER; BARALDI, 2008, p. 55). É a fase da transcrição de cada relato na íntegra com seus vícios de linguagens, sem recortes em suas falas. Após as transcrições, passamos para uma outra fase, a fase das textualizações, a qual, segundo Macena (2013), trata-se de uma reelaboração da transcrição, em que o pesquisador tem a possibilidade de excluir falas que, em sua perspectiva, não precisariam ser mencionadas, podendo, também, reelaborar algumas frases, mudar a ordem das falas se assim considerar coerente com o sentido do que o entrevistado nos relatou, isto pode ser feito de acordo com o depoente que deve ter acesso ao resultado final das textualizações e, assim, legitimar e permitir sua publicação ou divulgação, para isto, utilizamos cartas de retorno e cartas de cessão, seguindo o modelo apresentado por Alencar (2019) em sua tese de doutorado.

A partir das transcrições de cada entrevista, podemos perceber as falas que mais se aproximam do nosso foco de pesquisa, como também se torna possível comparar as falas dos depoentes, a fim de confirmar as informações que cada um vai nos disponibilizando durante suas narrações. Após as textualizações, passamos para a fase das análises, na qual o pesquisador deve conhecer e registrar o que os depoentes defendem e acreditam ser importantes acerca do tema que lhes foi apresentado e principalmente, as compreensões do pesquisador a respeito do tema estudado, diante da sua mobilização a partir do escopo teórico e metodológico, cotejado com as falas dos depoentes, dos documentos, da fundamentação teórica e de tudo o que se fizer necessário para compreensão histórica do tema pesquisado.

Por coincidência, ou até mesmo pelo fato de um colaborador ter indicado outro para participar da pesquisa, dois dos sujeitos da pesquisa que entrevistamos se submeteram ao Exame de Admissão ao Ginásio no Ginásio Industrial de Itambé, hoje conhecido como Escola de Referência Frei Orlando, localizada no interior de Pernambuco, na cidade de Itambé, que faz divisa com Pedras de Fogo (PB) e a terceira colaboradora foi submetida ao Exame de

Admissão na Escola Comercial, hoje conhecida como João Úrsulo, localizada na Paraíba, no município de Pedras de Fogo.

A entrevista com o colaborador Osvaldo de Matos e Silva se deu no dia 13 de abril de 2019, com duração de 56 min e 34 segundos. Durante a entrevista, o depoente deu muitas contribuições sobre o tema estudado. Seguimos o roteiro de entrevista semiestruturada e, durante cada pergunta geradora, o depoente trouxe à tona suas lembranças de uma época que marcou sua infância, compartilhando, assim, suas vivências, seus medos, emoções e anseios, enfim, suas memórias.

Em 24 de outubro de 2019, realizamos a entrevista com o senhor Severino Araújo da Silva, o qual nos recebeu em sua serralheria, onde o mesmo se achou à vontade para fazer a entrevista. A entrevista seguiu o roteiro de perguntas semiestruturadas e teve uma duração de 46min e 7 segundos. O depoente nos trouxe importantes contribuições para a pesquisa e compartilhou, de modo claro e objetivo, suas experiências sobre o Exame de Admissão ao Ginásio.

No dia 13 de março de 2020, realizamos a entrevista com a senhora Zenaide Cesar de Mendonça, que teve uma duração de 52 min e 47 segundos. A mesma narrou sobre suas vivências com o Exame de Admissão ao Ginásio, relatando as dificuldades e experiências sobre o seu ingresso na Escola Comercial. Após a realização de cada entrevista, nos voltamos para as transcrições de cada uma delas e, em seguida, passamos para a fase das textualizações, para, enfim, fazermos as análises.

Na textualização de cada entrevista, optamos por tratar dessas narrativas de maneira mais literária, e decidimos por apresentar essas narrativas em forma de monólogos, na qual cada um dos entrevistados conta suas experiências, suas memórias e lembranças, na forma de uma fala contínua, sem interrupções do entrevistador. Portanto, tratamos de excluir das textualizações as falas nas quais o entrevistador faz as perguntas, dando a entender aos leitores que estas textualizações são monólogos.

Esses momentos de entrevista tornam-se um espaço propício para a busca de significados e de informações riquíssimas sobre o Exame de Admissão, mas não apenas sobre o exame, como também sobre as práticas docentes da época estudada, dos processos de ensino-aprendizagem de Matemática, das relações entre professores e alunos. Podemos citar, também, as relações familiares e tantos outros aspectos que, de maneira sutil e descontraída, surgem durante as narrações de cada colaborador.

## 4 MONÓLOGOS

### 4.1 Monólogo sobre os desafios do Exame de Admissão ao Ginásio

**Figura 10** -Severino Araújo da Silva



**Fonte:** Dados da pesquisa

Meu nome é Severino Araújo da Silva, nasci no dia 4 de outubro de 1949. Minha profissão é marceneiro, eu trabalho com marcenaria e aprendi essa profissão no Ginásio Industrial de Itambé. Na época, existia aqui no estado de Pernambuco. Que aqui é cidade fronteira com a Paraíba. Em Pernambuco, tinha o Ginásio Industrial, uma rede de ginásio industrial por aí. E eu fiz marcenaria porque quando nós estudávamos o Ginásio, por exemplo, eu fiz o curso primário, assim, né... com uma professora particular, e quando a gente chegava para o Ginásio tinha que fazer a Admissão. Ao terminar o Primário para se ingressar no curso ginásial, que é o segundo grau de hoje, nós tínhamos que fazer Admissão ao Ginásio, que era uma espécie de vestibular. E eu fiz. Passei me arrastando, mas consegui, consegui.

Então, quando nós fizemos o Ginásio na época, Ginásio Industrial, no primeiro e segundo ano, nós fazemos seis meses de marcenaria e seis meses de mecânica e, depois do segundo ano, a gente era obrigado a escolher ou marcenaria ou mecânica porque os dois anos

seguintes eram só sobre a profissão definida e eu, para você ter uma ideia, nós éramos 19 alunos homens, 18 foram para mecânica e só eu fiquei fazendo marcenaria, porque eu gostava muito de marcenaria, que, aliás, eu até já trabalhava, porque eu sou descendente de família pobre, e já trabalhava por aí em oficina, então escolhi marcenaria, aí pronto. Terminei o Ginásio em 1968. Comecei em 1965 e terminei em 1968.

Em 1964, foi o ano do Admissão, então seguiu 1965, 1966, 1967 e 1968, aí eu terminei o Ginásio. E, depois, fiquei por aqui à toa, quer dizer, não tinha campo, não tinha... Para minha profissão, não é que eu seja melhor do que ninguém, mas aqui tinha muito desses pinguços que ficavam por aí pedindo cigarro a um e a outro, era o que tinha na época... e fazendo serviço de graça praticamente e também dando calote nos outros. Eu ficava olhando isso e isso não é da minha índole, nunca gostei. Aí eu falei: sabe de um negócio, eu tenho que desaparecer daqui! Aí eu tinha uns amigos no Rio de Janeiro, entrei em contato com um deles e fui para o Rio de Janeiro. Quando eu fui para o Rio, eu fui no intuito... porque, na época, quem tinha o Curso Ginásial, ohhh... era muito procurado né? Hoje a gente ainda é um povo semianalfabeto, imagine na época?! Acho que  $\frac{3}{4}$  da população era analfabeta de pai e mãe, e eu que fui dessa região aqui, né... carente. Aí, quando eu terminei o Ginásial, eu lá no Rio quando cheguei, na época, ainda hoje é assim, é... o pessoal que saía daqui do Nordeste para ir para o Sul era considerado quase como um índio, era menosprezado sabe? Eu discuti muito com pessoal lá, porque eu já saí meio sabendo das coisas, e... os caras pensando... Não, Não pense que é assim não, lá também tem pessoas evoluídas e tem doutores e etc. Então eu sei que eu saí no intuito de trabalhar como auxiliar de escritório, mulher, quebrei a cara! Quando cheguei lá, a minha sorte foi a minha profissão, lá no Rio, que eu aprendi no Ginásio Industrial.

De imediato, quando eu cheguei, eu fui trabalhar em uma frutaria, uma casa de frutas, uma casa de frutas... Menina... eu trabalhava... olha, pense, pense! Eu paguei meus pecados todinho da vida. Quando eu pensava que deu uma hora da madrugada e eu iria dormir... botava um balaio na cabeça, um balaio de frutas podres na cabeça para ir jogar lá... Isso em Copacabana. E quando foi no fim da semana o cara me pagou uma merreca, menos do que um salário mínimo, porque tem os descontos e etc, que eu não lembro os valores, mas era Cruzeiro, mas o salário não tinha condições, eu não tinha... Eu precisava mandar dinheiro para mamãe. E logo pertinho da fruteira, na frutaria, fruteira, sei lá! Perto da casa de frutas tinha uma marcenaria e eu fiquei ligado logo.

Eu trabalhava com marcenaria.... Então eu falei: seu Paulo, o nome do cara da casa de frutas... ele era gerente. Olhe, eu não vou permitir que o senhor assine a minha carteira não, eu

não quero trabalhar com isso não, eu vou trabalhar com marcenaria. Então ele falou: Mas, rapaz! Você é um menino sabido e tal, você tinha tudo para subir aqui! Aí eu digo: é, mas eu não quero não, não tem conversa não, eu vou. Sei que ele não chegou nem assinar minha carteira e me entregou. E, em seguida, eu fui lá na marcenaria e falei com o pessoal e disseram: Rapaz, é o seguinte, fique por aí e, quando aparecer um trabalho aí... Menina! Parece que é coisa de Deus. Eu não fiquei trabalhando como empregado na marcenaria, mas fiquei ali na... Então, chegou um cara mineiro procurando um marceneiro, e eu... Aí o cara disse: Olha, aí tem um cara que chegou agora pouco e ele tá procurando... Sei que me apresentaram a ele, e eu fui me entender com ele, e ele disse que queria montar, coisa fácil. Porque marcenaria, de qualquer forma, apesar de ser uma profissão muito árdua, muito difícil, mas lá no Sudeste é tudo evoluído, e era uma diferença muito grande entre aqui e lá. Quando eu cheguei lá, as madeiras já vinham todas prontas e era só montar as coisas. Aí ele me contratou para montar umas prateleiras, oh coisa fácil! No fim da semana, esse cara me pagou 90 mil cruzeiros, perguntou quanto era, eu falei, não sei, o senhor que sabe. Noventa! Menina eu fiquei tão doido com esse dinheiro, sabe o que é que eu fiz? Eu... Numa sexta-feira que ele me pagou e disse: “olhe, Araújo, a gente não costuma trabalhar no sábado aqui não, eu vou lhe pagar logo a semana e tal” e, quando ele me deu o dinheiro, aí eu falei: amanhã, eu vou trabalhar de graça para o senhor, se incomode não. Peguei o dinheiro que ele me deu, fiz um leque e bati um prego e fiquei olhando para o dinheiro e trabalhando o dia todinho do sábado. Bom, aí foi por esse motivo que eu ingressei na marcenaria e eu tinha uma vida muito melhor! Fiquei lá no Rio de 1969 a 1973, quatro anos no Rio. Mas você sabe, o cara muito novo, né? Na época eu tinha 21 anos mais ou menos, e o que eu ganhava era para estourar, estourei muito dinheiro, não me preocupava com o futuro. Mandava dinheiro para mamãe e para ela estava tudo bom o resto. Eu nunca fui de beber, assim, para esnober com bebedeira, mas eu sempre gostava de uma farrinha aqui, acolá, coisa de... Hoje em dia, não, hoje em dia tudo na droga... mas, na época, não. Então, rapaz, vim embora para Itambé e, quando cheguei aqui, o mesmo misereu.... Eu pensava que tinha evoluído as coisas. Que evoluído, o quê?! Sim! Mas aí em 1969... Eu fui em maio de 1969, quando foi no fim do ano... Todo empenado, né? Tinha comprado roupa nova e vim dar um passeio aqui. Aí foi sucesso! Oh! Na época, né? É... Eu vi que não dava, não tinha campo para mim voltei para o Rio ainda, dessa vez eu penei no Rio, viu? Sofri, sofri fome, sofri o diabo, porque apesar da profissão, mas sei lá o que foi que trancou as coisas para mim.

Quando eu vi um negócio muito imprensado, fui trabalhar de empregado, mas como marceneiro mesmo. Não era um marceneiro, era digamos um 3/4 de marceneiro, né? Mas, como

as coisas lá era fácil, eu ingressei no ramo e ganhei bastante dinheiro, foi na época que melhorou e eu arrumei um bom conhecimento. Em 1973, eu vim embora pensando que as coisas tinham mudado aqui, mas tinha nada! Fiquei trabalhando, fazendo bico em Recife, em João Pessoa...Comecei a namorar essa menina que é minha esposa hoje, fiquei amarrado, né? Porque até aí eu só queria bagunçar, aí pronto, rapaz.

Até aí eu só tinha estudado até o Ginásio, foi quando meu futuro sogro disse que a situação dele estava difícil e que iria embora para São Paulo, porque lá ele tinha parentes e, quando eu quisesse, eu poderia casar ou ela viria, ou eu iria para lá. Sei que eu fui para São Paulo, em São Paulo eu fiquei 8 anos e lá sim, realmente, lá eu me casei, me dei bem. Marcenaria lá é uma mãe! Ganhei muito dinheiro em São Paulo, mas eu sempre querendo estudar, mas não tinha chance, não tinha a mínima chance, mas, quando eu voltei aqui, eu voltei... Nós fomos em 1975... Em 1983, eu... No intuito de recomeçar os meus estudos, o segundo grau pelo menos, porque o Admissão era só até o Ginásio. Quando você fizesse o Ginásio já iria direto para o Segundo Grau, sabe? Porque, na época, chamava contabilidade, científico e pedagógico. Mas eu não tinha opção, apesar de que a área que eu queria, na verdade, na minha vida, era Arquitetura ou Engenharia. Então, eu teria que fazer o Científico, mas como na Escola Comercial, em Pedras de Fogo (PB), tinha curso de contabilidade à noite, e eu não podia estudar de dia porque já estava casado e já tinha até filhos. Um filho meu que faleceu foi nascido em São Paulo, nessa época, ele era bem pequenininho. Então, fui fazer o Segundo Grau na Escola Comercial, fiz contabilidade. Terminei o curso de contabilidade pensando em fazer, talvez, quem sabe, uma arquitetura ou Engenharia, que era meu sonho, engenharia mecânica, sou louco por mecânica até hoje, eu não sou mecânico, mas eu conheço muito, gostava muito, mas não tive chance, a verdade é essa, então fiquei como marceneiro o tempo todo e até hoje prossigo com minha profissão que, por sinal, eu gosto demais da minha profissão. Eu gosto e trabalho como hobby e prossigo e vou vivendo, até agora com 70 anos e vou tocando a vida como marceneiro.

O Primário eu fiz... Os meus pais eram analfabetos, vieram para cá do sítio por aí afora, e eu tive uma grande vantagem na minha vida, porque mamãe sempre foi muito ligada à igreja. Era eu e uma irmã minha, em 1957, houve, aqui, do jeito que está esse país, esse país da gente é lamentável. Do jeito que está ocorrendo esse coronavírus, na época, em 1957, apareceu a gripe asiática. Eu estava com nove anos e minha irmã com oito anos e eu e ela pegamos a doença, ela morreu, e eu, por um milagre, escapei. Isso foi uma facada para mamãe ... Mamãe teve 10 filhos, morreram oito e só tinha eu e ela, depois ela morreu, ficou eu sozinho, aí pronto! Mamãe era ligada à igreja e eu, com nove anos de idade, depois da morte

da minha irmã, eu comecei a frequentar a igreja também e o padre me chamou para ser coroinha e eu fiquei muito contente e eu fiquei como coroinha, foi a minha sorte! Porque o padre, na época que era o padre Dionísio, ele começou a dizer a mamãe: Olha, dona Lurdes, bote seu filho no colégio... Foi quem me encaminhou, na verdade. Papai me colocou em uma escola chamada... não tinha nome não, o nome da professora era Lourdes, meu pai me colocou para fazer o Ensino Primário, e a professora gostava de mim que só, a velhinha, rapaz. Agora, coitada, era professora, mas... oh, meu Deus do céu! Hoje é que eu vejo que ela não sabia de nada! Zero! Olha, eu fui aprender coisa do Primário, por exemplo, as quatro operações é... Análise, essas coisas, no Industrial já.

Porque, quando eu terminei o primário lá na escola, eram quatro anos e estava recém-chegado aqui a escola artesanal, isso foi em 1962 mais ou menos, e, em 1963, papai inventou de morar no sítio e me levou, eu já estava com 14 anos e ele viu que não dava certo e veio embora. Foi quando mamãe disse: Olhe, tem que botar o menino no colégio, o padre pressionando.... Então, ele foi no Colégio Industrial, falou com o pessoal, e disseram: Olhe, está chegando um colégio.... Foi quando passou de escola artesanal para o Ginásio Industrial de Itambé. Ele me matriculou, mas acontece que eu precisava fazer um teste, não era de bolo assim do Primário para o Ginásio, não era. Nem do Primário para estudar no Industrial, tinha que fazer um teste para pegar o Admissão ainda, então, eu fiz esse teste. Passei me arrastando também, mas consegui passar com nota cinco, porque no mínimo era cinco. Passei e fui fazer o... fizemos um ano de Admissão. Fiz um teste para ver se estava apto a pegar o Admissão, entendeu? Depois fiz um ano, era o ano todinho, o ano era como se fosse uma recapitulação do primário.

Foi justamente nessa época que eu comecei a aprender análise morfológica, as quatro operações de Matemática etc etc... Isso aí foi quando eu vi que a minha professora anterior não sabia nada, coitada. Em seguida, eu fiz um ano do Admissão, foi o ano todinho, isso para ingressar no primeiro ano ginásial, que era no ano seguinte, foi em 1963, no fim do ano de 1963, que fizemos uma prova que era a recapitulação do Primário indo para o ano do Admissão que... Eu passei também com a nota mínima, mas foi uma sorte muito grande! Se eu não tivesse passado, não teria estudado mais. Passei e pronto, comecei em 1964 o primeiro ano ginásial, 1965, 1966, 1967, os quatro anos do ginásio, aí pronto, foi quando eu fui para o Rio, essa história eu já contei já.

A escola onde eu estudei o Primário era em um casebresinho de taipa, casa da própria professora. Que ela também, coitada, ela ensinava e eu acho que era o município que pagava, porque no tempo era assim. Tinha muitos alunos na sala, aliás, a sala era mista lá,



homem e mulher misturado, mas chegou ao ponto de ter uns... Era dois turnos, tinha o turno da manhã e o turno da tarde, não sei se tinha o terceiro não, acho que não. Eu estudava no período da manhã, era de 7h às 11 horas. Chegou ao ponto de ter 40, 39 colegas na classe, que era o máximo permitido, né? Tinha até... Escolhia aquelas meninas, até hoje eu conheço aquelas meninas, é.... mais desenvolvidas para ensinar aqueles que tinham mais dificuldades. E, na época, tinha tabuada, tabuada.... É o que eu acho também que não deveria ter acabado, eu acho que deveria prosseguir, tabuada é uma coisa essencial porque se eu ficar na dependência de uma máquina, de uma calculadora ou de um celular?! Você pode perguntar qualquer número a mim de multiplicar, até hoje eu sei tudo, tudo, multiplico.  $7 \times 8 = 56$ , sei tudo, tudo, que eu aprendi, porque, na época, tinha uma espécie, uma tal de palmatória, era que começava um debate entre os alunos e aquele que não respondesse a resposta correta, por exemplo, é... é...  $20 / 5$ , e assim sucessivamente,  $8 \times 3$  de multiplicar e, assim, se não respondesse iria para a palmatória. Eu sei que todos nós que estudávamos na época sabíamos fluentemente a matemática.

Da disciplina de Matemática, lembro que, durante o ano do Admissão, caía as quatro operações básicas, coisa básica, né? Por exemplo, caía uma é... Como é que chama? Análise, não, isso aí é Português. Caía uma operação de dividir, multiplicar e uma de somar.... Aparecia... álgebra, dízima periódica... Álgebra. Fração foi no Ginásio já, fração eu não sabia nem para onde ia. Geometria, geometria... não, não, isso era no Ginásio, acho que no Ginásio eu tinha um professor muito bom de desenho. É do Ginásio, do primeiro e do segundo ano, esse cara já morreu. Era o professor Antônio.

Olha, havia esse teste para os alunos de escola pública, salvo o engano, mas parece que não tinha não. Esses grupos, como o Arruda Câmara, já encaminhavam direto, mas quem era dessas escolas como eu, particular, né? Era obrigado a fazer um teste como eu te falei, eu não lembro se nós... não, não estudava mais não, era um, por exemplo, eu terminei em 1962 o Primário. Passei quase um ano parado, porque, em 1963, o meu pai inventou de morar no sítio, quando foi no final do ano, foi quando eu fui me matricular no Ginásio Industrial, só que não foi aceita a matrícula, tinha que fazer esse teste para ver se eu estava apto para fazer o Admissão. Esse teste foi de imediato, demorou não, acho que uns 30 dias para estudar e fazer o teste. Então, eu fiz o teste e passei me arrastando, mas consegui. Tinha que fazer uma redação, ainda me lembro. Me lembro que, nessa redação, colocaram lá no quadro um papel, uma paisagem lá, né? Que eu comecei a pensar o que é que eu vou escrever aqui....dei uma olhada para lado e o colega estava... rrsrsrs..., eu vejo nessa gravura, é... uma paisagem assim e assim, eu sei que daí eu me soltei e fiz ao meu modo e consegui passar, a trancos e barrancos, mas eu consegui passar. E fui apto a fazer o Admissão. Isso para fazer o ano do

Admissão, é! Porque eu era de escola particular, né? Fizemos no Ginásio Industrial, que, anteriormente, era a escola artesanal e passou a ser Ginásio Industrial nessa época. Então, eu os colegas lá fizemos um ano todinho de Admissão.

Quando terminou o ano do Admissão em 1964, tinha que fazer uma prova como se fosse um vestibular com toda a retrospectiva do Primário, incluindo o ano do Admissão também, porque, né... era uma revisão total. Sei que consegui passar, também no sufoco, mas passei para o primeiro ano ginásial. Eu me lembro que essa prefeita, que é a prefeita de Itambé hoje, ela foi a diretora do Ginásio Industrial. Eu lembro quando ela disse, nítido, rapaz! Eu era novinho. Ela disse: Quem passar, quem atingir nota 5,0, pode se considerar no primeiro ano ginásial. Foi um alívio para mim, oh, rapaz! Foi uma vitória.

Eu fiz o Exame de Admissão ao Ginásio em 1964 e as disciplinas que eram cobradas eram Português, Matemática, era o básico. Português, Matemática, Geografia e História. Na época, na época, o regime aqui do país era militar já, né? E a coisa mais ordeira, digamos assim, coisa que eu, inclusive até hoje, lamento por não ter mais, é que você, para entrar na sala de aula, tinha que formar a fila, sabe? Quando chegava na classe, ou cantava o hino nacional, ou rezava o Pai Nosso, ou qualquer coisa assim. Tinha mais ordem nas coisas, não era essa bagunça que, infelizmente, existe hoje, não, existia disciplina que eu admirava demais. Foi onde nós aprendemos, aprendíamos a ser fraternos, sabe? Foi nessa época, porque até então era tudo analfabeto e.... eu tenho muita saudade disso, sabe? É... tinha uma merenda. A merenda, na época, era dada pela Aliança para o Progresso, era leite a merenda, todo dia tinha duas vezes no período do Ginásio Industrial...é, tinha um lanche reforçado no colégio porque nós trabalhávamos. No fim do ano, a gente fazia uma exposição do que fez, eu expus meus armários e o pessoal da mecânica mostraram negócio de serralheria, e, quando eu terminei o Ginásio, já em 1968, eu expus um armário, oh, rapaz! Foi muito bonito na época.

Terminei em 1968, começou 1969 e eu fiquei à toa porque não tinha como fazer, não tinha como prosseguir nos estudos aqui. É... Segundo grau não existia, quem tinha a chance ou apadrinhamento de alguém ia para Nazaré da Mata prosseguir os estudos e fazer o segundo grau. Então, eu me vi obrigado a ir embora para o Rio de Janeiro e a história do Rio você já sabe mais ou menos, né?

Quanto ao número de questões da prova, eu não lembro. Na verdade, eu sei que começava com uma redação. Português, né? Começava com a redação, depois vinha essas perguntas de análise e depois tinha História...E as provas eram em dias separados, cada dia tinha uma, porque, aliás, eram professores distintos também, e era tudo separado. No meu caso, quem aplicou a minha prova foi a diretora. Era ela, foi ela quem aplicou.

Para se preparar para o Exame de Admissão ao Ginásio, eu e meus colegas, a gente se juntava. Se juntava todo mundo em grupo, sabe? E começava, aqueles mais, mais evoluídos, mais estudiosos orientavam aqueles, né...Inclusive, eu perdi uma amiga minha, uma colega no ano passado, no final do ano passado rapaz, ela teve um câncer de esôfago. Essa amiga, inclusive, foi quem terminou junto comigo o Ginásio. Quando nós terminamos, como eu ia falando, a situação era tão crítica que o alunado, de modo geral, que éramos cinco homens e seis mulheres, não tinha condições, eu pelo menos, quase ninguém tinha um paraninfo. Eu era filho único, minha mãe doente morre, não morre, é... papai separado, não queria saber de nada. Não tinha ninguém e outro, outro colega meu, tudo quase na mesma situação minha, sem poder comprar roupa, sem nada. Então, a diretora resolveu que cada aluna pegava um aluno como paraninfo, sabe? No fim do ano. Fizemos isso. Tinha um médico que era muito humano e muito bom, ele nos deu um bode para colocar na rifa para fazer alguma coisa para o fim do ano, e eu me lembro que a gente foi pegar esse bode e foi um sufoco triste, rrsrrs... e fizemos uma festinha no final do ano. Compramos a farda, pronto. Por questão de preço, todo mundo usou o mesmo tipo de gravata, as cores de nossas fardas era bege, bege, é... nós tínhamos o símbolo do Industrial aqui no peito, na farda diária, né? Na diária, nós tínhamos um onograma com a carreta, sabe? Para demonstrar a indústria, mas era na diária.

Quando eu saí do Primário, a gente não tinha muita noção do que era o teste que a gente iria fazer. Pelo menos eu não tinha, porque eu estava vindo de uma escola particular arcaica e que a professora também, coitada, era muito, né? Assim... Não sabia quase nada, e eu não tinha nem noção do que estava enfrentando para.... Não, não sabia não. Eu sabia que ia prestar o exame para estudar no Ginásio Industrial, mas não tinha nem noção não. Passei por um milagre. Mas o que eu não tinha noção era na passagem do Primário para entrar no Admissão. Quando eu fiz o Admissão durante o ano todo, aí não, aí eu já tinha, aí, realmente, eu ficava ansioso, só eu não, todos os colegas. Eu ficava ansioso, eu sei que eu passei por um milagre também, mas é... Agora o meu caso também sempre foi financeiro porque fui criado sozinho, praticamente, jogado, família desajustada também e eu tive que batalhar para conseguir alguma coisa, eu fazia carrinho de menino, fazia tudo e consegui me sobressair. Agora, eu não sabia o tamanho do desafio que eu estava enfrentando não, sabia não, de verdade.

Meu pai e minha mãe não tinham nem noção disso. Não sabiam, para eles tanto fazia nota vermelha, como azul, porque, na época, de 5,0 abaixo era vermelha na caderneta e de 5,1 para cima era tudo azul, e eles não tinham nem noção, nem meu pai nem minha mãe, tudo analfabeto de sítio na época. Os professores, sim! Os professores já, muito bons, eu tenho saudade deles até hoje, até hoje.

O material que tinha para gente estudar era um livro, que parecia uma Bíblia, era dessa grossura, inclusive, papai chiou para comprar porque era caro na época. Eu lamento tanto que perdi esse livro. Ele parecia uma Bíblia, agora não lembro se ele tinha uma capa amarela ou vermelha...uma coisa assim. Eu me lembro de uma história, isso foi no livro do Primário que tinha Pedrinho, o que tem no fundo do quintal, uma casa que tinha um balanço, e lembro também... Foi no Admissão, meu Deus? Não lembro se foi no do Admissão, de um menino, um garoto que era filho único, eu me baseava em mim, né? Porque... Ele conseguiu um colega rico e, na convivência, a mãe dele batalhava, lavava roupa naquele sol quente e, quando ele passou a conhecer esse amigo rico e o amigo disse que não tinha mãe...ele disse: Nunca vi uma pessoa tão pobre como você. Porque... a riqueza todinha... ele não tinha mãe. Eu me lembro dessa história porque, assim... essa história me marcou.

Todo mundo tinha esse livro. Agora, não me lembro que a escola tenha dado, porque, dentre nós, nós já não tínhamos praticamente nada, minha sorte era a igreja, como eu te falei, e tinha um colega que o pai dele era bicheiro, coitado, era pior do que... Mas pelo menos o pai dele era bicheiro, mas vivia com a família, mas era um misereu, passava fome mesmo, mulher, a salvação nossa era um lanche do colégio, né? Leite e etc. Mas era barra pesada.

Eu gostava de Matemática, eu sempre gostei muito de Matemática, sabe? Sempre, sempre, inclusive, eu me orgulhava, modéstia à parte, mas eu me orgulhava muito porque eu decorava a tabuada com certa facilidade. Eu nunca, praticamente, eu não apanhava não, era muito difícil, eu gostava muito. A tabuada, na época, era uma exigência do professor e eu ficava debatendo com os colegas e se não soubesse, palmatória!

Eu sei que algumas pessoas reprovaram no Exame de Admissão, a situação econômica da nossa região era muito crítica, muito brava mesmo e o que mais contribuiu para isso acho que foi o desinteresse do aluno também, né? Porque tem um aqui que é professor hoje, que ele se formou, ele fez mecânica, mas tinha um colega meu também que nós terminamos juntos, eu terminei de me formar com a mulher dele e ele foi terminar no ano seguinte porque ele foi reprovado no Exame de Admissão e tiveram várias, viu? É porque, de imediato, assim, eu não sei, mas tiveram vários que foram reprovados. Esses que foram reprovados no ano seguinte prosseguiram, tentavam de novo e conseguiam, pelo menos até onde eu sei eles conseguiram, só que um ano depois de mim. Se eu não me engano, eu fui o primeiro ano do Ginásio Industrial, porque antes era escola artesanal e tiveram alguns aqui que se antecederam e fizeram o Ginásio incluindo a escola artesanal porque todo esse pessoal que nós fizemos juntos, quando foram se aposentar, contou o período de dois anos de marcenaria e mecânica, contou para aposentadoria.

Apesar de tudo, eu achei um ponto negativo não ser preciso mais fazer o Exame para poder ir para o Ginásio. Eu acho que deveria prosseguir isso, mas.... Porque era uma retrospectiva de tudo que você já havia estudado, para ver se você, realmente, estava preparado para enfrentar o 1º grau, o 2º grau, por exemplo, e acabaram isso. Fica de bolo porque, aliás, na minha opinião, na minha modesta opinião, eu acho que caiu muito o ensinamento do país, caiu muito! Você vê por aí um cara formado, olha, outro dia um cara aqui na Giasa, formado, engenheiro, rrsrsrs...disse: Araújo, 9x8 quanto é?! Eu digo: Oh, doutor! Por favor, né? Por favor! O cara é engenheiro...72, doutor. Então você ver por aí, médico formado de bolo, prédio caindo... Tudo isso eu acho uma deficiência muito grande! E eu só atribuo isso aí a essas coisas, a decadência do ensino. Eu achei muito.... Na época, você estudava para aprender, realmente. O José, que é advogado hoje, ele é muito elogiado, esse cara aí, ele é meu amigo até hoje, ele vive em Recife. É elogiado por todo mundo porque o cara é cobra na área, ele é bom, ele conhece praticamente o país todo. Os de hoje, os advogados de hoje, é um monte de fracos, sabe? Eu não concordo, eu achava antes muito mais rigoroso e mais eficiente.

Fui muito bom relembrar esse tempo, muito bom! Eu gosto, apesar de não lembrar muita coisa, mas eu gostei. É muito bom e, infelizmente, é um tempo que não volta mais.

#### **4.2 Monólogo sobre minha infância e o Exame de Admissão ao Ginásio**

**Figura 11-** Prof. Zenaide César de Mendonça



**Fonte:** Dados da pesquisa

Meu nome é Zenaide César de Mendonça. Sou professora aposentada. Nasci no dia 23 do seis de 1949, na cidade de Pedras de Fogo (PB). Não nasci em maternidade. Nasci na minha residência, na minha casa. A minha formação é... Conclui o terceiro grau em licenciatura de História na faculdade de Goiana (PE). E estudei o Primário em uma escola em Itambé, a Escola Arruda Câmara. Naquela época que eu estudei no Arruda Câmara, eu fiz o jardim da infância e era tudo padronizado. Um chapeuzinho na cabeça feito a Chapeuzinho Vermelho, mas era branco com o nome e uma sacolinha, que era para levar o lanche, com o nome da pessoa, que era o meu nome, Zenaide. Eu comecei lá no jardim de infância. Sim! Usava uma gravatinha... bem lindinha...saia plissada e... Agora, aí era azul marinho, saia plissada azul marinho, blusa branca e com a gravatinha azul. Esse era o jardim da infância.

Na escola, era um sistema mais rígido do que hoje. A gente tinha uma recreação e, também na recreação, a gente tinha uma merenda. E a estrutura era... No caso, hoje é toda reformada, mas, como a escola é uma escola de referência, é um patrimônio histórico da nossa cidade, pois foi a primeira escola do Ensino Infantil e primeiro grau menor. O Arruda Câmara é uma referência em nossa cidade e é muito antigo. Uma das primeiras. E a estrutura é como um patrimônio histórico. Ela é toda como se fosse barroca. Ela tem um estilo barroco. Ela era como é hoje. Não mudou a frente porque não pode, pois é padrão histórico. Agora, só existia sala de aula em cima. Não era como hoje, não. Só em cima tinha as salas. Deixa eu lhe dizer... Quando a gente entrava, tinha uns degraus, depois tinha a secretaria de um lado e a diretoria de outro. Um Jardim no meio, uma sala de um lado e outras salas do outro. No final, vinha os banheiros dos meninos e, do outro lado, o banheiro das meninas. Vamos a seguir! Vinha uma partezinha e mais afastado, em ar livre. Não era fechado a sala que funcionava o jardim de infância, tinha uma proteção, mas era ar livre.

Estudei no Arruda Câmara todo o Primário. Todas as séries! Terminei até a quarta série do Primário, porque, naquela época, era até a quarta série. Já o Admissão, eu fiz na escola comercial João Úrsulo, em Pedras de Fogo. A época eu vivenciei. Eu sou uma mulher de 70 anos. Era muito atrasado, e, ao mesmo tempo, era muito rígido. Tinha as normas que eram para ser respeitadas. Que hoje em dia já não respeitam. A gente tinha que ir fardado, tinha que ir completamente fardado. E, se por acaso não fosse com o fardamento completo, ah!!! Voltaríamos. É tanto que já sabia que voltava. E, até eu fazer o meu Magistério, também continuou com este mesmo sistema. Eu fiz o magistério no Colégio Municipal. E era esse mesmo sistema. Tinha uma pessoa na entrada da escola que olhava, e observava. Se eu tivesse com o sapato ou com a meia, qualquer coisa que não era completo do fardamento voltava.

Antigamente, para entrar na sala de aula, se formava, no pátio, eu estou falando da parte do Primário, formava-se, no pátio, a cada turma com seu professor, uma fila das séries e o professor ao lado que era da turma, e cantava o hino nacional, o hino de Pernambuco e cantava.... Nós tínhamos que estar em fila. Quando tocava, a gente já sabia onde era. A gente ficava, cantava o hino nacional e o hino de Pernambuco. Aqui, em Pedras de Fogo, já era o Primário. Eu não fiz o Primário aqui, mas eu ensinei. Cantava o hino da Paraíba, aí eu já estou falando como professora. Cantava o hino nacional, mas não o hino da cidade. Na época, também, as professoras exigiam para gente aprender.

Nós não tínhamos aquela facilidade que hoje tem de ter o material, não é? Doado pelo Governo Federal. Quem pudesse, comprava livro. Quem não pudesse, pedia emprestado um do outro e iria repassando. Era mais rigoroso. Eu acho que se valorizava mais os estudos. Hoje tem muitas oportunidades que, antigamente, nós não tínhamos, porque tinha que estudar, e a gente tinha esse espaço aqui. E se tivesse de ter alguma coisa para crescer era aqui. E eu estudei. E naquela época do Primário, os professores eram rígidos, mas também de cobrar. A rigidez que eu falo é de cobrar do aluno prestar atenção. Fazia uma avaliação para saber se o aluno estava acompanhando direitinho e estava aprendendo, e cobrava também. Fazia atividades para casa, como hoje ainda mandam, né? E isso era muito observado. Um detalhe que eu acho muito interessante é que, na época, existia a tabuada. A tabuada era todo dia. A gente tinha para estudar uma tabuada, que era para somar... multiplicar, por exemplo, todo dia era uma, dois a dois ou três a três... e perguntava. Aquela pessoa, eu fiquei. Aquela pessoa que errava não iria para o recreio.

A entrada da escola Arruda Câmara, que tem aqueles degraus, tem um espaço lá. Naquele espaço, ficava uma fila e a professora ficava junto da gente. Ela mandava a gente estudar antes. Na hora, ela perguntava. Aquela pessoa que acertasse, iria para o recreio. E aquele que não acertasse ficava ali mesmo, até tocar para se recolher e voltar para sala de aula. Eu fiquei. Eu era tão estudiosa, para não dizer o contrário. Eu ainda peguei a fase da palmatória, em uma escola particular. Eu, antes de ir para o jardim da infância, que, na época, não tinha o jardim da infância no Arruda Câmara, tinha uma escola, e tinha umas mesinhas e uns banquinhos e, se a gente não soubesse ler o alfabeto, as vogais, porque tinha que começar assim, as vogais, o alfabeto, e depois formava as sílabas que formava a palavra. Quando a gente não sabia, olha! A palmatória. Em Matemática, também, mas isso foi antes de eu ir para o jardim da infância. No Arruda, não adotava essa...

No Arruda Câmara era só no intervalo e não era no jardim da infância. Isso aí já era o período em que eu estava na primeira ou segunda série. Não foi no jardim. No Jardim, era tudo

criança pequena. Apesar que eu fui tão péssima aluna que eu repeti tanto no jardim, que os meninos todos saíram e eu ficava, saía e eu ficava. Olha, desse tamanho, crescendo, grande. Uma professora do jardim de infância colocou uma escola particular do lado da casa dela, que tinha uma garagem enorme, e ela pegou colocou uma escola particular, como um reforço. Então minha mãe fez assim: Tá “medõe”, você não vai sair do jardim da infância não? Você está tão grande, os meninos passam e você fica, os meninos passam e você fica. Eu me lembro de uma piada de Zé Lezinho que diz que ficou tanto tempo na sala que, quando viu... alguém dizia: “você estudou com meu pai!” A mesma coisa aconteceu comigo, rrsrsr... E eu só saí do jardim da infância para ir para o Primário porque eu tive reforço. Senão, ainda estava lá, kkkkk....

Terminei o meu Primário todinho no Arruda. Lá no Arruda só tinha Primário. Até a quarta série. Foi quando teve o Exame de Admissão. Que era no Comercial. A Escola Comercial, no caso, em Itambé, não existia ainda o Ginásio. Eu estou falando do Ginásio. Em Itambé, não existia o Colégio Municipal. A Escola Comercial é um patrimônio histórico. Foi a primeira que teve Ginásio, aqui em Pedras de Fogo, e muita gente de Itambé estudou aqui. Depois, eu não sei quantos anos foi que construíram o Colégio Municipal e adotaram o Ginásio e o Magistério. Foi a primeira escola do ensino médio, foi a escola de Pedras de Fogo que é o João Úrsulo. É uma escola histórica. Um Patrimônio Histórico da humanidade.

Era chamada de Escola Comercial, depois passou para João Úrsulo, porque, no caso, aquela escola comercial era uma entidade formada pelo juiz de Direito da cidade, que achou de bem fazer a escola comercial, aí foi quando estadualizou e ficou João Úrsulo, Escola Estadual João Úrsulo. Agora, já não sei como é... Agora, é Escola de Referência porque é integral.

No Primário, eu estudei várias disciplinas e, na Matemática do Primário, era cobrado mais números, era somar, multiplicar, dividir... Tinha pouca fração. Apesar de ter esse assunto no livro. Você sabe demais que nem tudo que está no livro o professor dá. E você tem que acompanhar a turma, não adianta você pegar e fazer um planejamento, eu digo porque eu já fui vice-diretora muitos anos, e fazer um planejamento, conteúdos riquíssimos e você que já sabe a realidade que você já é professor daquela escola e já sabe a realidade da clientela daquela escola, que não pega, não adianta. Só se a gente fizer, eu acho assim, um planejamento de acordo com o alunado porque, primeiramente, a primeira semana de aula é uma avaliação, o que o professor faz para ver o nível que o aluno pode atingir para depois fazer o planejamento, eu não vou fazer um planejamento antecipado sem conhecer meus alunos, não é? Essa é a minha maneira de ser.

O Exame de Admissão ao Ginásio eu fiz a inscrição no comercial. Fiz o Admissão lá e fiz a inscrição também. Aproximadamente, eu realizei o Exame de Admissão em 1964. As



disciplinas que eram cobradas nesse Exame de Admissão eram: Matemática, Português, Geografia e História, História do Brasil. A geral já era diferente, já era uma série mais adiantada, pelo amor de Deus! A História do Brasil, eu já achava muito! O curso de Licenciatura plena que eu fiz, meu Jesus, eu sofri muito e eu fiz logo de História, imagina... História medieval, a contemporânea, oh, meu Deus! As provas do Exame de Admissão eram realizadas em dias separados. Se fosse tudo num dia só... só um super didato... cada dia era uma disciplina. O tempo já era atrasado, tu imagina fazer tudo num dia só, Português, Matemática e etc... Era cada dia uma.

Quem aplicava era uma professora mesmo da escola que iria entrar. Já era da escola, já era da entidade, não era de fora, como se fosse João Pessoa ou Itambé... Era da entidade da escola, que já ensinava ali no Comercial. Eu e meus colegas nos preparávamos para fazer o Exame de Admissão ao Ginásio individualmente. Cada um estudava por si. Estudava em casa. Eu era estudiosa... que só Jesus na causa! Antigamente, não existia essa parte de grupo não, se usou uns tempos atrás, mas, na minha época, não existia. A gente formar uma turma para estudar, não, cada um era por si. Cada um estudasse em casa. A gente recebia as questões para a gente estudar, e a gente estudava e caía algumas.

Para estudar, a única coisa que eu tinha era um livro que era emprestado. Eu estudava por ele. Ela dizia as questões e a gente já ia se preparar para o Admissão e cada um tinha que procurar adquirir o livro, ninguém poderia estar sem esse livro, porque ninguém poderia dar a ninguém, dar a outro não. Cada um tinha que ter o seu livro. Meu pai não comprou o livro. Eu pedi emprestado. Na época, era tudo com dificuldade e, para o meu pai e minha mãe, naquela época, eles me davam muito valor, principalmente, minha mãe, porque a nossa mãe é quem mais se preocupa com os estudos. Ele não colocava obstáculo nenhum, inclusive, ao contrário, naquela época, minha irmã mais velha, a primogênita, que hoje é viva, ele botou ela em Goiana, que era um internato e as grandes pessoas aqui de senhores de Engenho todos se formaram, fizeram o Ginásio lá em Goiana no internato de freiras. Ela era interna e só vinha de pouco tempo, assim, para visitar a família, mas meu pai pagava, era particular e, na época, só quem poderia botar era quem tinha condições e o meu pai tinha condições e não fez objeção nenhuma e minha mãe disse bote ela interna lá e ele custeou os estudos dela.

Esse livro era um livro resumido. Era um livro só com essas matérias, muito resumido. Não era como hoje que a gente tem separadamente todo conteúdo. O nosso era um livro só, eu sei que era grosso, mas quantas matérias. Era para a preparação para entrar no Ginásio. Agora, a gente fazia o ano todo, viu? A gente estudava Admissão o ano todo. Se eu passei, eu estudei o ano todo o Admissão. Depois que eu estudei o Admissão e passei, eu também não repeti, esse

aí já chegou ao bom, melhor, eu não repeti, então fui para o primeiro ano ginásial na Escola Comercial João Úrsulo.

A gente tinha todas as regras. Todas as normas como hoje existem, e nós respeitávamos. Os alunos respeitavam os nossos professores e a gente fazia as coisas que eles mandavam direitinho, de acordo. Aqueles que eram interessados faziam e aqueles que não eram interessados, como hoje que tem uns que nem se importam, na minha época mesmo, não estudaram, não se formaram, deixaram. Isso aí é normal em qualquer tempo. Não era só na minha época de 1964, mas os professores eram muito, assim, de amizade com alunado. Mas todo momento e toda a vida quem trabalha no coletivo tem alguns que dão trabalho. Isso aí não se mudou não. Agora, hoje está demais! A gente respeitava os nossos professores como se fossem nossa segunda mãe! Era um respeito que, quando ele dizia: converse aí não, quem está conversando? A gente calava, está entendendo? Hoje não! Eu mesmo, lá naquele João Úrsulo, eu bati no birô que era até de...de como é? Madeira não. Daquele ferro que quando eu fiz assim... Bati! Se calaram. Porque eu entrei e não deram nem cartas a mim, eu, como vice-diretora, porque a professora não dominou e aí vai para onde? Para direção, então a direção é quem vai quebrar os galhos. Quando chegamos lá, estão todos sacudindo papelzinho e eu: Minha gente.... tô chegando! Mas nem parecia. Então quando eu cheguei no birô eu fiz Pimmmmm! Aí calou-se. Quer dizer, naquela época se tinha um respeito demais com professor. Professor era a segunda pessoa de casa, era a mãe em casa e eles eram na escola. Era muito diferente! Muito mesmo! Só quem não queria estudar, não estudava, mas não desrespeitava o professor, era muito difícil, viu? Muito difícil!

Eu, toda vida, eu não fui muito de estudar. E eu tive dificuldade. Eu não vou dizer que foi fácil para mim porque eu nunca gostei de estudar. Eu... é diferente das minhas outras irmãs. Eu vou comparar mais com minha irmã. Minha irmã toda vida gostou de estudar, e ela é muito bem preparada, e eu nunca gostei, nunca gostei. Achei difícil o Exame de Admissão! Dificílimo, difiiicílimo! Dizer a verdade, né?! Quando eu via que estava se aproximando o dia da prova, eu ficava ansiosa, muito ansiosa, porque, já que eu não sabia, eu não tinha aquele gosto de estudar, e estava nas minhas mãos, que era decisão de passar no Admissão para seguir o Ginásio, então foi preocupante, muito preocupante! Eu tive que me envolver e pedir ajuda a minha irmã porque o negócio estava ruim para mim. Porque também tinha faixa etária e na minha faixa etária, eu tinha que passar no Admissão de todo jeito. E, agora, está pior, viu? Porque passa sem saber. Pelo menos eu. Eu passei sabendo. E eu preocupada, meu Deus, meu Deus, meu Deus! Mas eu pedi socorro a minha irmã.

Era dada uma importância muito grande ao Exame de Admissão ao Ginásio. Ah, Ave Maria! Mas minha mãe era quem mais se preocupava. Minha mãe ficava preocupada demais. Ela me pegava mesmo no pé e dizia: Vai estudar! Vai ser já a prova, vai estudar! Se preocupava muito. E os professores cobravam também. Cobravam e diziam mais: Cuidado na vida! Se não estudar, viu?! Não passa, aí vocês vão deixar o Admissão de novo para repetir. Eu ficava temerosa porque eu não queria repetir mais não. Porque eu repeti tanto no Jardim de Infância, que eu fiquei com trauma. Aí eu digo não! Essa vez eu vou fazer uma vez só. E eu fiz uma vez e passei. E daí em diante. Eu não repeti não. Agora, na faculdade, fiquei devendo tanta matéria no meio do mundo que bênça-te Deus!

Naquela época, tudo era difícil. E a gente tinha aquele recurso nas mãos, aquela oportunidade, e a gente tinha também o apoio dos pais, isso era importantíssimo, porque a nossa turma, que estudava na época, eram pessoas que tinham os pais preocupados. Hoje em dia tem essa tal da Bolsa Família. E hoje não é preocupação, é para ir para a escola para ganhar a bolsa família, e nas escolas vai os técnicos para pegar os resultados daqueles meninos. Para saber se frequentam, porque corta a bolsa família, como já aconteceu lá no João Úrsulo. Vai o técnico fazer o levantamento da frequência e quando corta ficam arretadas.

Para mim, o Exame de Admissão foi difícil! Porque, naquela época, tudo era mais difícil. Para a gente aprender, eu, principalmente, porque eu já estou dizendo a você de minha parte. Outras pessoas não. Porque tem pessoas que tinham um gosto de estudar, gostavam de estudar e facilitava, lógico, quando a pessoa gosta e se dedica. Tinha meninas que tiravam notas boas. Já veio com respaldo do primário. Com as notas muito boas. Eu passei arrastando, mas passei. Mas tem gente que passou com notas boas, já tinha um preparo, já tinha um conteúdo preparado para enfrentar as provas de Admissão. Eu não! Eu tive dificuldade por isso, porque eu não vou dizer que fui uma aluna exemplar e intelectual! Eu não gostava.

Na prova, eu sei que caiu fração. Oh coisa ruim é a fração... Ave Maria! Não sei porque eu não gostei de Matemática. Finalmente, eu não gostava de nada! Olhe, entrava Matemática, para mim era coisa pior da vida. E a tal dessa fração, e também, deixa eu me lembrar de uma coisa que caiu na época, M.M.C! Era... o que me prejudicou assim o que eu mais tive dificuldade, fração e esse M.M.C.

Eu não me lembro de ninguém que reprovou no Exame de Admissão. Eu me lembro que desistiram. Quando viram o negócio, conteúdo que era uma preparação e tal, aí desistiram, caiu fora. Todos que fizeram, todos que eu me lembro, todos que fizeram o Admissão comigo passaram, todos. Quanto aos que desistiram, acho que é o normal. De ter muitas pessoas que não dá, que não tem aptidão, não tem interesse de estudar, de aprender, só

quer estar de vida boa, dormir até tarde, sem compromisso de ir para escola. Isso aí acontece. Pode ser também por ter dificuldade. Eu tive dificuldade porque eu não era uma aluna exemplar. Eu pedi ajuda, eu tinha ajuda, mas quantas pessoas que, em casa, não tem?! Naquela época, era difícil. Hoje em dia você ainda vê pessoas que não sabem escrever seu nome, hoje em dia! Que tem o EJA, tem tudo no mundo. Toda programação. Nem assinar o nome, criatura de Deus! Imagina naquela época, a formação da Educação. Porque a formação da educação é doméstica, é de casa. Minha mãe dava um valor imenso à educação. Tanto que hoje somos todas professoras. E, naquela época só era professor mesmo, viu? Porque não tinha outra profissão. Era só professor. E a gente deu graças a Deus, porque, na época que eu fiz o Ginásio e eu terminei o Ginásio, eu tive a opção, porque já tinha o Municipal com o Magistério, aí nós, nós irmãs, a irmandade, foi todo mundo para o colégio municipal, porque estudaram todas também lá no Arruda, o primário foi feito no Arruda. Porque no Arruda, eu digo a você, o Arruda é um patrimônio histórico que tinha na cidade. E aqui, em Pedras de Fogo, não tinha, depois foi que veio a comercial com primário e depois com Ginásio e depois do ensino médio. Mas o Arruda Câmara era único. Só tinha a escola mesmo, o Arruda Câmara, em Itambé só tinha aquela escola. E era até o primário.

Quanto a não ser mais obrigatório fazer o Exame de Admissão para ingressar no Ginásio, se eu for falar na vivência atual, olhe, só posso dizer uma coisa a você, que eu já peguei essa época quando eu era vice-diretora, só em um aluno não ser reprovado... Isso aí já é um erro. A gente não pode reprovar um aluno? E aí? Na minha época, tinha esse Admissão para você estudar, para se preparar para entrar no Ginásio, e só passava se tivesse a nota que era cinco, que hoje em dia é 7.

Antes, a média era melhor ainda! Por isso que eu passei. Mas você também tinha que ter um suporte de casa, como hoje é a mesma coisa. O povo diz assim: Vou colocar meu filho para aprender e quando chega na escola é esculhambando. Dizem que a professora é para ensinar e educar, que a professora é para ensinar tudo. Não! É uma junção, e em casa é o principal. Por exemplo, eu vou cobrar de você um muito obrigada e um bom dia e um boa tarde, se você não teve essa educação em casa? Muitas vezes, meu marido faz assim: Mas Naide, eu fiz um negócio para um rapaz ou para uma moça, liguei para saber como estava a mãe ou a irmã e ela não me deu nem muito obrigada. Eu digo: Meu filho, a educação é doméstica, ela não teve educação doméstica. Isso aí não é na escola que aprende. Eu fiz esse Admissão. Era muito difícil! Muito difícil. A pessoa ter um apoio em casa, né? Ter dúvida e não saber a quem recorrer, como eu tinha minhas dúvidas e eu tinha minha irmã que era mais adiantada do que eu e ela era muito estudiosa e eu era um fracasso. Então eu me apeguei a minha irmã, ela me

ensinou e tirou minhas dúvidas, mas essas pessoas que eu estou dizendo a você que desistiram, pode haver esse problema de ter o conteúdo para estudar e não ter condições de... Nem tem ninguém para ensinar porque tem muitos na época, tem muitos pais que eram analfabetos de pai e mãe, não sabiam escrever, não sabiam nem o que era uma bola, o que era "o". Então, isso também dificultou muito. Hoje ainda existe. Imagina naquela época que era tudo difícil, não tinha nada de material didático, não tinha nada. A gente tinha que pedir emprestado e um passava para outro. E eu estava com o meu emprestado, aí a outra dizia: Quando tu terminar, eu já quero, eu vou fazer o Admissão e quero teu livro. Eu digo: Então, fale com a dona porque não é meu não, já dizia o nome, pronto. Mas houve muita dificuldade, muita dificuldade.

Graças a Deus eu tive educação doméstica, minha mãe deu educação a gente, mas nem todo mundo teve e não tem hoje em dia porque meu esposo trabalhou na secretaria lá do João Úrsulo a noite, né? Aí ele dizia que o aluno chegava pedindo as coisas, aí chegava e não dava boa noite. Ele, como teve uma criação totalmente diferente, ele estudou também em escola internado no Americano Batista, em Recife, de frade, que era rígido, era quatro missas por dia. e eu sei que ele teve uma essência de educação muito rigorosa porque minha irmã também teve que era um internato de freiras e dele só frades. Eu não. A minha educação a minha mãe, minha irmã mais velha que hoje tem 82 anos, graças a Deus meus irmãos são todos vivos e terminou o Ginásio no internato. Mas nem todo mundo tem essa maneira e essa oportunidade de educar seus filhos, ao contrário, O que é que muitos pais diziam, como eu vejo, muitas mães diziam, você não sabe escrever o seu nome por quê? Porque meu pai dizia que a escola, a minha escola era a enxada, era eu ir para roça. Eu já vi isso demais, demais! Vai fazer a matrícula e assina com o dedo. Eu digo, oxente, a senhora não sabe assinar por quê? Não, não sei ler. Eu digo: Por que não estudou? Aí diz: depois de velha? Eu nova, eu queria estudar, meu pai dizia que a minha escola era enxada e dava enxada a gente. Quer dizer, olha a cultura! Olha a cultura... Aí essa criança vai ter o quê? A mesma cultura que a mãe foi criada. Não é isso? Tem essa bendita Bolsa Família que o povo quer o dinheiro e, agora, com esse Estatuto da Educação que tem que passar, não pode ser reprovado.

Estar falando desse tempo do Exame, isso é uma coisa maravilhosa... É meu tempo... Aquele tempo que a gente dava valor, aquele tempo que a gente sabia respeitar o professor, que era nosso mestre, chamava assim, mestre! Era o nosso mestre. Que ensinou muita coisa boa para gente. Por isso que hoje eu sou aposentada. Eu tive também a oportunidade de fazer o curso superior que, também, na época que eu fiz, era muito difícil, mas eu fiz em Goiana com a estrada que não era asfalto e ainda bem que, naquela época, não tinha violência porque a Rural

se quebrava no meio da estrada de noite, mas não tinha violência, a gente nunca foi assaltado e nada só chegava com as pernas meladas de barro, mas tranquilo. A gente teve os nossos momentos de querer desistir, quando eu estava na faculdade, eu tive momentos de pensar em desistir porque foi na fase em que meu filho adoeceu e fez nove cirurgias, e eu tive que trancar, aí trancava, voltava, mas tudo isso com meu, minha criação e minha formação que isso aí minha mãe me deu e as outras todas se formando e eu, não, eu vou me formar e eu terminei o curso superior casada já mãe de dois filhos.

Para mim, foi uma vitória! Para mim, foi uma vitória porque eu comecei do grosso, eu comecei da época muito difícil, da época que não tinha facilidade, de uma época de recursos poucos que se davam aos alunos, mas a gente cresceu, eu me realizei, me formei como professora no Magistério e ainda fiz faculdade. Para mim, é uma grande, uma grande recordação maravilhosa que eu tive agora. Recordar esses momentos do Admissão até o ensino universitário.

#### 4.3 Monólogo sobre minhas lembranças do Exame de Admissão ao Ginásio

**Figura 12-** Prof. Osvaldo de Matos e Silva



**Fonte:** Dados da pesquisa

Eu me chamo Osvaldo de Matos Silva, sou professor de História, eu tenho hoje 56 anos, vou fazer 57. E eu tenho uma experiência no Magistério longa, porque, quando eu comecei a

ensinar, eu tinha 17 anos. É tanto que eu lembro que, naquele momento, eu não podia sequer assinar os documentos, porque eu era de menor. E a escola onde eu comecei a ensinar era o Colégio Municipal, hoje chamado Colégio Municipal Professor Nivaldo Xavier de Araújo. E eu me lembro bem que meu pai tinha uma oficina mecânica e meu pagamento saía como professor, como se meu pai tivesse prestado serviços para o município, então, no final do mês, meu pai ia lá na prefeitura, pegava os documentos dele, porque o meu não podia, e, então, a partir do valor das aulas que eu recebia, ele assinava um documento de que eu tinha prestado serviço para a prefeitura.

No ano seguinte, na metade do ano seguinte, eu já passei a receber normalmente. Minha carreira começou muito jovem. Eu era, praticamente, um menino e isso me lembra um pouco a minha infância, porque, quando a gente era da escola pública, eu sempre fui aluno de escola pública, a não ser, no curso superior, que eu estudei na escola privada, mas eu me lembro que a gente não saía de um nível de ensino, direto para o outro, por exemplo, sair do Primário para o Ginásio, como se chamava na época, e do Ginásio para o 2º grau que hoje a gente chama de Ensino Médio, porque havia, durante a década de 60 e começo da década de 70, um programa do governo estadual e federal chamado Admissão ao Ginásio. Então, o que era o Admissão ao Ginásio? Você tinha que provar certas capacidades na área de Matemática e Língua Portuguesa. Hoje eu não lembro mais se a gente tinha História, Geografia e, se tinha, o peso era muito menor em relação a Português e Matemática. E observe que essa política de observar o desempenho tanto em Matemática quanto em Português, ela permanece até hoje. Você pega qualquer exame de escola pública hoje, seja do governo do estado, seja do governo municipal, seja do governo federal, para avaliar o nível de desempenho dos estudantes, que a prioridade é exatamente comunicação, expressão e Matemática. E eu me lembro que a gente passava todo o Primário com os pais e os professores o tempo todo na cabeça da gente dizendo: estude, porque senão você não chega no Ginásio, você não entra no Ginásio. E, então, a gente estudava. Tinha várias características que é bom ressaltar. Diferente de hoje. Primeiro, a gente não tinha salas, naquele momento, super lotadas como nós temos hoje. Eu fui aluno do Arruda Câmara. Estudei da educação infantil, que, antigamente, chamava de jardim de infância, até a quarta série no Arruda Câmara. E as salas não chegavam a 30 meninos.

As professoras tinham uma dedicação quase que individualizada com as crianças. Hoje você pega sala de 30, 35, 40 alunos que são, em sua grande maioria, de famílias desestruturadas e que o professor tem essa dificuldade de acompanhar. E outra coisa também, a própria formação do professor hoje é muito diferente da formação de antigamente. As professoras da minha infância elas eram, praticamente, mães da gente e muito severas. Eu não sou da época

da palmatória nem dos castigos físicos, isso era muito anterior a mim, mas sou de uma época em que os alunos viam no professor a continuação da figura do pai e da mãe. A escola era quase como um templo religioso para a gente. Hoje os alunos são mais à vontade, eu diria até que são livres demais. A análise que eu faço hoje é que a escola era muito tradicional em um determinado momento e depois ela virou muito aberta. Então, eu acho, assim, que nem tanto ao céu, nem tanto ao mar. Saímos de uma escola ultra tradicional para uma escola ultraliberal e perdemos a questão da qualidade, do “controle” sobre a condução dos meninos.

Voltando ao Exame, então, terminávamos o Primário e a gente, me lembro bem, que, automaticamente, íamos na escola seguinte fazer a matrícula. A pré-matrícula não era a inscrição. Não era nem a matrícula. Eu estudava no Arruda Câmara. O Arruda Câmara hoje não tem mais o Primário, mas tem até o Ensino médio. Na minha época, nos anos 70, o Arruda Câmara era exclusivamente a escola da educação infantil e primário. Então, saía do Arruda Câmara como se saísse do Liceu Paraibano. A escola primava muito porque, quanto mais alunos entrasse no Ginásio, que, na época era a quinta série, só tinha duas escolas com o Ginásio, que era o Colégio Municipal de Itambé e, o antigo Ginásio Industrial, que hoje a gente chama de Escola Frei Orlando, onde eu trabalho hoje e o Colégio Municipal de Itambé. Então, nós tínhamos essa coisa de sair do Arruda Câmara e ir direto para essa seleção. No caso, o meu foi uma seleção estadual, porque meus pais optaram por uma escola estadual, que era o antigo Industrial. E a gente se preparava. Estudava em casa. A escola dava um papelzinho com os assuntos que deveria estudar e, de fato, eu não lembro que tinha outras disciplinas além de Matemática e Português, essas eu me lembro bem! Que era a base. Ficaram mais marcadas.

O programa de Admissão era uma prova que a gente fazia em alguns dias, por exemplo, eu sou de 1962. Comecei o Primário em 1967. Então, estudei 1967, 1968, 1969, 1970. Então, em 1971, eu teria que ir para o Ginásio. Então, em fevereiro de 1971, eu tinha que passar por uma bateria de exames, e passados os exames, automaticamente, entrava na quinta série, que era o primeiro ano ginásial, como se dizia na época. Em casa, tinha que passar, a fala era essa.

O Arruda Câmara era uma escola muito tradicional. E tradicional não só do ponto de vista do ensino, mas tradicional também pela clientela. A escola Arruda Câmara era uma escola super tradicional no município, no estado de Pernambuco. E o Colégio Municipal era como se fosse uma sequência de tradição no município. O Colégio Municipal nunca foi da rede estadual. Então, conseguir uma vaga no Colégio Municipal de Itambé era muito difícil, porque era assim, existia uma elite. Como toda sociedade tem elite, na minha infância, também tinha, a elite do Colégio Municipal. A elite da escola Arruda Câmara. E essas escolas parece que se juntavam, porque saía do Arruda Câmara e iria direto para o Municipal com esse Exame de Admissão.



Mas também tinha o Estado. Então, como eu era do Estado e não sei...eu hoje eu não sei, eu nunca perguntei isso a meus pais, mas eu entendo que eles optaram para me colocar no Industrial. Não só eu, como os outros irmãos, no Industrial, porque lá se aprendia uma profissão.

Nós tínhamos a marcenaria e a mecânica, eu odiava os dois. A marcenaria, ela me dava problema respiratório, eu ficava agoniado com aquele pó de serra. E o Colégio Municipal era um colégio, assim... vamos dizer, assim, de classe A. Então, a gente vê que houve uma opção, inclusive, de classe, hoje eu vejo isso claramente, em me colocar no Industrial. Inclusive, tudo no Municipal, hoje eu brinco muito, assim, quando eu falo sobre esse passado, quando eu estou em sala de aula, dando uma palestra, eu digo sempre assim, que o Colégio Municipal era a Rede Globo e nós que não éramos do Municipal, SBT. Na pior das hipóteses, com aquelas novelas mexicanas. Então, quem estudava no Municipal, até por uma questão física, o Colégio Municipal sempre foi no mesmo lugar que é hoje e atrás dele era o Ginásio Industrial. Então, era nitidamente um colégio de cozinha do Colégio Municipal. Agora, em que é que nós do Industrial éramos melhores do que o Colégio Municipal? Em comportamento, em aprendizagem, em respeito aos professores.

No desfile de 7 de setembro, que era muito em voga na época do regime militar, o Colégio Industrial, Ginásio Industrial era exemplo em todos os sentidos, porque nós éramos, rigorosamente, disciplinados. O Colégio Municipal não. Era um colégio mais festivo, mais arrumado, com as meninas mais bonitas. A classe média alta de Itambé era de lá do Municipal. O Exame, por conta disso, também no Municipal era mais complicado. Porque os pais das classes mais humildes já se desenganavam. Já direcionavam os seus filhos para o antigo Industrial. Não é que era mais difícil, porque o Exame era o mesmo. O nível era o mesmo. Eu tenho a impressão de que o livro era nacional, porque todo mundo tinha esse livro de Admissão ao Ginásio. A questão é o seguinte: os pais, pelo menos acho que com os meus aconteceu isso, que eram muito pobres em relação aos que tinham filhos no Municipal, eles achavam que a gente iria se sentir melhor no colégio mais humilde, vamos dizer assim. No colégio mais humilde não, no colégio com crianças da mesma condição social que nós.

No Arruda Câmara, sempre foi, ainda hoje é um pouco assim. Uma nata de meninos de famílias privilegiadas. E eu estudava no Arruda Câmara. Meus irmãos a grande maioria foi de lá. E como eu sempre fui muito dedicado aos estudos, então eu gozava de um certo trânsito no Arruda Câmara pela minha desenvoltura, pela forma de fazer os trabalhos, de estar sempre na escola, os professores serem chegados a mim. Mas eu me lembro de ter tido poucos colegas de classe no Arruda Câmara. Na hora do recreio, era visível como meninos de família melhor financeiramente se juntavam e a gente ficava de lado. Outra coisa: era uma época em que as

meninas recreavam de um lado e os meninos do outro da escola. Então, do lado direito do Arruda Câmara, era o recreio das meninas e, do lado de cá, o recreio dos meninos. Então, em nenhuma hipótese, as meninas brincavam com os meninos no recreio, nos anos 70. Para você ver como a escola era seletiva, como a escola tinha essa preocupação com o gênero. E outra coisa, nada de professor sentado em sala de professor na hora do intervalo. O professor ficava no recreio observando tudo. O professor entrava na escola e só se livrava da escola, de fato, quando saía.

Para mim, o Exame de Admissão não foi ruim, porque, como eu adorava estudar, então, na minha cabeça de menino, eu tinha certeza que eu ia passar. Eu já fui sabendo que eu ia passar. Mas eu tive problema com meu irmão. Meu irmão, que hoje ele mora em Mata Redonda, sempre foi um menino, assim, que não entrava na escola, que ia para o colégio Arruda Câmara e, quando chegava lá, ficava jogando bola de gude na frente. Hoje nós temos uma biblioteca ali, mas não tinha na época. Aquilo era o Cristo redentor e uns bancos, assim, soltos e um grande campo onde o pessoal jogava bola, depois fizeram um parque de diversão fixo para as crianças. Meu irmão, raramente, entrava na escola. Era visível que ele não ia passar. Ele era mais velho que eu, e estava em uma série à frente da minha, por exemplo, eu era da segunda, ele era da terceira, eu era da quarta, ele era da quinta.

Ele já estava para fazer o Exame de Admissão, mas ele não era aprovado, porque não entrava na escola. Eu lembro disso, que ele apanhava muito em casa, porque ele não estudava e não era aprovado nem no Primário. Então, como o Exame de Admissão era uma espécie de vestibular, então, já se sabia lá em casa, eu escutava essa conversa: Osvaldo vai passar e você não vai sair desse lugar! E essa fala está muito na minha cabeça hoje. Então, isso tudo revela duas coisas para mim hoje. Eu, já com mais de 50 anos, já aposentado em uma das redes de ensino, que o estudo era altamente seletivo, não só do ponto de vista do conteúdo, mas do ponto de vista das classes sociais, eu não alcancei isso, quando eu fui para o Municipal, já fui em 76, que eu passei 77, eu terminei de estudar em 76, 77, 78 e 79 foi minha formatura do Ensino médio, antigo segundo grau. E eu me lembro muito bem que meu pai tinha um carnê onde se pagava uma taxa à prefeitura para os meus irmãos estudarem no Colégio Municipal, quando saíam do Ginásio para ir para o Segundo Grau. Minha irmã mesmo fez o Magistério e havia um carnê, quer dizer, a escola não era pública, universal e gratuita. Hoje é, hoje tem uma diferença. Hoje é pública, universal e gratuita e quase sem qualidade. Antigamente, não era pública, não era universal e gratuita, mas saía sabendo! E se você pegar os professores aqui de Itambé e eu fui professor de muitos deles, a grande maioria dos que ainda estão em sala de aula hoje se fizeram na educação, porque acompanharam e foram submetidos a esse processo, de fato, de

rigor, disciplina, de horário e cumprimento do dever. E as famílias, por exemplo, meu pai e minha mãe, não concluíram o Fundamental. Minha mãe não chegou a fazer a sexta série e meu pai não terminou nem a quinta série, mas era um rigor. Eu estudava de manhã, chegava em casa, almoçava, eu não me lembro, talvez dormisse um pouco de tarde e depois minha mãe: Na mesa, ninguém saía sem fazer o dever não.

Hoje é passada a atividade e nem na sala quer fazer, quem dirá fazer em casa. Mas eu quero lembrar, também, de uma coisa importante que faz parte da História da Educação e dessa história de gênero e dessa história do tratamento das classes sociais na escola. Eu tinha uma professora muito querida que eu gostava demais. E eu me lembro que eu era completamente apaixonado por ela e menino tem essa coisa com a professora do Primário, não é? E eu adorava ela. E ela me ensinava de manhã, mas ela também dava aula de tarde. Hoje eu não sei porque era de tarde. Eu morava muito próximo da escola, eu estudava de manhã, mas sempre que podia eu estava de tarde na escola. Quando eu chegava, ela fazia uma festa, me apresentava aos outros meninos. E, no aniversário dela, eu me lembro que minha mãe comprou três sabonetes lux, me lembro como se fosse hoje, é tanto que uso lux até hoje. Minha mãe fez um pacotinho, enrolou, eu lembro... com uma fitinha, umas fitinhas que, antigamente, até se colocava para enfeitar o trabalho, para amarrar o trabalho. E as professoras davam aquela capa colorida a gente com a fitinha. E eu levei o sabonete para o colégio dentro da bolsa. E essa imagem não vou esquecer nunca. Quando eu cheguei na sala, dia do professor, aquela festa, a sala toda enfeitada. O Arruda Câmara era uma escola super tradicional, as festas de lá pareciam festa de criança que fazem hoje, particulares, e eu não dei o meu presente porque eu fiquei com vergonha, porque eram tantas caixas, era cada pacote, porque, na minha classe, estudavam os meninos de classe média, então, eu assim, eu não quis dar o presente.

Eu não disse nada. Eu não disse nada a ela, mas eu me senti humilhado do presente. Foi. Botei na bolsa, fiquei na festa com todo mundo, a professora sempre ligada a mim, mas eu me lembro bem, quando cheguei em casa, minha mãe quis pegar o caderno pra ver as tarefas, ela viu o pacote, os três sabonetes com papel celofane, aquele papelzinho transparente que ela botou os três, deu um lacinho, minha mãe era muito jeitosa com essas coisas, e mandou entregar e eu não quis entregar, aí quando ela perguntou o que foi que houve que eu não tinha entregue, aí eu contei que estava com vergonha, e ela me fez vestir a roupa e foi comigo na casa da professora levar. Ela dizia: Você só pode dar isso, sua professora adora você e você vai levar, agora, lá comigo e eu vou dizer a ela que você não entregou porque estava com vergonha. Quer dizer, eu fui fruto desse ambiente tanto escolar como familiar, então, quando eu vejo hoje assim esse

descaso, os meninos dizem o que querem com os professores, então, eu fico muito triste assim, eu digo mesmo que não sou um professor para essa geração de hoje.

O professor era quase uma divindade. A professora, que era diretora da escola e que hoje é a prefeita da cidade, e eu digo sempre, digo até na entrevista que eu tive muitos problemas com o esposo dela a vida inteira, que eu fui pra... que eu fiz faculdade de História, era muito rebelde. Era passeata, era protesto, era tudo, mas ela que foi minha professora de História e era diretora do colégio do Admissão, muito rigorosa, mas ela sempre teve um carinho muito grande por mim. Eu tinha problema com o marido dela que era prefeito e eu era rebelde, jovem, né? Estudante de História. Mas ela nunca, em momento algum, foi indiferente comigo, é tanto que eu me tornei secretário de educação quando ela virou prefeita. Mas onde eu quero chegar? A escola mudou muito, mas existia uma pressão muito grande em casa porque tinha que passar, porque não passar no Exame de Admissão era uma vergonha para a família e a diretora mandava chamar os pais para saber, para mostrar, olhe, está vendo a nota do seu filho? Por isso que ele não passou no Municipal, ou não passou no Admissão no Industrial. Agora, em termo de prova não, eu digo que a prova era rigorosa nos dois, o que havia era: No municipal, uma coisa mais de classe social e no Industrial também, os mais humildes e de família mais simples eram praticamente forçados a levarem para o Industrial e os outros já sabiam direto que iriam para o Municipal e passavam.

Quanto ao meu irmão, eu prossegui nos estudos, eu hoje tenho 57 anos, ele tem 59, dois anos de diferença, e meu irmão ficou para trás, inclusive, isso é uma tristeza na casa da gente, porque todos os meus irmãos, todos, tiveram acesso à escolaridade, até o Ensino Médio. Outros seguiram a carreira militar, outros têm curso superior como eu, são professores, outros fizeram curso de belas artes, moram em Salvador e este meu irmão é o único que sequer terminou o Ensino Médio. E isso eu me lembro bem. Não sei que motivo era que levou ele a isso. Penso também que a separação dos meus pais, a gente criança, marcou muito ele, talvez mais do que a mim. É porque isso marca muito as crianças, não é? E eu prossegui nos estudos e ele foi ficando para trás.

Quando ele terminou o Primário, já não havia mais Exame de Admissão, tanto que ele foi para o Ginásio, mas só fez concluir o Ginásio. Esse aqui demorou muito a terminar o Primário. Digamos que eu tivesse na sétima série, ele agora estava terminando a quarta série primária. Então, quando ele foi para o Ginásio, já foi automaticamente, porque o Exame de Admissão já estava em extinção, porque a LDB de 1971 foi que tirou. Ele se atrasou tanto na primeira fase do ensino fundamental que ele não conseguiu, ele foi para o Ginásio

automaticamente. O acesso do Primário para o Ginásio já era direto, mesmo assim ele não conseguiu, ele só concluiu a oitava série.

Ao terminar o Primário, com a declaraçãozinha, que terminou, fazia a inscrição ou no Municipal ou no Industrial. O Colégio Municipal, da rede municipal, e o Industrial, da rede estadual. E, na inscrição, a mãe recebia uma coisinha, acho que mimeografado ou a mão, não sei, dizendo quais eram os assuntos que tinha que estudar e o livro que tinha que comprar para fazer aquele estudo, para se preparar para a prova. E eu me lembro bem do dia da prova que era um dia de absoluta tensão, então: Amanhã, é a prova de Admissão! Então, por exemplo, o colégio Industrial vai abrir... por exemplo, 70 vagas. E o Municipal mais 70. Só que, no Arruda Câmara e nas outras escolas primárias, tanto de Pedras de Fogo, como de Itambé, saíam 200 pessoas, 160... E esse povo ficava para trás, porque só tinha vaga para aqueles. E os outros aguardavam para entrar no outro ano. Dependia da nota de classificação.

Os que tinham as melhores notas eram os que iriam preencher as vagas, tanto no município, quanto no estado. Agora, vale lembrar que não eram provas no mesmo dia, nem na mesma hora, não. O Estado fazia sua seleção e o Município fazia a sua. Tanto é que muita gente não conseguia passar no Municipal, tentava depois no Frei Orlando e vice-versa. Mas geralmente era assim. A Segunda época era quando o aluno não era aprovado em qualquer nível de qualquer série e ele ia fazer os exames de segunda época. Primeira época era para os alunos bons, né? Passou em primeira época, em segunda época, os alunos que poderiam ser reprovados, mas iriam para recuperação.

Ou seja, a partir daí, o sistema começou a perceber que era preciso dar chances, chances, chances, para não deixar tanta gente para trás porque estava os alunos ficando de fora, porque hoje só não estuda praticamente quem não quer, porque tem carro para buscar, tem tudo! Se não for buscar a criança, o Ministério Público está em cima.

O livro eu já tinha. Que era de outros meus irmãos. O livro de Admissão ao Ginásio era uma espécie de Bíblia Sagrada. Por mais humilde que fosse a pessoa, tinha que ter, porque você sabia que, em um determinado momento da vida dos seus filhos, você iria precisar dele. Daí, eu me lembro bem que o do meu era bem novinho. Por que era novinho? Porque minha mãe encapava e, quando terminava o ano, colocava outra capa para passar para outro filho e, quando não passava, por exemplo, vou lhe dar um exemplo, esse meu irmão que não conseguiu me acompanhar, apesar de ele ter sido uma série além da minha, porque ele era mais velho do que eu. Mas o que é que acontecia? Quando eu fiz o Admissão, que passei que fui para quinta série, que era o primeiro ano colegial que chamava, ou era ginásial, o livro ficou com meu irmão estudando para se preparar para um dia que ele fosse... só que, quando ele foi, ele se atrasou

tanto no Primário que não tinha mais. E o livro hoje é uma raridade. Um dia desses postaram no facebook, quem é dessa época? Eu sei que todo mundo comentou e eu comentei. Um livro grosso de capa dura e era assim, mas eu apesar de tudo, a gente tem saudades daquela época, pelo rigor que a Educação era tratada. Então, o fardamento, o tratamento com os professores, o silêncio quase que absoluto em sala de aula, que hoje a gente tem mais liberdade de falar, de ter a expressão da gente, mas muitos não sabem, a grande maioria, usar essa liberdade de expressão.

Eu não sentia medo do Exame de Admissão porque eu tinha certeza que eu passava. Eu era muito ansioso. Percebia nos colegas esse medo, principalmente, naqueles mais, daquelas famílias mais endinheiradas, que, apesar de achá-los inteligentes, mas assim, eles não ligavam para os estudos como outros mais humildes, não só eu, mas outros na sala se dedicavam mais aos estudos também porque os pais cobravam tanto, porque o futuro da gente dependia daquilo e daqueles meninos não dependia tanto como o nosso. Então, eu não sentia eles assim seguros não, e é tanto que eu me lembro de uma coisa tão interessante que quando fazia trabalho de equipe, trabalho de pesquisa, trabalho de dupla, eles diziam: eu quero ir para equipe de Osvaldo, ou quero ir pra equipe de Maria, ou pra equipe dessas meninas, esse pessoal mais que eles notavam que eram destaques em sala de aula. Agora, eu nunca tive problema nisso não, agora, eu sentia a pressão, mas, para mim, era uma coisa normal que os pais tinham que fazer. Mas, assim, meu irmão sofreu isso e, talvez, como ele não tinha a dedicação que eu tinha, então ele hoje é a única pessoa da minha casa que não conseguiu se quer terminar os estudos. Mas ele fez o Ginásio, ele só não fez o 2º grau.

O Exame de Admissão era difícil. Pelo o que eu me lembro, era um apanhado de tudo que a gente aprendeu no Primário. E eu sei que era uma prova longa, que eu passei a manhã toda. Para você ter ideia, minha mãe, quando foi me levar para fazer o Exame de Admissão, eu levei lancheira. Porque ficava longo e não saía não. Pegou a prova, só sai quando terminar. E eu me lembro bem de minha lancheira azul, tinha um patinho e a alça branca, um patinho e a garrafa que vinha dentro da lancheira, como uma bolsa. Tinham um botão. E eu me lembro que era o lanche que eu gostava, que era o suco de laranja e pão com manteiga e queijo nem pensar! Devia ser pão com manteiga ou pão com ovo, não sei. E eu me lembro que a professora, na hora da prova, permitia que a gente parasse um pouquinho para lanchar, mas ninguém saía da sala. Eu me lembro que quem aplicava a prova eram os futuros professores da gente.

Nas Provas de Matemática, eram cobrados basicamente as quatro operações. Era muito tradicional, as quatro operações e, sobretudo, muitos problemas de Matemática para resolver. Joãozinho ganhou 300 bolas de festa do seu tio, com o vento, 12 bolas furaram, quantas bolas

ficaram? Eram coisas desse tipo. Agora, predominava na prova mesmo, ter que fazer as quatro operações, tirar a prova dos nove, que a gente tinha que fazer aquele  $x$  assim... dos lados, eu odiava, porque eu sempre fui uma pessoa muito ligada à Língua Portuguesa, História, essa área mais de humanas, Matemática eu sempre fui um aluno muito medíocre. Até hoje eu digo, quando eu vejo meus professores de Matemática, eles dizem: ah, você foi um aluno maravilhoso! Eu devo ter sido um aluno maravilhoso em comportamento, em atenção, mas eu sei o quanto eu fui um aluno fraco em Matemática e eu sempre digo: todos os meus professores me passaram, até no Ensino médio no Municipal, porque, assim, eu olhava para Matemática e dizia: Meu Deus do céu! Para quê aquelas  $x$ , “ $x$ ”, eu não entendia aquilo.

Logaritmo, me lembro de P.A e P.G, progressão geométrica e aritmética. Era uma tortura para mim! Agora, Português, eu me lembro, no segundo grau no Municipal, que eu ajudava a professora a corrigir as provas, imagina eu, aluno, ajudar dona Ivonete a dar o visto nas provas. Tinha facilidade. Em Matemática, se eu tiver dois mais dois, ainda hoje ainda vou para máquina para saber se é quatro realmente. Eu não sou da área de exatas. Por que é que a Matemática não é feita, não é tida pelo aluno como uma coisa prazerosa? Porque eu tenho a impressão hoje, já no fim da carreira e já velhote, que é muito mais fácil, deve ser muito mais fácil aprender Matemática do que aprender, por exemplo, História, porque Matemática é aquilo mesmo em qualquer lugar do mundo.

Mas, por exemplo, você pega um problema de Matemática, se você souber a fórmula, você vai longe, né? Mas se você vai, por exemplo, tratar da Revolução Francesa, você tem um conjunto de informações de vários autores diferentes, com várias interpretações daquele fato para chegar a um ponto. Matemática não é assim, e eu não consigo até hoje. Então, eu digo sempre, fui exposto a excelentes professores, mas eu acho que hoje a imagem que eu tenho é que não havia naqueles professores, pelo menos para mim, didática na Matemática, porque cada disciplina, ela precisa ter uma metodologia. Um jeito próprio. Não se dá uma aula de História como se dá uma aula de Geografia. Não se dá uma aula de Geografia como se dá uma aula de Química, Física ou Biologia. Então, isso eu sentia a dificuldade e não conseguia entender o porquê daquilo, e como toda vida eu fui muito sincero eu dizia, mas por quê? Eu não estou entendendo não. E eu sou assim até hoje. Então, se ninguém me explicar o que é e para quê é, não me interessa. Eu quero saber o que estou fazendo e, para mim, eu não sabia o que era aquilo, aquela  $x$ ,  $x$ ”...

A minha dificuldade maior com a Matemática é a partir do Ginásio e muito mais no Ensino Médio. No Primário, era o básico. As quatro operações, os problemas, frações que caíam demais,  $2/3$ ,  $1/5$ ,  $1/8$ ,  $1/10$ , então, eu lembro bem disso, até ficava as bolinhas para gente pintar

um terço de uma laranja e tal, era básico. A impressão que eu tenho é que eram 10 questões de cada disciplina no Exame de Admissão porque demorou muito. A gente passou a manhã todinha. E, outra coisa, as provas era um dia de uma matéria e um dia de outra. A minha turma não fez a prova no mesmo dia não, eram separadas. Eu não tenho lembrança que era tudo num dia não, porque eu lembro que eu fui mais de uma vez com minha mãe para o colégio para fazer e, quando saiu o resultado... aí como é que sabia? A diretora dizia o dia que sairia o resultado e pregava na parede o nome das pessoas aprovadas.

Nós íamos para casa. A mãe feliz da vida, né? Aí já efetuava a matrícula. No ano letivo começava. Outra coisa que eu lembro também dessa época, hoje praticamente não tem férias, se deixar a gente dorme no ano novo e fica na escola, mas eu me lembro que as aulas começavam no final de fevereiro para o começo de março. No São João, a gente parava, ficava um mês em casa e em novembro encerrava o ano letivo, até porque a LDB exigia 180 dias letivos. A LDB de 1971. E a gente aprendia. Não era assim de estar exposto ao colégio todo dia que levava a gente aprender não, a gente aprendia porque realmente tinha obrigação de estudar.

Na quarta série, lembro bem que, na quarta série, no segundo semestre, eles usavam muito revisão, revisão, revisão, alertando a gente do que poderia cair na prova do Admissão que iríamos fazer em fevereiro, entendeu? E os professores perguntavam: Os pais de vocês já foram fazer inscrição de vocês? A diretora, que era uma diretora gloriosa, passava na sala, de sala em sala e deixava os bilhetinhos, que eu me lembro muito de levar os bilhetinhos para entregar a mãe em casa lembrando essa questão. Afinal, era uma pressão, meu amigo, psicológica. Sobre a família, principalmente, e sobre nós, no ponto de vista dos estudos.

Eu não lembro por nome quem reprovou no Exame de Admissão, mas sei que, na turma que eu fiz, nem todos passaram. E as crianças choravam. Me lembro bem quando as mães iam olhar a lista na escola e o nome do menino não estava. Eu me lembro até de mãe que puxava o menino pela orelha, pegando pelo braço. Eu me lembro, porque era assim, passar no Exame de Admissão ao Ginásio significava dizer que era um bom aluno, que teve sucesso. Era fundamental. Passar era fundamental. Era o acesso à continuidade aos estudos. Então você só iria continuar se passasse no Exame de Admissão.

Não passar era um fracasso, ou seja, ficava subentendido para a escola que o aluno está saindo e, para a escola que ele pretendia ingressar, que a família não cuidava bem da educação daquela criança, entendeu? Era um atestado de que as crianças não foram bem, porque os pais negligenciaram a educação. E não era verdade. Tinha muito a ver com a própria criança, com a aptidão, por exemplo, até hoje se você me perguntar como foi que eu passei, porque é que eu passei? Eu acho que eu passei mais por conta de Português. Devo ter feito uma prova boa de



Matemática, mas não devo ter atingido a quantidade de pontos como eu consegui na de português.

Sei que nem todos passaram. Os que passaram da minha sala foram alguns que permaneceram comigo até o Ginásio e outros nunca mais eu soube deles, muitos foram embora daqui, mas não era todo mundo que passava não. E outra coisa, nem podia passar todo mundo por causa do número de vagas limitadas. Digamos que tivesse, por exemplo, 30 vagas, e eu tivesse 30 alunos que tiraram 9,3, quem tirou 9 ficava de fora porque não tinha tirado nota suficiente. Era altamente seletivo.

Quanto a não ter mais o Exame para poder ingressar no Ginásio, eu achei o seguinte, que o fim do regime do Exame de Admissão ao Ginásio significou o momento de modernização da educação brasileira, porque o ensino público tem que ser universal, gratuito e de qualidade, mas esse é um conceito mais recente. Então, acabar com o Exame de Admissão ao Ginásio representa a ideia do Ministério da Educação de abrir a escola para todos, naquele primeiro momento. Só que a análise que eu faço é, abriu-se e a escola para todos, mas negligenciou-se a qualidade dessa educação. Então, você vê. É incrível como o ser humano não sabe escrever. Os professores não sabem escrever. Eu tenho um pânico quando eu vejo algumas postagens de professores que não sabem escrever palavras corriqueiras e um professor, mesmo que ele ensine inglês, ele tem que se expressar bem na sua língua materna. Como montar as questões, como elaborar um enunciado e não só isso, o desprezo à caligrafia, nós tínhamos cadernos de caligrafia. É raro um aluno da minha geração que a letra se não fosse linda, que era uma letra de privilégio para poucas pessoas, mas a letra tinha que ser legível. Você não poderia escrever para outra pessoa como se fosse aqueles túmulos dos egípcios antigos, você tinha que escrever para que a pessoa entendesse, seja uma carta, seja um bilhete, seja inteligível, que você veja o que é que o outro está escrevendo. Então, havia essa preocupação que não há mais. Eu recebo alunos na biblioteca do Frei Orlando hoje que escreve uns garranchos, no Ensino Médio, e não articulam as ideias, não sabem escrever.

Para mim, esse momento de falar sobre o Exame foi um momento inusitado, porque eu nunca achei que, na minha vida, um dia alguém iria perguntar sobre esse Exame de Admissão ao Ginásio. Até porque faz tempo, faz tantos anos que se passou, que qualquer geração mais jovem hoje não tem conhecimento disso. Então, para mim, foi extremamente prazeroso, primeiro porque mexe com as minhas lembranças, segundo porque faz eu voltar ao meu passado de menino e terceiro, faz eu ver que a educação brasileira era de uma perspectiva muito rígida e tradicional, ela evoluiu para uma mais liberal, positiva, muito embora com esses defeitos. Porque eu sou uma pessoa assim, apesar de ser...viver nesse mundo de hoje, mas eu

defendo muito o que é certo no tradicional e o que é útil e necessário no moderno. Eu nem posso dizer que eu me adapto a tudo o que é moderno porque eu estou sempre com o pé lá no Admissão, no Industrial, no Arruda Câmara. Eu, quando vejo um aluno gritando palavrão no corredor da escola, para mim, é absolutamente inusitado e eu fico angustiada com aquilo. Quando chegam na biblioteca falando alto e eu dou duro lá, nem sempre obtenho êxito, mas assim, é como se eu quisesse resgatar aquilo que sem aquilo, para mim a educação, não funciona bem, porque a educação não é para disciplinar os corpos? Não é para disciplinar comportamentos? Fazer você ter posturas positivas diante da vida? Então, como é que pode ser uma educação que tudo pode? Os alunos chegam a hora que querem, saem à hora que querem, dizem o que querem. Dia de prova, faltar? A gente faltar uma prova era como se tivesse faltado um exame médico, hoje falta uma prova a gente tem que ir atrás para perguntar quando é que ele quer fazer, então, isso não dá certo, né? Então, para mim, está sendo um momento muito rico porque uma coisa é você está ouvindo eu falar, como ouviu outros professores, ex-estudantes do Admissão ao Ginásio, outra coisa é você ter sido esse estudante e contar a experiência, né? Pois essa impressão que eu tive, talvez, outro que teve, que passou junto comigo não teve essa mesma impressão. Agora, porque, talvez, tenha acontecido isso comigo porque eu virei professor. Então, como eu virei professor, essa memória é muito viva para mim, se eu tivesse, talvez, sido outra coisa, talvez, isso não tivesse nem marcado tanto. Porque eu tenho alunos, amigos que foram do Admissão Ginásio, todos! A maioria se tornaram professores. Aquele livro mesmo, e a tabuada que vinha junto dentro do livro. Então, para mim foi um momento muito importante e assim... Poder, em vida, contar a experiência que eu vivi para mim riquíssima, importantíssima. Eu não gostaria que tivesse hoje o Exame de Admissão ao Ginásio, mas eu gostaria que houvesse mais rigor na educação, rigor no sentido de que, primeiro, nem todos podem ser professores.

## 5 TECENDO VOZES E SIGNIFICADOS...

No período de 1930 a 1971, ocorreram fatos muito marcantes no âmbito educacional, econômico e social do país, e o Exame de Admissão é um desses acontecimentos históricos que marcou gerações e deixou marcas consideráveis nas memórias daqueles que passaram por este processo seletivo. Podemos verificar, a partir dos relatos dos colaboradores da pesquisa, lembranças sobre diversos pontos da época analisada, dentre eles, podemos citar, as relações entre professores e alunos, os discursos que perpassavam de uns para os outros, as expectativas quanto ao Exame, seus conteúdos matemáticos, a importância da família na educação de seus filhos, as regras e normas estabelecidas nas instituições escolares e tantos outros aspectos, que só a História Oral nos permite conhecer.

Desse modo, procuramos, aqui, contar aquilo que ouvimos de nossos depoentes sobre suas memórias e experiências de uma época marcante em suas vidas e de grandes e significativas contribuições para nossa pesquisa, colocando em evidência falas que nos relatam muito do que queremos conhecer sobre o Exame de Admissão ao Ginásio.

Nossos depoentes falam dessa experiência com muito zelo e esmero, pois, como nos relatam, esse período deixou fortes lembranças em suas vidas. Em suas falas, podemos notar que eles vivenciaram um período em que a escola era tradicionalmente rígida, recheada de regras e de um ensino formalista. Passar no Exame de Admissão significava mais do que uma oportunidade para ingressar no Ginásio, significava dar orgulho aos seus pais, professores e familiares, tratava-se de provar para as pessoas que sua família não fracassou na sua educação, como se pode ver no relato abaixo:

Me lembro bem quando as mães iam olhar a lista na escola e o nome do menino não estava. Eu me lembro até de mãe que puxava o menino pela orelha, pegando pelo braço. Eu me lembro porque era assim, passar no Exame de Admissão ao Ginásio significava dizer que era um bom aluno, que teve sucesso. Era fundamental. Passar era fundamental. Era o acesso à continuidade aos estudos. Então, você só iria continuar se passasse no Exame de Admissão. Não passar era um fracasso, ou seja, ficava subentendido, para a escola, que o aluno está saindo e, para a escola que ele pretendia ingressar, que a família não cuidava bem da educação daquela criança, entendeu? Era um atestado de que as crianças não foram bem, porque os pais negligenciaram a educação. (Oswaldo de Matos, colaborador da pesquisa, 2019).

Na visão do colaborador Oswaldo de Matos, esta era uma percepção das pessoas da época quanto a não ser aprovado no Exame. Logo, podemos perceber que as crianças tinham seus conhecimentos mensurados a partir de uma nota, assim como acontecem nos processos seletivos até hoje, em que, segundo Foucault (2004), esses exames tratam de fazer de cada indivíduo um caso, o exame com suas técnicas e procedimentos trata de mensurar, comparar e

medir as capacidades e conhecimentos de cada indivíduo e, assim, os colocam como objetos que podem ser descritos e mensurados a partir de uma nota, logo, este mesmo exame diz quais são as posições que cada indivíduo deve ocupar na sociedade. Ainda segundo a perspectiva de Foucault (2004), os indivíduos tornam-se um caso quando se torna necessário serem treinados, “retreinados”, classificados, normalizados e excluídos. E não é isso que acontecia nos Exames de Admissão ao Ginásio? Exame que perdurou, durante décadas, como único meio de acesso ao Ensino Ginásial.

O Exame de Admissão, de certa forma, ajudou a mascarar a falta de Educação para todos. A partir do momento em que foram estabelecidos os vários decretos por meio do Ministério da Saúde e Educação no Brasil, surge, então, um Exame altamente classificatório e seletivo, como uma barreira para a continuidade aos estudos. Pinto (2004) e Valente (2001) ressaltam bem que o Exame de Admissão ao Ginásio funcionou, durante muitos anos, como um empecilho para aqueles que pretendiam ingressar no Ginásio. No entanto, para a população, esse Exame surgia como uma maneira eficaz de garantir uma educação de qualidade, pois os candidatos ao Ginásio deveriam mostrar estar aptos a ingressar na primeira série ginásial e mostrar ter as habilidades e conhecimentos exigidos e, só assim, poderiam dar continuidade a sua vida escolar. Muitos deles nem imaginariam o tamanho do desafio que estavam prestes a enfrentar.

Vejamos, abaixo, parte do depoimento de um dos colaboradores:

Quando eu fiz o Admissão durante o ano todo, aí realmente eu ficava ansioso, só eu não, todos os colegas. Eu ficava ansioso, eu sei que eu passei por um milagre também, mas é... Agora, o meu caso também sempre foi financeiro porque fui criado sozinho praticamente, jogado, família desajustada também e eu tive que batalhar para conseguir alguma coisa, eu fazia carrinho de menino, fazia tudo e consegui me sobressair. Agora eu não sabia o tamanho do desafio que eu estava enfrentando não, sabia não, de verdade. (Severino Araújo, colaborador da pesquisa, 2019).

Na fala de Severino Araújo, podemos observar que o mesmo considera que passar no Exame de Admissão foi um milagre, ele ressaltava, também, sua ansiedade quanto ao processo de seleção e as dificuldades que teve que enfrentar para se sobressair e conseguir a sua aprovação. Em uma época em que as diferenças sociais eram tão alarmantes, tornava-se essencial aproveitar a oportunidade de estudar e, assim, mudar a realidade daquelas famílias menos favorecidas. A colaboradora Zenaide destaca, em uma de suas falas, a importância dada ao Exame de Admissão por seus pais e professores:

Era dada uma importância muito grande ao Exame de Admissão ao Ginásio. Ah, Ave Maria! Mas minha mãe era quem mais se preocupava. Minha mãe ficava preocupada demais. Ela me pegava mesmo no pé e dizia: Vai estudar! Vai ser já a prova, vai estudar! Se preocupava muito. E os professores cobravam também. Cobravam e diziam mais: Cuidado na vida! Se não estudar, viu?! Não passa, aí vocês vão deixar o

Admissão de novo para repetir. Eu ficava temerosa porque eu não queria repetir mais não. Porque eu repeti tanto no Jardim de Infância, que eu fiquei com trauma. Aí eu digo não! Essa vez eu vou fazer uma vez só. E eu fiz uma vez e passei. (Zenaide Mendonça, colaboradora da pesquisa, 2019).

Passar no Exame de Admissão significava corresponder às expectativas dos pais, amigos e familiares, significava ter as habilidades necessárias para ingressar no Ginásio, era a garantia de uma vaga na primeira série ginásial. Podemos observar, nas falas de nossos depoentes, uma referência a este tempo, como um período dedicado a muito estudo e muita tensão, pois aquele processo seletivo determinava quem continuaria ou não os estudos, mas, também, em todas as falas, podemos observar que nossos depoentes alegam ter adquirido uma aprendizagem significativa que contribuiu para que todos eles chegassem onde estão hoje como profissionais.

Quanto às provas do Exame de Admissão ao Ginásio, o colaborador Severino Araújo ressalta que, na prova, eram cobrados os conteúdos trabalhados durante o Primário. Logo, tratava-se de uma revisão dos conteúdos vistos durante as séries anteriores:

No fim do ano de 1963 que fizemos uma prova que era a recapitulação do Primário indo para o ano do Admissão que... Eu passei também com a nota mínima, mas foi uma sorte muito grande! Se eu não tivesse passado, não teria estudado mais. Passei e pronto, comecei em 1964 o primeiro ano ginásial, 1965, 1966, 1967, os quatro anos do ginásio, aí pronto foi quando eu fui para o Rio. (Severino Araújo, colaborador da pesquisa, 2019)

Esta fala de nosso depoente reafirma o que observamos nas normatizações referentes à prova do Exame de Admissão ao Ginásio. Esse Exame deveria conter os conteúdos estudados durante todo o Ensino Primário e, para a aprovação nas provas, o candidato deveria alcançar a nota mínima e suficiente para classificação no Exame.

O colaborador Osvaldo nos traz um pouco sobre como funcionava esse processo seletivo, reafirmando, assim, as informações que foram possíveis coletar por meio de pesquisas bibliográficas. No fim de sua fala, podemos observar o quanto era importante para os pais daqueles alunos, candidatos ao Admissão da época, a aprovação no Exame:

O programa de Admissão era uma prova que a gente fazia em alguns dias, por exemplo, eu sou de 1962. Comecei o Primário em 1967. Então, estudei 1967, 1968, 1969, 1970. Então, em 1971, eu teria que ir para o Ginásio. Então, em fevereiro de 1971 eu tinha que passar por uma bateria de exames, e passados os exames, automaticamente, entrava na quinta série, que era o primeiro ano ginásial, como se dizia na época. Em casa, tinha que passar, a fala era essa. (Osvaldo de Matos, colaborador da pesquisa, 2019)

A escola, durante muitos anos, seguiu um modelo rígido de condutas e comportamentos. Podemos observar, em todas as falas dos colaboradores, vestígios de uma educação recheada de tradicionalismo, regras e disciplina. Notamos o papel do professor de manter a ordem e

garantir que aquelas crianças estavam sendo disciplinadas e treinadas segundo os interesses de um sistema controlador e extremamente seletivo. Vemos, então, a escola como uma instituição disciplinar que, de acordo com Foucault (1986), é o lugar onde, cada vez mais, será aguçada uma comparação constante de cada indivíduo com todos e o exame é o mecanismo pelo qual esta comparação é realizada nas instituições disciplinares. No relato do colaborador Osvaldo de Matos, podemos ver como essa comparação e seleção ocorriam no Exame de Admissão. Não bastaria serem aprovados nas provas, os candidatos deveriam ter nota suficiente para ser classificado:

E eu me lembro bem do dia da prova que era um dia de absoluta tensão, então: Amanhã, é a prova de Admissão! Então, por exemplo, o colégio Industrial vai abrir... por exemplo, 70 vagas. E o Municipal mais 70. Só que no Arruda Câmara e nas outras escolas primárias, tanto de Pedras de Fogo, como de Itambé, saíam 200 pessoas, 160... E esse povo ficava para trás, porque só tinha vaga para aqueles. E os outros aguardavam para entrar no outro ano. Dependia da nota de classificação. Os que tinham as melhores notas eram os que iriam preencher as vagas, tanto no Município, quanto no Estado. (Osvaldo de Matos, colaborador da pesquisa, 2019).

A Educação é um mecanismo de controle pelo qual o sistema trata de manter as rédeas dos sujeitos e, por meio dela, estabelecem formas de disciplinar estes sujeitos, de maneira que correspondam aos interesses desse sistema, portanto, a Educação tem a função de formar cidadãos submissos e conscientes de seu papel nesse processo de hierarquização. Segundo as concepções de Foucault (2004), a escola é o lugar onde as comparações entre os indivíduos está constantemente presente e o exame é a maneira mais eficaz de realizar essa comparação e, assim, controlar, selecionar e excluir sem considerar suas particularidades:

A gente tem saudades daquela época, pelo rigor que a Educação era tratada. Então, o fardamento, o tratamento com os professores, o silêncio quase que absoluto em sala de aula, que hoje a gente tem mais liberdade de falar, de ter a expressão da gente, mas muitos não sabem, a grande maioria, usar essa liberdade de expressão. (Osvaldo de Matos, colaborador da pesquisa, 2019)

Segundo os relatos dos nossos colaboradores, os professores eram uma extensão da figura do pai e da mãe. Podemos perceber, em suas falas, o quanto os professores prezavam pelo silêncio em sala de aula. A colaboradora Zenaide traz, em seu relato uma fala sobre isso: “A gente respeitava os nossos professores como se fossem nossa segunda mãe! Era um respeito que quando ele dizia: converse aí não, quem está conversando? A gente calava, está entendendo?” Esta é uma das características da escola tradicional e que, na época analisada, era predominante. Também podemos observar, nos relatos dos colaboradores, as regras quanto ao fardamento, quanto à entrada na escola, quanto às divisões entre meninos e meninas na hora do

intervalo, as listas extensas de exercícios e tantos outros aspectos referentes a este período que deixou significativas lembranças em cada um de nossos depoentes.

Podemos, ainda, verificar, em seus relatos, vestígios do processo de hierarquização presente nas relações daquela sociedade nesse contexto histórico no qual o Exame de Admissão fez parte, por meio das crenças, dos costumes e dos valores que estão impostos na sociedade, como também por meio de suas relações e discursos, relações que estabelecem quem deve ocupar certo patamar ou status na sociedade, e discursos nos quais podemos constatar expressões pelas quais são selecionados e classificados os bons e os ruins, os inteligentes e os fracos. Discursos e relações que, de certa maneira, são adotados pela sociedade sem muitos esforços, pois fazem parte de seus mundos cheios de ideologias e verdades sobre fatores sociais, econômicos, políticos e educacionais. Podemos perceber o quanto a relação poder x saber se estabelece, de maneira dinâmica, nas instituições disciplinares, dentre elas, a escola.

Quando reproduzimos discursos de seleção e de classificação do outro, seja porque o outro passou em uma prova, ou pelo fato do outro ter uma profissão reconhecida na sociedade, o processo de hierarquização entre os indivíduos passa a existir na cultura daquela sociedade. Quando avaliamos, quando estabelecemos meios pelos quais podemos mensurar os conhecimentos, os saberes e as capacidades dos indivíduos e, a partir de então, determinamos o status que esse deve ocupar na sociedade como consequência de seus resultados nessa forma de mensuração, aí estamos, de fato inseridos nesse processo de hierarquização que aqui tratamos:

Contudo entendamos aqui que para se formalizar um discurso de verdade cuja finalidade é o estabelecimento de do poder disciplinar onde a meta é a eficácia na dominação entre os espaços sociais, não se aposta apenas no código moralista ou legal impositivo, ou seja, para uma equalização funcional de sua aplicação é importante tecer a malha do princípio do poder no seio de uma cultura. (TORRES, 2016, p. 63).

Seria, portanto, inserir na sociedade, de maneira natural, uma cultura na qual as condutas e comportamentos estão tecidos a partir de normas com caráter disciplinar, em que uns exercem o poder sobre outros de maneira eficiente, mas, no entanto, sem chamar atenção, como se faz quando se impõe regras de forma direta. Não seria, portanto, a escola, enquanto instituição disciplinar cheia de normas, disciplinas e exames, uma maneira eficaz de estabelecer quem deve ou não ocupar certos lugares na sociedade? Se tratando do Exame de Admissão, sabemos, a partir das análises das provas e das falas dos colaboradores, que uma boa parte dos candidatos não conseguiram alcançar nota suficiente para passar no Exame e, assim, conseguir sua classificação. Dentre os fatores que mais contribuíam para esta reprovação, podemos citar a quantidade de vagas insuficientes para o número de alunos que saíam do primário, as

dificuldades quanto ao material de estudo, a dificuldade nas provas de Matemática e, também, podemos citar a falta de interesse pela escola por parte de alguns estudantes:

Eu sei que algumas pessoas reprovaram no Exame de Admissão, a situação econômica da nossa região era muito crítica, muito brava mesmo e o que mais contribuiu para isso acho que foi o desinteresse do aluno também, né? Porque tem um aqui que é professor hoje, que ele se formou, ele fez mecânica, mas tinha um colega meu também que nós terminamos juntos, eu terminei de me formar com a mulher dele e ele foi terminar no ano seguinte porque ele foi reprovado no Exame de Admissão e tiveram várias viu, é porque, de imediato, assim, eu não sei, mas tiveram vários que foram reprovados. Esses que foram reprovados no ano seguinte prosseguiram, tentavam de novo e conseguiam, pelo menos até onde eu sei eles conseguiram, só que um ano depois de mim. (Severino Araújo, colaborador da pesquisa, 2019).

Quanto aos que desistiram, acho que é o normal. De ter muitas pessoas que não dá, que não tem aptidão, não tem interesse de estudar, de aprender, só quer estar de vida boa, dormir até tarde, sem compromisso de ir para escola. Isso aí acontece. Pode ser também por ter dificuldade. Eu tive dificuldade porque eu não era uma aluna exemplar. Eu pedi ajuda, eu tinha ajuda, mas quantas pessoas que em casa não tem?! Naquela época, era difícil. (Zenaide Mendonça, colaboradora da pesquisa, 2019).

Sei que nem todos passaram. Os que passaram da minha sala foram alguns que permaneceram comigo até o Ginásio e outros nunca mais eu soube deles, muitos foram embora daqui, mas não era todo mundo que passava não. E outra coisa, nem podia passar todo mundo por causa do número de vagas limitadas. Digamos que tivesse, por exemplo, 30 vagas, e eu tivesse 30 alunos que tiraram 9,3. Quem tirou 9, ficava de fora porque não tinha tirado nota suficiente. Era altamente seletivo. (Osvaldo de Matos, colaborador da pesquisa, 2019).

Nos depoimentos dos nossos entrevistados, podemos observar o que estes consideram como fatores que contribuíram para a reprovação daqueles que não conseguiram a aprovação no Exame de Admissão ao Ginásio. Conforme colocado acima, essas reprovações são atribuídas ao desinteresse do candidato, ao medo do processo que contribuía para evasão escolar e, também, ao número de vagas disponíveis para a primeira série ginásial.

Ainda podemos perceber, na análise das provas de Matemática, que, durante os anos em que esta disciplina tinha caráter eliminatório, muitos alunos não alcançaram a nota suficiente para continuar com os exames. Podemos detectar as dificuldades dos candidatos de responder às questões de expressões numéricas envolvendo frações e números decimais. Sabemos que, até hoje, a maioria dos alunos apresentam muitas dificuldades quando se trata da Matemática, e, principalmente, quando falamos de frações. Na época do Exame, não era diferente, nas provas de Matemática do Exame de Admissão, os candidatos deveriam provar estar aptos para fazer contas, as questões apresentavam expressões extensas, que exigiam do aluno muita atenção e habilidade. Apesar dos treinamentos e das extensas listas de exercícios trabalhadas pelos professores durante o Primário e o ano de Admissão, podemos notar, nas soluções das questões de Matemática, erros quanto à armação das contas na posição dos algarismos e, também, ao



trabalhar com uma grande quantidade de algarismos nos problemas envolvendo valor monetário. Podemos, então, dizer que a Matemática, disciplina considerada como modelo de imparcialidade, acentua essa classificação no processo de hierarquização que surge como efeito desse Exame.

Quanto aos conteúdos que vimos nas provas do Exame de Admissão ao Ginásio e também nos programas de Matemática, foi possível observar que as provas seguiam os programas propostos de cada época analisada e, também, podemos observar, nas falas dos colaboradores, aspectos sobre os conteúdos, as dificuldades e as habilidades que estes alunos apresentavam quanto às provas de Matemática:

Na prova, eu sei que caiu fração. Oh coisa ruim é a fração... Ave Maria! Não sei porque eu não gostei de Matemática. Finalmente eu não gostava de nada! Olhe, entrava Matemática, para mim era coisa pior da vida. E a tal dessa fração, e também, deixa eu me lembrar de uma coisa que caiu na época, M.M.C! Era... o que me prejudicou, assim, o que eu mais tive dificuldade, fração e esse M.M.C. (Zenaide Mendonça, colaboradora da pesquisa, 2019).

No relato da colaboradora Zenaide Mendonça, podemos verificar aquilo que observamos nas análises das provas e na pesquisa bibliográfica quanto aos conteúdos matemáticos que eram mais cobrados tanto no primário quanto nas provas do Exame de Admissão. Esperava-se que os candidatos ao Ensino Ginásial tivessem um bom desenvolvimento em aritmética, por isso as escolas primárias prezavam pelo adestramento nos cálculos. Apesar das diversas mudanças que ocorreram nas provas de Matemática quanto ao número de questões e organização das provas, não foi retirada das provas de Matemática sua função de seletividade expressa, principalmente, pelo adestramento dos alunos na habilidade de fazer contas:

E na época tinha tabuada, tabuada... É o que eu acho também que não deveria ter acabado, eu acho que deveria prosseguir, tabuada é uma coisa essencial porque se eu ficar na dependência de uma máquina, de uma calculadora ou de um celular?! Você pode perguntar qualquer número a mim de multiplicar, até hoje eu sei tudo, tudo, multiplico.  $7 \times 8 = 56$ , sei tudo, tudo, que eu aprendi porque, na época, tinha uma espécie, uma tal de palmatória, era que começava um debate entre os alunos e aquele que não respondesse a resposta correta, por exemplo, é... é...  $20 / 5$ , e assim sucessivamente,  $8 \times 3$  de multiplicar e assim, se não respondesse iria para a palmatória. Eu sei que todos nós que estudávamos, na época, sabíamos fluentemente a matemática. (Severino Araújo, colaborador da pesquisa, 2019).

Nas Provas de Matemática, eram cobrados basicamente as quatro operações. Era muito tradicional, as quatro operações e, sobretudo, muitos problemas de Matemática para resolver. Joãozinho ganhou 300 bolas de festa do seu tio, com o vento, 12 bolas furaram, quantas bolas ficaram? Eram coisas desse tipo. Agora, predominava na prova mesmo, ter que fazer as quatro operações, tirar a prova dos nove, que a gente tinha que fazer aquele  $x$  assim... dos lados, eu odiava, porque eu sempre fui uma pessoa muito ligada à Língua Portuguesa, História, essa área mais de humanas, Matemática

eu sempre fui um aluno muito medíocre. (Osvaldo de Matos, colaborador da pesquisa, 2019).

Podemos afirmar, a partir das análises das provas de Matemática do Exame de Admissão do Colégio de São Paulo e, também, a partir dos depoimentos dos nossos colaboradores, que os conteúdos matemáticos mais utilizados nos Exames foram frações e Unidades de medida, estes aparecem separados e, também, aparecem nas questões que envolvem as operações fundamentais, de maneira a abranger mais de uma habilidade.

É possível encontrar essas evidências também nos manuais que eram destinados para a preparação dos alunos para o Exame de Admissão. Os colaboradores da pesquisa relatam sobre esse manual, e nos relatam, a partir de suas falas, a importância que este livro tinha para cada aluno que estava se preparando para fazer o Exame de Admissão ao Ginásio:

Para estudar, a única coisa que eu tinha era um livro que era emprestado. Eu estudava por ele. Ela dizia as questões e a gente já ia se preparar para o Admissão e cada um tinha que procurar adquirir o livro, ninguém poderia estar sem esse livro, porque ninguém poderia dar a ninguém, dar a outro não. Cada um tinha que ter o seu livro. Meu pai não comprou o livro. Eu pedi emprestado. (Zenaide Mendonça, colaboradora da pesquisa, 2019).

O material que tinha para gente estudar era um livro que parecia uma Bíblia, era dessa grossura, inclusive, papai chiou para comprar porque era caro na época. Eu lamento tanto que perdi esse livro. Ele parecia uma Bíblia, agora não lembro se ele tinha uma capa amarela ou vermelha...uma coisa assim. (Severino Araújo, colaborador da pesquisa, 2019)

O livro de Admissão ao Ginásio era uma espécie de Bíblia Sagrada. Por mais humilde que fosse a pessoa, tinha que ter, porque você sabia que, em um determinado momento da vida dos seus filhos, você iria precisar dele. Daí eu me lembro bem que o meu era bem novinho. Por que era novinho? Porque minha mãe encapava e, quando terminava o ano, colocava outra capa para passar para outro filho. (Osvaldo de Matos, colaborador da pesquisa, 2019).

Podemos observar, nos relatos dos nossos depoentes, que o manual de preparação para o Exame de Admissão era indispensável para aqueles alunos que iriam se submeter ao Exame, pois era através dele que os candidatos eram preparados para os ditados, para o desenvolvimento das habilidades de leitura e para aprender a fazer contas e resolver problemas. Os manuais seguiam os programas propostos para as disciplinas de Português, Matemática, História do Brasil e Geografia. Este manual, apesar de ser o único livro para preparar os alunos para o Admissão, não era disponibilizado pelo governo às escolas, portanto, os pais deveriam comprar o livro para que seus filhos pudessem ter acesso ao material de estudo, no entanto, aqueles que não tinham condições de comprar, pediam emprestado aos outros colegas que já tinham passado pelo mesmo processo.

Quanto a não ser mais obrigatório fazer o Exame de Admissão para ingressar no Ginásio a partir do ano de 1971, nossos colaboradores mostraram significativas reflexões quanto ao nosso Ensino a partir desta mudança. O colaborador Severino Araújo da Silva considera a extinção do Exame de Admissão ao Ginásio como um ponto negativo para a Educação do país, pois, segundo sua perspectiva, quando o Exame era obrigatório, os alunos que saíam do ensino Primário deveriam mostrar estar preparados para ingressar no Ginásio, porque, durante o ano do Admissão, era feita uma revisão de todos os conteúdos estudados durante os quatro anos do Primário. O depoente Severino Araújo destaca, em sua fala, que, talvez, a extinção de um Exame como este pode ter contribuído, de maneira significativa, para os problemas educacionais que nos deparamos hoje nas nossas escolas e na sociedade, “Fica de bolo porque, aliás, na minha opinião, na minha modesta opinião, eu acho que caiu muito o ensinamento do país, caiu muito!” (SEVERINO ARAÚJO, 2019). Para exemplificar melhor sua opinião quanto a isso, ele cita o exemplo de um engenheiro que não possuía os conhecimentos básicos da multiplicação:

Você vê por aí um cara formado, olha, outro dia um cara aqui na Giasa, formado, engenheiro, rrsrrsrs...disse: Araújo,  $9 \times 8$  quanto é?! Eu digo: Oh, doutor! Por favor, né? Por favor! O cara é engenheiro...72, doutor. Então você ver por aí, médico formado de bolo, prédio caindo... Tudo isso eu acho uma deficiência muito grande! E eu só atribuo isso aí a essas coisas, à decadência do ensino (Severino Araújo, colaborador da pesquisa, 2019).

Zenaide Mendonça, também colaboradora da nossa pesquisa, nos apresenta sua reflexão sobre a extinção do Exame de Admissão e fala sobre um tema de grande importância durante todo o processo Educacional e que desperta muitos questionamentos no âmbito escolar, a reprovação, fala sobre sua vivência como vice-diretora e professora de uma escola e as dificuldades enfrentadas para manter a média na quantidade de aprovações, o que contribui para que alunos continuem apresentando significativas deficiências durante toda vida escolar:

Quanto a não ser mais obrigatório fazer o Exame de Admissão para ingressar no Ginásio, se eu for falar na vivência atual, olhe, só posso dizer uma coisa a você, que eu já peguei essa época quando eu era vice-diretora. Só em um aluno não ser reprovado... Isso aí já é um erro. A gente não pode reprovar um aluno? E aí? Na minha época, tinha esse Admissão para você estudar, para se preparar para entrar no Ginásio, e só passava se tivesse a nota que era cinco, que hoje em dia é 7. (Zenaide Mendonça, colaboradora da pesquisa, 2019).

O testemunho desta colaboradora revela a importância dada ao Exame de Admissão e, também, o quanto os pais e a sociedade acreditavam que este processo seletivo poderia garantir que os alunos passassem do Ensino Primário para o Ginásio com os conhecimentos e habilidades inerentes a um aluno que iria ingressar na primeira série ginasial.

O professor Osvaldo de Matos se refere à extinção do Exame de Admissão ao Ginásio como um momento de modernização da Educação brasileira e defende que o ensino público deve ser universal, gratuito e de qualidade e considera que a extinção desse processo altamente seletivo contribuiu, de maneira eficaz, para que todos tivessem acesso à escola, no entanto, “negligenciou-se a qualidade dessa educação”.

Todas as contribuições que tivemos através partir dos arquivos e depoimentos analisados nos deram dados riquíssimos para a nossa pesquisa, pois, a partir dessas análises, tivemos a oportunidade de conhecer, de maneira mais detalhada e descritiva, o Exame de Admissão ao Ginásio, seu significado, suas normas, programas e conteúdos matemáticos. Os depoimentos aqui coletados contribuíram para a elucidação das questões sobre o processo de hierarquização neste processo seletivo, o que não seria possível perceber apenas por meio das análises dos documentos escritos.

Podemos observar, a partir dos dados coletados e analisados, que, durante muitos anos, o Exame de Admissão ao Ginásio estabelecia quais os alunos que estavam aptos ou não a ingressar no Ginásio e, por meio das falas dos nossos depoentes, pudemos conhecer, mesmo que parcialmente, as dificuldades enfrentadas por aqueles que saíam do Primário para o Ginásio e, também, foi possível identificar alguns dos discursos que estavam presentes na sociedade da época, discursos que mostram a importância dada ao Exame e, também, apresentam as expectativas que os pais, amigos e familiares colocavam naquelas crianças que se submetiam a este processo seletivo. Foi possível observar e investigar como as provas de Matemática acentuaram a seleção e o controle existente no exame de Admissão, por meio da análise das falas de nossos depoentes e da análise das provas de Matemática que nos mostraram o grande número de reprovações nesta disciplina e, conseqüentemente, no Exame.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Exame de Admissão ao Ginásio surge em um período de significativas mudanças no contexto político, econômico e educacional do país e, como consequência desse desenvolvimento, surge a grande busca por mão de obra qualificada, o que favoreceu um investimento na Educação e, especificamente no Ensino Secundário, com o propósito de atender as expectativas e as demandas que uma sociedade em desenvolvimento exige.

As propostas inovadoras para a Educação surgem por meio da necessidade de garantir o avanço do processo de modernização do país. Portanto, este período é marcado pela criação de várias reformas no Sistema educacional do Brasil, dentre elas, a Reforma Francisco Campos, que estabeleceu decretos específicos para o Ensino Secundário. Neste período em que esta modalidade de ensino tem uma grande procura e passa a ser o único meio de acesso ao Ensino Superior, o Exame de Admissão ao Ginásio passa a ser obrigatório para o ingresso ao Ginásio em todas as escolas ginásiais do país.

Durante todos os anos em que o Exame de Admissão funcionou como o único meio de acesso ao Ginásio, suas normas, suas provas e programas sofreram várias alterações, mas o que podemos notar, durante nossa pesquisa, é que sua função de seletividade, de comparação, e de exclusão continuou funcionando, de maneira eficaz, sendo, pois, uma barreira para a continuação dos estudos.

Estamos falando de um sistema de provas que, de maneira direta, selecionava, classificava e comparava os candidatos e determinava quem estava apto ou não a cursar a primeira série ginásial e, conseqüentemente, um curso superior.

As análises dos dados da nossa pesquisa nos mostram que, apesar de seu papel seletivo, um outro aspecto pode ser destacado sobre este Exame: sua função de garantir que os alunos candidatos ao Ginásio tivessem os conhecimentos necessários para acompanhar esta etapa de ensino. Podemos observar, nas falas dos depoentes que foram alunos e vivenciaram este processo seletivo, o discurso de que, apesar das dificuldades e desafios que enfrentaram neste período da sua vida escolar, o processo de preparação para o Exame de Admissão contribuiu para a aquisição dos conhecimentos fundamentais, como leitura, escrita, conhecimento da tabuada e das operações fundamentais da Matemática.

Quanto ao nosso objetivo nesta pesquisa, podemos afirmar que, a partir dos dados analisados, foi possível detectar os meios de hierarquização presentes no Exame de Admissão ao Ginásio por meio dos relatos de nossos depoentes que, em algumas falas, nos relatam as comparações e os discursos presentes na sociedade da época analisada que, de maneira

despercebida, estabelecem quem são os inteligentes e quem são os fracos e quais os lugares que cada um deles devem galgar segundo seus sucessos ou fracassos em um sistema de provas.

Quanto à disciplina de Matemática e suas contribuições neste processo de hierarquização, podemos destacar que, ao analisar as provas de Matemática do Exame de Admissão da Escola Estadual de São Paulo, grande parte dos alunos apresentam diversas dificuldades e notas relativamente baixas e considerando que as disciplinas de Português e Matemática tinham caráter eliminatório, estes alunos não poderiam prosseguir nos exames e, assim, ficavam impedidos de ingressar no Ginásio até conseguir em outra oportunidade a aprovação. As dificuldades de aprendizagem em Matemática aparecem, de forma generalizada, nas escolas, em todos os níveis de Ensino. Não só hoje, mas, também, há muito tempo atrás, as causas pelas quais o número de reprovações nessa disciplina é tão alarmante são bases para diversas pesquisas na área da Educação Matemática. Considerada como modelo de imparcialidade, a Matemática, durante décadas, acentua essa classificação e seletividade entre os alunos e, no Exame de Admissão ao Ginásio, não foi diferente.

O ingresso ao Ginásio apenas através do Exame de Admissão marcou um período em que a educação brasileira passou a selecionar quem deveria ter acesso ao ensino Secundário a partir de seus resultados em um conjunto de provas, comparando-os e desconsiderando suas origens, suas diferenças e contextos sociais.

A Matemática exigida no Exame de Admissão ao Ginásio era aquela que evitasse os problemas do tipo quebra-cabeça, ou seja, deveriam ser evitados problemas que exigiam do aluno uma quantidade de tempo para a interpretação e quase nenhum cálculo. Ao resolver as questões de Matemática, os alunos deveriam mostrar ter domínio das operações fundamentais e deveriam mostrar ter a habilidade de fazer contas, portanto, as questões conhecidas como “carroções” apareciam com frequência em todas as provas de Matemática. Nestas questões, os alunos apresentavam dificuldades em trabalhar com uma grande quantidade de algarismos.

Durante a pesquisa, buscamos encontrar colaboradores que tivessem reprovado no Exame de Admissão, no entanto, apesar de encontrarmos os dados de reprovações nos arquivos analisados, não conseguimos encontrar essas pessoas. Acreditamos que isso é decorrente da dificuldade de falarmos das experiências ruins e dos nossos “fracassos”. As pessoas que encontramos falaram, com orgulho, da conquista da aprovação no Exame de Admissão. Podemos observar essas características nas falas dos nossos depoentes, pois, segundo seus relatos, passar no Exame de Admissão significava mais do que ir para o Ginásio, significava vencer, dar orgulho à família, mostrar ser capaz, e provar para a sociedade que sua família investiu em sua educação.

Diante das contribuições e dados analisados nesta pesquisa, podemos refletir como esse processo de hierarquização ainda é presente, de maneira tão clara e eficaz, em nosso sistema educacional. O Exame de Admissão ao Ginásio foi extinto no ano de 1971, no entanto, quando olhamos a nossa volta, podemos perceber que estamos cercados de processos seletivos e classificatórios, como os vestibulares, ENEM<sup>6</sup>, seleções de mestrados e doutorados, concursos e tantos outros.

E podemos entender bem as relações entre poder e saber que se estabelecem nessas instituições disciplinares. Foucault (2004) nos leva a refletir que esses processos seletivos funcionam, até hoje, como mecanismos eficientes para a seleção, classificação e exclusão de uns em detrimento a outros. Passar significa, assim como nos Exames de Admissão, vencer. Passar vai nos dizer qual o lugar que devemos ocupar na sociedade. Somos treinados e disciplinados para sobreviver a um constante processo de hierarquização que, como podemos perceber, não foi extinto junto com o Exame de Admissão ao Ginásio.

O Exame é um forte instrumento de poder, como nos ressalta Foucault (2004), e, a partir do exame, a escola passa a controlar seus alunos, não apenas pelo fato de medir seus conhecimentos, mas, também, por manter os alunos vigiados e, assim, dependendo de seus resultados (nota), cada um deles devem receber uma recompensa ou um castigo. No Exame de Admissão, assim como nos exércitos, após a realização dos exames, os resultados eram expostos na parede da escola, para que todos pudessem consultar suas notas. Para uns, aquele momento tornava-se mágico, para outros, uma experiência difícil e um símbolo de fracasso.

Foi possível observar, nas falas dos nossos depoentes que, para algumas crianças que estavam saindo do Primário para o Ginásio, este momento do Exame de Admissão era desafiador e lhes causava o sentimento de tensão, ansiedade e medo. Uma das nossas colaboradoras ressalta que alguns dos colegas, ao perceberem as dificuldades durante a preparação para o Exame e, com sua aproximação, escolhiam desistir da escola e ir trabalhar com seus pais. Também podemos perceber, em outra fala do depoente, que, em casa, estava presente um discurso de preocupação com a aprovação no Exame de Admissão. Outro colaborador nos diz que, ao se submeter ao Exame de Admissão, não fazia ideia do tamanho do desafio que estava enfrentando e que, por sorte, conseguiu a aprovação.

Apesar de todos os desafios e dificuldades enfrentadas durante décadas em que o Exame de Admissão ao Ginásio funcionou como o único meio de acesso ao Ginásio, cada colaborador apresenta fortes lembranças desse período de bastante estudo, dedicação e disciplina.

---

<sup>6</sup> ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio.

Apresentam seus argumentos de que para passar deveriam ter os conhecimentos básicos de leitura e das operações fundamentais.

Investigar e analisar o Exame de Admissão ao Ginásio, por meio dos arquivos encontrados e das falas de cada depoente, nos levou a conhecer e levantar seus pontos positivos e negativos e, a partir de então encontrar, mesmo que parcialmente, respostas para nossa questão de pesquisa, na qual nos empenhamos em investigar o Exame de Admissão ao Ginásio e as provas de Matemática desse Exame e o processo de hierarquização que se faz presente nas relações e discursos presentes nas instituições disciplinares e na sociedade de modo peculiar.



## REFERÊNCIAS

AKSENEN, Elizângela Zarpelon. **Os Exames de Admissão ao Ginásio, seu significado e função na Educação Paranaense: Análise dos conteúdos matemáticos (1930-1971)**. Dissertação- Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 145 f. 2013.

AKSENEN, Elizangela Zarpelon; MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck. **A Matemática Presente nos Exames de Admissão ao Ginásio** In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2013. p. 1-14.

AKSENEN, Elizangela Zarpelon; MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck. Um estudo da cultura escolar presente nos Exames de Admissão ao Ginásio com ênfase na disciplina de Matemática. **IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Universidade Católica do Paraná. 2012.

ALENCAR, Alexsandro Coelho. **Vozes do Cariri: monólogos e diálogos sobre a história da formação de professores de matemática no interior do Ceará**. 2019. p.347. Tese. ( Instituto de Geociências e Ciências exatas)- Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro. 2019.

BORBA, Marcelo C. **A pesquisa qualitativa em Educação Matemática**. 27º reunião anual da Anped. Caxambu (MG). p. 21-24. 2004.

CAMPELO, Calebe Lucas Feitosa. **Reforma Capanema e Reforma Mendonça Filho: Primeiras aproximações**. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). 2017. p. 1-9.

CURY, Fernando Guedes; SOUZA, Luzia Aparecida de; Silva, Heloisa da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema - Boletim de Educação Matemática**. UNESP - Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Pesquisa Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, v. 28, n. 49, p. 910-925, 2014.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: Tempo, memória e identidades**. VI Encontro Nacional de História Oral. 2003, p. 9-25.  
Disponível em: <[http://sbem.esquiro.ghost.net/anais/XIENEM/pdf/2570\\_844\\_ID.pdf](http://sbem.esquiro.ghost.net/anais/XIENEM/pdf/2570_844_ID.pdf)>  
Acesso em: 15 ago. 2018.

ERMEL, Tatiane de Freitas; BASTOS, Maria Helena Camara. Ingresso ao Ginásio: Os manuais de preparação ao exame de Admissão (1950-1970). **VII Colóquio Ensino Médio, história e Cidadania**. Universidade do estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. 20º edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e procedimentos**. 2ª. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanista 2006.

GAERTNER, Rosinete; BARALDI, Ivete Maria. Um Ensaio Sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. **Bolema – Boletim de Educação Matemática**. Rio Claro: Unesp, v. 21, n. 30, p. 47-61, 2008.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; SOUZA, Luzia Aparecida de. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **História Oral e Educação matemática**. In: BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAÚJO, Jussara de Loiola. Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática (Orgs.). 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica editora. 2013.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

MACHADO, Rita de Cassia Gomes. **Uma análise dos Exames de admissão ao Secundário (1930-1970): Subsídios para a História da educação Matemática no Brasil**. Dissertação. PUC/SP. São Paulo. 2002.

MARTINS-SALADIM, , Maria Ednéia; SOUZA, Luzia Aparecida de; FERNANDES, Dea Nunes. História oral em educação matemática: contribuições para um referencial. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, v. 32, n. 2, p. 55-66, 2010.

PALMA FILHO, João Cardoso. A Educação Brasileira no Período de 1930 a 1960: A Era Vargas **Pedagogia Cidadã. Cadernos de Formação. História da Educação**. 3. ed. São Paulo: PROGRAD/UNESP- Santa Clara Editora, 2005, p. 61-74.

PINTO, Neuza Bertoni. O significado das provas de admissão ao Ginásio da Escola Estadual de São Paulo No contexto político Educacional do período de 1931 a 1943. In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação**, Curitiba/PR. Anais do Congresso Brasileiro de história da Educação. Curitiba/PR: Editora Universitária Champagnat, 2004.

ROLIN, Nilton; ZANETTE, Bruno. **Hierarquia nas culturas**. Disponível em: <<http://bluwinis.blogspot.com/2010/06/hierarquia-quando-pensamos-sobre-um.html>> Acesso em: 05 ago. 2018.

SILVA, Cristiane. Bereta. da. Era uma vez...uma editora, um livro: Admissão ao Ginásio, Editora do Brasil (Décadas de 1940-1960). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 18, p. 02-25. 2018.

SILVA, Heloisa da.; SOUZA, Luzia Aparecida de. A história Oral na Pesquisa em educação matemática. **Bolema – Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro (SP), ano 20. Nº 28, p. 139-162, 2007.

TORRES, José William Lopes. Poder e discurso a partir de Michel Foucault: Breves análises sobre a genealogia do Biopoder. **Contemporânea - Revista de Ética e Filosofia Política**. Caruaru. V.3, n.1, p. 62-82. 2006.  
v. 1. p.234-234.

VALENTE, Wagner Rodrigues. **Os exames de admissão ao ginásio: 1931-1969.** São Paulo, (Arquivos da Escola Estadual de São Paulo), PUC-SP, 2001. CD- ROM. Volumes 1, 2 e 3.

VALENTE, Wagner Rodrigues. **História da Educação Matemática: Interrogações metodológicas.** REVEMAT, V 2.2, p. 28-49, UFSC: 2007.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Osvaldo Sangiorgi eo Movimento da Matemática Moderna no Brasil. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, v.8, p. 583-613, 2008.

ZUIN, Elenice de Souza Londron. **Exames de admissão ao Gymnasio da capital de São Paulo sob a égide da Reforma Francisco Campos:** as questões relativas ao sistema métrico decimal. p.48-67, 2018.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Roteiro para as entrevistas

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Aluna: Letícia Maria da Silva

Orientador: Silvanio Andrade

Linha de Pesquisa: Sociologia. Filosofia e história da Educação matemática

### 1. IDENTIFICAÇÃO DO COLABORADOR:

- a) Nome
- b) Data de nascimento
- c) Cidade Natal
- d) Formação acadêmica
- e) Profissão

### 2. PRIMÁRIO

- a) Onde estudou o primário
- b) Qual o período
- c) Como era a escola na época (estrutura, acesso, etc...)
- d) Fale sobre as principais lembranças que você tem do primário.
- e) Em relação a disciplina de Matemática, você estudou a tabuada? Quais os conteúdos matemáticos que você estudou?

### 3. O EXAME DE ADMISSÃO AO GINÁSIO.

- a) Onde você fez a inscrição
- b) Em que período você fez o exame de admissão ao Ginásio
- c) Quais as disciplinas que eram cobradas no Exame
- d) Número de questões
- e) Aplicação das provas.
- f) Como você e seus colegas se preparavam para o Exame de Admissão ao Ginásio?
- g) Comente sobre a relação entre os professores e alunos nos cursos de preparação para o Exame de Admissão.

- h) O Senhor poderia me falar um pouco sobre suas expectativas em relação ao Exame de Admissão ao Ginásio?
- i) Fale sobre a importância dada ao Exame de Admissão ao Ginásio por seus pais, professores e colegas.
- j) Era disponibilizado algum material didático para prepará-los para o Exame de Admissão? Como era esse material?
- k) Você sentia medo de ser reprovado no exame? Porque? O que mais contribuía para isso?
- l) Na sua opinião o Exame era fácil ou difícil? Porque?
- m) Quais os conteúdos matemáticos que eram cobrados no Exame de Admissão?
- n) Você conhece alguém que reprovou no Exame de admissão ao Ginásio? Segundo seu ponto de vista o que mais contribuiu para a reprovação desses colegas?
- o) O que você achou de não ser mais obrigatório fazer o Exame de Admissão ao Ginásio para assim poder ter acesso ao Ginásio?

## APÊNDICE B- Modelo da Carta de Retorno

### Carta de Retorno

Prezado (a) colaborador (a),

Venho por meio desta apresentar, para fins de apreciação, legitimação e autorização, o material referente à entrevista que o (a) senhor (senhora) me concedeu no dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ em função da minha pesquisa de mestrado, orientada pelo professor Dr. Silvanio de Andrade, junto ao Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que versa sobre

\_\_\_\_\_. Junto a esta carta seguem os seguintes materiais:

- CD-R contendo cópia digital do áudio da entrevista concedida;
- Um texto impresso intitulado transcrição, contendo a transcrição literal do áudio da entrevista, com todas as hesitações, repetições e outros traços da oralidade. Esse texto servirá para apreciação e comparação entre o áudio da entrevista e a versão a ser publicada, da qual foram suprimidos os traços mais marcantes da oralidade e as repetições;
- Um texto impresso intitulado textualização, que será a versão a ser publicada. Desse texto foram retiradas as repetições e os traços mais marcantes da oralidade, apresentados na transcrição, procurando manter alguns regionalismos e traços característicos do entrevistado. Foram retiradas, também, da textualização, as perguntas do entrevistador, de forma que o texto contém somente as respostas do entrevistado, mantendo o seu nexos e linearidade, visto que o mesmo será apresentado na dissertação como um monólogo. Notas de rodapé foram acrescentadas a esse texto para esclarecer alguns termos, instituições ou personalidades para possíveis leitores do nosso trabalho que não conheçam a região ou a realidade de um determinado aspecto no contexto do trabalho. Conterá também a textualização a ser apresentada na tese um título, o qual segue no texto para apreciação. Portanto, solicito do (da) senhor (senhora), através da assinatura da Carta de Cessão, a legitimação da textualização, reconhecendo-a como registro escrito da entrevista supramencionada, podendo acrescentar ou suprimir informações, caso o (a) senhor (senhora) deseje ou considere relevante para o estudo em questão. A textualização impressa segue com todas as páginas rubricadas por mim, sendo que, depois da assinatura da Carta de Cessão, o depoimento não será mais alterado em seu texto, podendo haver alterações nas notas de rodapé ou na pontuação e acentuação, em virtude de possível revisão ortográfica.
- . A Carta de Cessão, que é o documento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação do texto pelo (pela) senhor (senhora) legitimado, bem como de áudios, imagens e documentos que o (a) senhor (senhora) possa nos ter concedido para esta pesquisa.

Desde já, agradeço a colaboração do (da) senhor (senhora) neste trabalho.

Atenciosamente,

Recebido em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Letícia Maria da Silva.

\_\_\_\_\_

**APÊNCIDE C- Modelo da Carta de Cessão****Carta de cessão**

Eu, \_\_\_\_\_, RG n° \_\_\_\_\_, declaro ceder a Letícia maria da Silva , RG n° 3.710.040, SSDS/PB, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, com duração de \_\_\_\_\_; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral , que me foi apresentada , conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos.

Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua dissertação de mestrado, que versa sobre \_\_\_\_\_, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) de Campina Grande (PB), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos e eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Itambé ( PE), \_\_\_\_\_de \_\_\_\_\_de 2020.

---


Assinatura



## **ANEXOS**

## Anexo 1

Figura 13- Certificado de aprovação no Exame de Admissão ao Ginásio

  
 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
 MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

N. ....

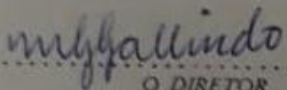
**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO EM EXAMES DE ADMISSÃO À 1ª SÉRIE GINASIAL**

Certificamos que Ana Glória da Natos e Silva .....  
 filho de Antonio da Silva .....  
 e de Antonia de Natos e Silva .....  
 natural de Pernambuco ... nascido em ... 14 ..... de ... março .....  
 de 19 .... foi considerado aprovado nos exames de admissão à 1ª Série Ginásial  
 prestados em 11 ..... de ... dezembro ..... de 19 67 .. nos termos da  
 Lei Nº 4024 de 20 de Dezembro de 1961, obtendo os seguintes resultados.

Português .. 5,5 .....	Matemática .. 5,9 .....
Geografia .. 5,1 .....	Hist. do Brasil .. 6,8 .....
Média Geral ..... 5,8 ..... ( ..... )	

Também 11 de dezembro ..... de 19 67 ..

.....  
O SECRETÁRIO

  
 .....  
 O DIRETOR

Mod. 1

Instituto de s/dio ex-ss Decreto  
 lei n. 8.093, de 2-10-1945

Fonte: Dados da pesquisa

## Anexo 2

Figura 14- Ficha de inscrição para o Exame de Admissão ao Ginásio

ESTADO DE PERNAMBUCO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MÉDIA  
EXAME DE ADMISSÃO DE 1971  
GINÁSIO INDUSTRIAL DE TAMBÉ  
ESTABELECIMENTO

602158  
NÚMERO DE INSCRIÇÃO

170548  
DIA MÊS ANO  
NASCIMENTO

1 2 3 X  
MANHÃ TARDE VESP. INDETE.  
DIURNO NOTURNO

OLÍVIO CARDOSO DE OLIVEIRA  
NOME DO CANDIDATO

TAMBÉ 15/12/70  
LOCAL E DATA

Genyza Maria Nunes de Lira  
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

Fonte: Dados da pesquisa

## Anexo 3

Figura 15- Atestado de vacinação contra varíola

A T E S T A D O

Atesto para os devidos fins, que Obadiah  
James Bezerra, é vacinado contra Varíola, sendo  
clínicamente normal.

Também 12.10.1969  
(Sabino Pinho Neto)  
Dr. Sabino Pinho Neto.

HOSPITAL REGIONAL DE TAMBÉ  
També - Pernambuco

Fonte: Dados da pesquisa

## Anexo 4

Figura 16 -Atestado de vacinação e sanidade mental

Departamento de Assistência Hospitalar  
**HOSPITAL REGIONAL DE TAMBÉ**  
 També - Pernambuco

Nome Atestado

Atesto que maria Dalva  
 Beurenço Soares não sofre  
 de moléstias infectocontá-  
 giosas, não tem defeitos  
 físicos e goza de sani-  
 dade mental.

També, 30 de outubro de 1970  
 Manoel Alves  
 CRM. M. N.º 085 - P.

Em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Médico

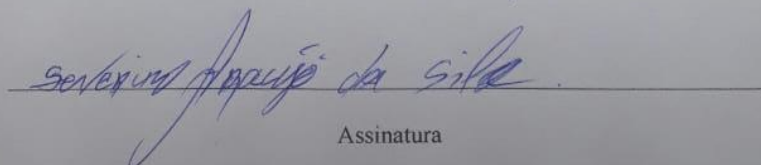
Voltando a consulta queira trazer esta receita

Fonte: Dados da pesquisa

**Anexo 5: Cartas de cessão****Carta de cessão**

Eu, Severino Araújo da Silva, RG n° 93276215/p, declaro ceder a Leticia Maria da Silva, RG n° 3.710.040, SSDS/PB, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 24 de outubro de 2019, com duração de 46' 7" (quarenta e seis minutos e sete segundos); sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua dissertação de mestrado, que versa sobre O Exame de Admissão ao Ginásio com ênfase na disciplina de Matemática e o Processo de Hierarquização, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) de Campina Grande (PB), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos e eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

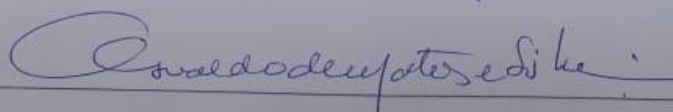
Itambé (PE), 29 de junho de 2020.

  
Assinatura

**Carta de cessão**

Eu, Osvaldo de Matos e Silva, RG nº 2215671-PE, declaro ceder a Leticia Maria da Silva, RG nº 3.710.040, SSDS/PB, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13 de abril de 2019, com duração de 56' 34" (cinquenta e seis minutos e trinta e quatro segundos); sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua dissertação de mestrado, que versa sobre O Exame de Admissão ao Ginásio com ênfase na disciplina de Matemática e o processo de Hierarquização, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) de Campina Grande (PB), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos e eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Itambé (PE), 29 de junho de 2020.

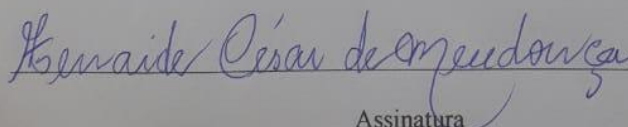


Assinatura

**Carta de cessão**

Eu, Zenaide César de Mendonça, RG nº 1.144.195/SDS-PE, declaro ceder a Letícia Maria da Silva, RG nº 3.710.040, SSDS/PB, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13 de março de 2020, com duração de 52' 47" (cinquenta e dois minutos e quarenta e sete segundos); sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua dissertação de mestrado, que versa sobre O Exame de Admissão ao Ginásio com ênfase na disciplina de Matemática e o Processo de Hierarquização, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) de Campina Grande (PB), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos e eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Itambé (PE), 29 de junho de 2020.



Assinatura